

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS**

TATIANE PERUCELLI

**CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL GAÚCHA: ANÁLISE DAS
PRODUÇÕES ACADÊMICAS E A REALIDADE DE UM CENTRO DE TRADIÇÃO
GAÚCHA**

PONTA GROSSA

2020

TATIANE PERUCELLI

CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL GAÚCHA: ANÁLISE DAS
PRODUÇÕES ACADÊMICAS E A REALIDADE DE UM CENTRO DE TRADIÇÃO
GAÚCHA

Dissertação apresentada para obtenção do título de mestre em Ciências Sociais Aplicadas na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Área de concentração: Cidadania e Políticas Públicas. Linha de Pesquisa: História, Cultura e Cidadania.

Orientador: Prof. Dr. Miguel Archanjo de Freitas Junior

PONTA GROSSA

2020

P471 Perucelli, Tatiane
Construção da identidade cultural gaúcha: análise das produções acadêmicas e a realidade de um centro de tradição gaúcha / Tatiane Perucelli. Ponta Grossa, 2020.
117 f.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas - Área de Concentração: Cidadania e Políticas Públicas), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientador: Prof. Dr. Miguel Archanjo de Freitas Junior.

1. Identidade. 2. Cultura. 3. Identidade cultural. 4. Cultura gaúcha. I. Freitas Junior, Miguel Archanjo de. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cidadania e Políticas Públicas. III.T.

CDD: 306.4

TERMO DE APROVAÇÃO

TATIANE PERUCELLI

Construção da Identidade Cultural Gaúcha: análise das produções acadêmicas e a realidade de um centro de tradição gaúcha.

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:

Ponta Grossa, 27 de maio de 2020.

Assinatura pelos Membros da Banca:



Prof. Dr. Miguel Archanjo de Freitas Jr - UEPG – PR - Presidente

Prof. Dr. Fernando Renato Cavichioli - UFPR - Membro Externo

Prof. Dr. Gonçalo Cassins Moreira do Carmo - UEPG - PR - Membro Interno

Prof. Dr. André Mendes Capraro – UTFPR – PR – Suplente

Prof. Dr. Bruno Pedroso - UEPG - PR - Suplente

À memória de meus avós, Genoveva da Silva e Adir Soares Pinto, grandes influenciadores/inspiradores de meus estudos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente à Deus, pelo dom da vida, proporcionando a construção dessa caminhada profissional e acadêmica.

Aos meus pais, Osmar Perucelli e Vildete Soares Perucelli, meu irmão Fernando Soares Perucelli, pelo incentivo e apoio.

Ao meu noivo, Edilson de Oliveira por me apoiar e incentivar em todos os momentos de minha vida, sejam eles: acadêmicos, profissionais e pessoais. Sem você esse caminho não seria percorrido com tanta persistência. Mais uma conquista compartilhada juntos. Espero que venham muitas no decorrer dos anos.

A Prof^a. Josilene Aparecida Soares de Freitas pelas conversas que sempre tivemos, que me encorajaram a estudar e me especializar cada vez mais, sei que sem sua fala, em uma oficina no Colégio Estadual Regente Feijó, não estaria concluindo este projeto de vida, levo a lembrança desse momento em meu coração, pois a admiro muito.

Ao meu orientador Prof^o. Dr. Miguel Archanjo de Freitas Junior, por assumir a responsabilidade de orientação. Por acreditar no potencial de seus alunos, incentivando-os para progredirem em suas vidas profissionais e acadêmicas, sabemos que sua missão como professor está sendo cumprida com grandeza, pois para nós, não trata-se somente de um professor que passou em nossa formação, e sim um amigo, que nos estende a mão para caminharmos juntos, nas alegrias e tristezas.

Ao Prof^o Dr. Gonçalo Cassins Moreira do Carmo, por ser parte dessa conquista, sempre incentivando desde a graduação nos projetos de vida e nos estudos, tenho certeza que também é um dos professores que marcaram minha formação inicial como professora.

Ao Prof^o Dr. Fernando Renato Cavichiolli, pela disponibilidade de colaborar com o estudo, suas considerações foram de suma importância para a qualidade da dissertação.

Aos meus amigos: Kathlyn Schafranski, Wellinton Prestes da Luz, Rafael Semkiw dos Santos, Elisangela de Fátima Santos e Aline Fernanda Franco, pelos anos de amizade, pelas alegrias e momentos inesquecíveis que passamos nesta fase, sempre me mostrando dias melhores, e que a amizade nos fortalece todos os dias. Quero muito dividir anos e anos dessa amizade, perrengues, festas, baladas, barzinhos, visitas e tudo mais.

A minha amiga do mestrado, Marli de Freitas Mendes, pelas conversas que acalentaram meu coração angustiado e minha mente turbulenta, espero que essa amizade permaneça, dividir esse tempo com você, foi muito importante para mim.

Aos meus sogros, Roseli da Rosa e Zacarias de Oliveira, pelas palavras de acalento e apoio estrutural, que deram em minha vida e na vida do Edilson.

A patronagem do Centro de Tradição Gaúcha que acompanhei, por todo apoio, paciência e confiança depositada nos contatos que tivemos para a realização deste estudo.

Agradeço a Lilian Renata Ferreira, pelo apoio e recepção desde sempre, retirando dúvidas, explicando os acontecimentos, dividindo aspectos da vida pessoal, espero que essa nossa amizade ainda perdure, e que tenha muitos frutos.

Agradeço a CAPES pela bolsa concedida, pois isso me permitiu dedicação integral às atividades do PPGCSA.

Agradeço a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a conclusão desta pesquisa, bem como meu crescimento e amadurecimento.

É nisso que nós, habitantes do líquido mundo moderno, somos diferentes. Buscamos, construímos e mantemos as referências comunais de nossas identidades em movimento – lutando para nos juntarmos aos grupos igualmente móveis e velozes que procuramos, construímos e tentamos manter vivos por um momento, mas não por muito tempo. (Zigmunt Bauman)

RESUMO

A cultura e a identidade brasileira são plurais e diversificadas, decorrente dos processos de imigração e migração pelo grande espaço geográfico do país, aos inúmeros momentos de socialização ocorridos em espaços marcados por heterogeneidades, bem como pelas singularidades de cada indivíduo. Por este motivo, o presente estudo busca dar resposta ao seguinte problema: como a literatura acadêmica relata o processo de construção da identidade cultural gaúcha? Partindo desta percepção buscou-se verificar *in lócus* se o que é apresentado pela literatura brasileira efetivamente ocorre no cotidiano de um Centro de Tradição Gaúcha localizado fora do Rio Grande do Sul. Deste modo, o objetivo geral da dissertação foi identificar e analisar o que a literatura científica produzida no Brasil apresenta sobre processo de construção de uma identidade cultural gaúcha. Para tanto, a dissertação foi construída a partir do método escandinavo, que propõe em sua estruturação, o desenvolvimento de artigos que possuem complementariedade para a compreensão do problema de pesquisa. Através do estado do conhecimento do artigo 1 nota-se que nenhum dos trabalhos encontrados, relata o uso do termo “identidade cultural” e sua relação com a cultura gaúcha demonstra-se através de estudos abordam um imaginário criado em torno da figura do gaúcho. Além disso, a maioria dos estudos é realizado na região Sul do país, em especial no Rio Grande do Sul, demonstrando a carência de estudos com outras perspectivas da cultura gaúcha em outros locais de convivência e identificação. Com o artigo 2 identificou-se uma constante utilização do autor Stuart Hall nos estudos, os quais apresentavam definições repetitivas sobre identidade cultural, evidenciando assim a falta de discussões aprofundadas sobre este conceito. Diante desta lacuna, realizou-se no artigo 3 uma análise dos conceitos de cultura e identidade. Ressalta-se que compreender esses conceitos possuem várias abordagens, é sair de uma perspectiva isolada de pensamento, no intuito de serem repensados e então dialogados a partir de novos quadros teóricos. Observando que o processo de identificação cultural passa por uma essência inicial, a raiz da cultura, que pode ser perpetuada pelo o indivíduo, ou não. Abrindo assim novas visões para o mundo e sua cultura nos processos de identificação. Diante do exposto, o artigo 4 permitiu constatar que os processos de identificação cultural em situações diaspóricas acontecem a partir de um distanciamento das tradições vivenciadas na terra abandonada, um elo se forma com a cultura ao qual foi inserido anteriormente e que no presente se faz distante. Observa-se que o gaúcho em sua vivência no CTG, busca trazer os aspectos mais próximos da cultura que foi deixada, no qual duas culturas convergem com seus propósitos: tradicionalista e a tradicional, esta última mais aberta a mudanças e aceitação dos locais inseridos, no qual os processos de diferenciação começam a influenciar na cultura tornando-a mais flexível e aberta a novos hábitos e costumes. Por fim, nota-se que a identidade cultural é totalmente construída e sofre alterações conforme as experiências dos indivíduos, no qual cada sujeito torna-se responsável em fazer de suas tradições a construção do seu próprio eu. Reforçando como a adaptação dos gaúchos se faz presente através da criação dos CTGs, na tentativa de não se perder totalmente a cultura gaúcha.

Palavras-chave: Identidade; cultura; identidade cultural; cultura gaúcha.

ABSTRACT

Brazilian culture and identity are plural and diversified, due to the processes of immigration and migration across the country's great geographic space, to the countless moments of socialization that took place in spaces marked by heterogeneities, as well as by the singularities of each individual. For this reason, the present study seeks to answer the following problem: how does the academic literature report the process of construction of the gaúcha cultural identity? Based on this perception, we sought to verify in locus whether what is presented in Brazilian literature effectively occurs in the daily life of a Gaúcha Tradition Center located outside Rio Grande do Sul. Thus, the general objective of the dissertation was to identify and analyze what the scientific literature produced in Brazil presents about the process of building a gaúcha cultural identity. For this, the dissertation was built from the Scandinavian method, which proposes in its structuring, the development of articles that have complementarity to understand the research problem. Through the state of knowledge in article 1, it is noted that none of the works found reports the use of the term “cultural identity”, and its relationship with gaúcho culture is demonstrated through studies addressing an imaginary created around the figure of the gaúcho . In addition, most studies are carried out in the southern region of the country, especially in Rio Grande do Sul, demonstrating the lack of studies with other perspectives of Rio Grande do Sul culture in other places of interaction and identification. With article 2, a constant use of the author Stuart Hall was identified in the studies, which presented repetitive definitions about cultural identity, thus evidencing the lack of in-depth discussions about this concept.

Given this gap, an analysis of the concepts of culture and identity was carried out in Article 3. It is noteworthy that understanding these concepts has several approaches, it is to leave an isolated perspective of thought, in order to be rethought and then dialogued from new theoretical frameworks. Observing that the cultural identification process goes through an initial essence, the root of the culture, which can be perpetuated by the individual, or not. This opening new visions for the world and its culture in the identification processes. In view of the above, article 4 made it possible to verify that the processes of cultural identification in diasporic situations happen from a distance from the traditions experienced in the abandoned land, a link is formed with the culture to which it was previously inserted and that in the present is distant . It is observed that the gaúcho in his experience at CTG, seeks to bring the aspects closer to the culture that was left, in which two cultures converge with his purposes: traditionalist and traditional, the latter more open to changes and acceptance of the inserted places, in which differentiation processes begin to influence culture making it more flexible and open to new habits and customs. Finally, it is noted that cultural identity is fully constructed and undergoes changes according to the experiences of individuals, in which each subject becomes responsible for making their traditions the construction of their own self. Reinforcing how the adaptation of the gaúchos is present through the creation of the CTGs, in an attempt to not totally lose the gaúcho culture.

Keywords: Identity; culture; cultural identity; gaúcho culture.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CTG	Centro de Tradição Gaúcha
MTG	Movimento Tradicionalista Gaúcho
RT	Região Tradicionalista
CBTG	Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha
CITG	Confederação Internacional da Tradição Gaúcha

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 ESTADO DO CONHECIMENTO: ANÁLISE DOS ARTIGOS PUBLICADO EM TORNO DA CULTURA GAÚCHA E IDENTIDADE CULTURAL	20
2.1 INTRODUÇÃO.....	20
2.2 METODOLOGIA.....	24
2.3 DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS	28
2.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	38
3 IDENTIDADE CULTURAL: UM ESTADO DO CONHECIMENTO DOS REFERENCIAIS TEÓRICOS EMPREGADOS EM TORNO DESSE CONCEITO.....	41
3.1 INTRODUÇÃO.....	41
3.2 METODOLOGIA.....	43
3.3 COMPREENDENDO A ESTRUTURAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL A PARTIR DOS ESTUDOS SELECIONADOS.....	47
3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS	59
4 CULTURA E IDENTIDADE: COMPREENDENDO O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO/DESTRUIÇÃO DO CONCEITO DE IDENTIDADE CULTURAL.....	64
4.1 INTRODUÇÃO.....	65
4.2 IDENTIDADE.....	69
4.3 CULTURA	74
4.4 RELAÇÕES DOS CONCEITOS DE IDENTIDADE E CULTURA, PARA O ENTENDIMENTO DA IDENTIDADE CULTURAL	79
4.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS	83
5 O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE CULTURAL: DISPERSÃO DO POVO GAÚCHO PARA UMA CIDADE DO PARANÁ	85
5.1 INTRODUÇÃO.....	85
5.2 CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE CULTURAL: A CULTURA GAÚCHA EM QUESTÃO	87
5.3 CULTURA GAÚCHA E SUA CHEGADA NO PARANÁ.....	94
5.4 PERCEPÇÃO DA CULTURA GAÚCHA FORA DO RIO GRANDE DO SUL: UM RELATO DE CASO EM PONTA GROSSA	100
5.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	108

REFERÊNCIAS	109
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	112
REFERÊNCIAS	115

1 INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, estabeleceu-se uma abordagem sociológica para entendimento de que a cultura teria a missão de educar as massas, a fim de refinar seus costumes, melhorando a sociedade e aproximando os menos favorecidos dos mais favorecidos (baixa sociedade da alta sociedade). (BAUMAN, 2013). Neste olhar, a cultura era a ferramenta principal para a construção de uma nação, de um Estado e Estado-nação, mantida nas mãos de uma classe dita instruída. Deste modo, ao mesmo tempo em que a cultura preservava um modo de vida, ela também poderia ser responsável pela mudança do *status quo* de outros grupos, tornando-se “[...] um instrumento de navegação para orientar a evolução social rumo a uma condição humana universal”. (BAUMAN, 2013, p.12).

Neste contexto, a sociedade ocidental passou a se ver como a detentora de toda a “cultura” e responsável por retirar os povos ditos primitivos da falta de instrução. Destaca-se então, no processo civilizador, de Norbet Elias (1994), dois conceitos: civilização (originada do inglês e francês) e *kultur* (originada do alemão), sendo o primeiro representando uma sociedade ocidental superior as sociedades antigas, englobando fatos políticos ou econômicos, religiosos ou técnicos, morais ou sociais, realizações, atitudes ou comportamento das pessoas; e o segundo relaciona-se com fatos intelectuais, artísticos e religiosos, referindo-se ao comportamento da pessoa em relação a definição de civilização, descrevendo o caráter e valor de determinados produtos humanos, e não apenas expressos pelo valor intrínseco da pessoa.

Enquanto, uma aproxima e minimiza as diferenças nacionais entre os povos, dando uma continuidade a expansão de grupos colonizadores, a outra dá ênfase as diferenças nacionais e a identidade particular de grupos, ressaltando que uma nação teve a oportunidade de buscar e constituir incessantemente suas fronteiras, demarcando suas diferenças e detalhes, respectivamente. (ELIAS, 1994).

Porém, em alguns estudos antropológicos de Bronislaw Malinoski (1978), Franz Boas (2005), Clifford Geertz (2008) e Marconi e Pressoto (2010), o termo cultura toma outras assimilações, sendo algo particular de cada grupo, uma vez que cada povo, em seu modo de vivência traz consigo conhecimentos, simbologias e crenças que são próprios de cada nação, não denotando um povo mais instruído que outro, mas sim grupos com formações distintas e particulares de sua evolução.

A cultura sob esse olhar antropológico age na estruturação dos hábitos, costumes, técnicas, crenças, normas etc. Contudo, Bauman (2013) ressalta que algumas mudanças na

cultura e na identidade são decorrentes da transformação da modernidade, no qual modificou-se o estado sólido das culturas e identidades, para uma fase líquida, trazendo fluidez aos processos de identificação e preservação dessa cultura.

Assim, a cultura passaria a concentra-se em atender as necessidades individuais, ajustando-se à liberdade individual de escolha, também atribuindo responsabilidade ao indivíduo sobre essa escolha, garantido que essa escolha seja e continue sendo um dever ou uma necessidade de vida, contribuindo para o indivíduo ser seu gerente principal. (BAUMAN, 2013). Para o autor, a cultura consiste, a partir desse momento em: permitir ofertas, proposições, não mais normas e proibições.

Adentrando no debate sobre cultura, Santos (2004) ressalta que passamos por uma crise de legitimidade na cultura, citando Bourdieu (1983,1989) salienta que “[...] as articulações entre consumo, estilos de vida e distinção social constituem um dos eixos fundamentais na Sociologia da Cultura, na medida em que permitem vislumbrar formas de dominação política transmutadas em poder simbólico”. (SANTOS, 2004, p. 76).

Para o autor, vários campos de práticas sociais constituem-se através de uma hierarquia de legitimidades, em que alargam-se em estruturas sociais objetivas, originando o princípio do *habitus* como um estruturador das ações sociais. De acordo com Bourdieu (2011), o *habitus* é um sistema de esquemas de produção de práticas e, ao mesmo tempo, um sistema de esquemas de percepção e apreciação destas práticas. Em ambos os casos, a posição social em que estas práticas foram aprendidas são expressas pelos agentes, destacando que os *habitus* são “[...] diferenciados; mas são também diferenciadores. Distintos, distinguidos, eles são também operadores de distinções: põem em práticas princípios de diferenciação diferentes ou utilizam diferenciadamente os princípios de diferenciação comuns”. (BOURDIEU, 2011, p.22).

Assim, uma diferença torna-se visível e socialmente pertinente, quando os agentes são capazes de identificar e compreender os sentidos do signo ou signos de distinção (BOURDIEU, 2011). Porém, quando volta-se o olhar para os indivíduos questiona-se, o que leva os mesmos a identificarem-se com determinada cultura e nela permanecerem anos, contribuindo para que suas famílias preservem/transmitam suas crenças e tradições?

Nota-se que a cultura e a identidade brasileira são plurais e diversificadas, decorrente dos processos de imigração e migração pelo grande espaço geográfico do país, aos inúmeros momentos de socialização ocorridos em espaços marcados por heterogeneidades, bem como pelas singularidades de cada indivíduo. Deste modo, percebe-se na população brasileira diversas manifestações culturais, cada qual com sua apropriação de símbolos ou expressões,

colaborando para que a cultura brasileira seja peculiar, pois existem inúmeras fronteiras culturais. (OLIVEN, 2008).

Entretanto, em muitos casos, esses símbolos étnicos locais convertem-se em símbolos nacionais. Essas apropriações contribuem para a formulação de uma cultura nacional, originando uma espécie de alfabetização universal, para uma “única língua” de comunicação entre a nação. Deste modo, sempre que nos identificamos como brasileiros, estamos assumindo uma identidade nacional, composta de símbolos e representações, organizando nossas ações perante o que achamos que tem de nós mesmos e que esse processo de identificar-se, compreende sentido e constrói identidades. (OLIVEN, 2008).

Porém, quando volta-se para a construção identitária de uma nação, com características ditas nacionais, que dão sentido a sua identidade, percebe-se que estas estão contidas na história. Muitas vezes contadas através de memórias e por imagens construídas, corroborando para a elaboração de uma “comunidade imaginada”, originada de um imaginário de representações positivas de determinada população, sendo assim questionável, pois a população que as originou, nem sempre vive desta maneira. (HALL, 2002).

Neste sentido, nota-se nos movimentos que propagam a cultura gaúcha, várias vertentes, diferentes discursos e contradições. Para estudar a cultura é necessário observar a sua singularidade, haja vista a complexidade deste conceito, que parte do indivíduo, influenciado pelos seus *habitus*, que tem relação com as redes sociais de convivência, as quais não são homogêneas. Por vezes, os valores transmitidos sofrem influências e são influenciados por novas culturas de quem chega e pela tentativa de manter o status quo por parte daqueles que estão no poder, ou acreditam nos elementos identitários como o cerne da manutenção dos valores de um povo. Por este motivo, a cultura necessita ser analisada de maneira particular, a partir de seus aspectos e suas formulações, interpretando como iniciou-se e ainda preserva-se.

Esses processos de identificação são destacados em estudos sobre as Tradições Gaúchas (OLIVEN, s/d; OLIVEN, 1985; LUVIZOTTO, 2009; LUVIZOTTO, 2010, MACIEL, 2005). Nestes estudos, a figura do gaúcho é expressa por um homem livre e errante, que vive sobre seu cavalo, admirando as superfícies das áreas pastoris, que continua embarcando em diversas décadas e está presente atualmente no cotidiano dos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs). Porém, que necessitou desde o século XIX, ser lembrado, pois essa figura do gaúcho estava praticamente extinta, necessitando da preservação desse elemento. (OLIVEN, s/d).

Na perspectiva de Hall (2002), as velhas identidades estão em declínio, colaborando para o surgimento de novas identidades e fragmentando um indivíduo moderno, que até agora

era um sujeito unificado. Segundo o autor, as sociedades modernas estão passando por constantes mudanças, transformações, influenciando as identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós mesmos, caracterizando o deslocamento ou descentramento do sujeito, denotando a necessidade de estar atento que a identidade está associada à mudança na modernidade tardia, essa mudança é caracterizada pela globalização, que de alguma forma impacta a identidade cultural.

Deste modo, a globalização, forma avançada e complexa da internacionalização, com fluxos de capitais e atividades econômicas dispersas em escala planetária (HAESBAERT; LIMONAD, 2007), pode colocar em risco, os valores do povo gaúcho, mantendo uma possibilidade de diferenciação do que é o gaúcho no Rio Grande do Sul e no resto do país. Compreendendo que essas identidades culturais possuem uma história, que no decorrer do tempo sofreram transformações constantes, estando longe de estarem fixadas a um passado essencializado. Estando sujeitas ao contínuo “jogo” da história, da cultura e do poder, em que as identidades culturais constroem-se como pontos de identificação instáveis e suturados, construídos no interior dos discursos da cultura e da história. (HALL, 1996).

Neste momento, a identidade cultural passa a ser um ponto de referência para o indivíduo, porém sua constituição advém de influências históricas e de jogos de poder, corroborando para a elaboração de uma identidade cultural imaginada, deixando de lado, características que não fazem mais parte de determinada cultura. Então, segundo Hall (2002), citando Anthony Giddens (1990), neste tipo de sociedade, a sociedade de modernidade tardia, existe uma veneração do passado, perpetuando símbolos e valores, na tentativa de manter-se uma continuidade do passado, no presente e no futuro, no entanto a globalização e as sociedades modernas possuem outro fluxo, mais dinâmico e constante.

Quando observa-se os movimentos diaspóricos do povo gaúcho para outras regiões do Brasil, fica evidente as dificuldades de estabilização no local chegado, pois os indivíduos encontram-se em uma condição vulnerável ou incerta, deste modo, sempre buscam manter laços intensos e frequentes com o lugar de origem e com os conterrâneos. Assim, novos modos de estabilização são buscados, na tentativa de superar as dificuldades para integrar-se à sociedade receptora, possibilitando a criação de redes de solidariedade, lugares emblemáticos de encontro e diversão, intensificando os costumes e reimaginando a comunidade perdida que ficou distante. (CANCLINI, 2007, p.111).

Para atender a estes anseios, originaram-se os CTGs, espaços culturais em que buscase a preservação da tradição gaúcha. (OLIVEN, 1985). Atualmente, o Movimento

Tradicionalista Gaúcho é regulamentado por um órgão nacional, denominado Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha (CBTG), nível nacional e que possui ligação com a internacional, que é a Confederação Internacional da Tradição Gaúcha (CITG) (junção de três países: Brasil, Argentina e Uruguai), em nível regional tem-se no órgão regulamentador dos Centros de Tradição Gaúcha (CTG), Movimento Tradicionalista Gaúcho do Paraná (MTG-PR).

Neste MTG- PR em seu estatuto do ano de 2018, no Artigo 2º apresenta-se como objetivo “[...] promover a cultura, a defesa e a conservação do patrimônio histórico e artístico, e congregar os Centros de Tradições Gaúchas (CTGs), preservando o núcleo de formação gaúcha, e a filosofia do movimento tradicionalista constante em sua carta de princípios [...]”. (MTG - PR, 2018, p.1). Como parte integrante deste órgão, nota-se a presença de regulamentos, códigos de ética, códigos disciplinar, manual de pilchas gaúchas (vestuário) e diretrizes que mantém características gaúchas de forma igualitária dentro de todos os CTGs que fazem parte dentro desse órgão (MTG-PR).

Complementando a organização dos CTGs, os mesmos são distribuídos em Regiões Tradicionalistas (RT), sendo no Paraná 17 RTs, compreendidas por diversas cidades, no quadro 01 destaca-se o número de CTGs que estão disponíveis em cada RT e seu total com 353 CTGs:

QUADRO 01 – Levantamento dos Centros de Tradições Gaúchas.

Levantamento Centros de Tradição Gaúcha (CTGs) no Paraná - Movimento Tradicionalista Gaúcho do Paraná – MTG	
REGIÕES TRADICIONALISTAS (RTs)	NÚMERO DE CTGS
1º RT	80
2º RT	68
3º RT	8
4º RT	9
5º RT	9
6º RT	28
7º RT	13
8º RT	6
9º RT	17
10º RT	18
11º RT	12
12º RT	12
13º RT	14
14º RT	24
15º RT	5
16º RT	16
17º RT	14
TOTAL	353

FONTE: Os autores. Criado com os dados do site do Movimento Tradicionalista Gaúcho do Paraná (<https://www.mtgparana.org.br/>).

Nota-se pelas divisões até então estabelecidas que o Movimento Tradicionalista Gaúcho se faz presente no Estado do Paraná, em que todas as regiões são contempladas com CTGs, como uma estrutura estruturada e estruturante, como salienta Bourdieu (2011), ao trata do campo de produção cultural:

[...] propõem, aos que neles estão envolvidos, um espaço de possíveis que tende a orientar sua busca definindo o universo de problemas, de referência, de marcas intelectuais (frequentemente constituídas pelos nomes de personagens-guias), de conceitos em “ismo”, em resumo, todo sistema de coordenadas que é preciso ter em mente – o que não quer dizer na consciência – para entrar no jogo. (BOURDIEU, 2011, p.53).

Observando a estrutura presente na constituição do MTG tem-se na cultura gaúcha há presença de alguns elementos identitários para constituir os CTGs, como: vestuário, modos éticos e disciplinares, estatutos e diretrizes para que o integrante possa “entrar dentro do jogo”, colaborando para que este campo seja influenciador de novas práticas.

Nota-se no exposto até o momento, que a cultura gaúcha possui órgãos regulamentadores, que tentam preservar a cultura e propagar as tradições através dos CTGs. A partir deste contexto apresentado, o presente estudo busca dar resposta ao seguinte problema: como a literatura acadêmica relata o processo de construção da identidade cultural gaúcha? Partindo desta percepção buscou-se verificar *in lócus* se o que é apresentado pela literatura brasileira efetivamente ocorre no cotidiano de um CTG localizado fora do Rio Grande do Sul.

A presente dissertação foi construída a partir do método escandinavo, que propõe em sua estruturação, o desenvolvimento de artigos que possuem complementariedade para a compreensão do problema de pesquisa. Contudo, como a adoção deste método é incipiente na formulação de teses e dissertações em algumas áreas do meio acadêmico, é importante destacar que nas Ciências Sociais, não há consenso quanto as normas específicas que devem ser utilizadas para sua adoção. As exigências comuns são¹: uma introdução, objetivos da pesquisa, metodologia, se não for contemplada nos artigos, os artigos propriamente ditos e por fim as considerações finais do estudo, articulando dos estudos com o objetivo geral da investigação.

Deste modo, o objetivo geral da presente dissertação foi identificar e analisar o que a literatura científica produzida no Brasil apresenta sobre processo de construção de uma

¹ Uma das poucas normativas para a elaboração de teses e dissertações com o método escandinavo, é a do Programa Stricto Sensu de Pós-Graduação Associado em Educação Física da Universidade Estadual de Maringá e Universidade Estadual de Londrina. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/ppgef/portal/pages/arquivos/Arquivos%20UEL/MODELO%20ESCANDINAVO%2031-01-17.pdf>. Último acesso em: 27/03/2020.

identidade cultural gaúcha. Análise que foi pormenorizada em outros 4 estudos interdependentes:

O Artigo 1, intitulado ESTADO DO CONHECIMENTO: ANÁLISE SOBRE A CULTURA GAÚCHA E IDENTIDADE CULTURAL, objetivou mapear e compreender a produção científica em torno da cultura gaúcha, para entender como estão sendo elaboradas os estudos sobre o tema. Será submetido na revista Sociedade e Cultura, com Qualis B2, na área de avaliação interdisciplinar, ou em revista similar.

Com o Artigo 2 IDENTIDADE CULTURAL: UM ESTADO DO CONHECIMENTO DOS REFERENCIAIS TEÓRICOS EMPREGADOS EM TORNO DESSE CONCEITO, objetivou-se identificar a teoria utilizada para dar suporte teórico para o entendimento dos conceitos identidade e cultura, através de um estado de conhecimento. Encontrando-se em fase de correção, para reenvio na Revista História e Cultura, ou em revista similar.

Já o Artigo 3 CULTURA E IDENTIDADE: COMPREENDENDO O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO/DESCONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE IDENTIDADE CULTURAL, teve como objetivo compreender como os conceitos de identidade e cultura completam-se na contribuição do entendimento da identidade cultural. Através de uma revisão de literatura, expondo a evolução dos conceitos de cultura e identidade, e posteriormente a contribuição para a elaboração de uma identidade cultural, através da perspectiva desconstrutivista. O artigo encontra-se publicado na revista: Cadernos de Estudos Culturais, que possui um dossiê exatamente com a seguinte temática: Corpos Epistêmicos, que foi publicado no segundo semestre de 2019, volume 2, corroborando para discussões de conceitos, rompendo com velhos conceitos modernos.

Por fim, o objetivo do Artigo 4, intitulado O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE CULTURAL: DISPERSÃO DO POVO GAÚCHO PARA UMA CIDADE DO PARANÁ, foi compreender as estruturas de construção e o processo de identificação em um centro de tradição gaúcha, localizado na cidade de Ponta Grossa- Paraná. Buscou-se compreender a dispersão do povo gaúcho para o Paraná, bem como, as estratégias utilizadas para a manutenção da cultura gaúcha em um espaço identitário tradicional. Este artigo será submetido a uma revista interdisciplinar.

Assim, na perspectiva acadêmica e profissional, o presente estudo justifica-se por atender a um dos objetivos do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), que é o fomento de pesquisas, que se proponham a discutir questões e demandas diretamente relacionadas à região em que está

localizada a universidade. O estudo também propõe um diálogo conceitual e metodológico interdisciplinar através das análises sobre identidade e cultura, as quais pois só podem ser compreendidas densamente ao articular os conhecimentos de diferentes áreas, tais como: antropologia, sociologia, história e geografia.

Deste modo, buscou-se através da interdisciplinaridade, a construção do saber científico que considere a complexidade dos fenômenos da vida social, contemplando a dimensão conceitual da cultura e da identidade, mas ancorando-se em experiência empíricas que dão vida ao objeto de estudo. Quanto a dimensão pessoal, cabe ressaltar que a pesquisa relaciona-se com a vida da autora, pois seus avós eram ligados a cultura gaúcha, deste modo, muitos costumes e tradições ainda prevalecem nas práticas cotidianas da família.

2 ESTADO DO CONHECIMENTO: ANÁLISE SOBRE A CULTURA GAÚCHA E IDENTIDADE CULTURAL

Miguel Archanjo de Freitas Junior

Tatiane Perucelli

RESUMO: O presente artigo busca compreender as discussões presentes sobre identidade cultural nos estudos que abordam a cultura gaúcha, salientando-se a presença ou não da identidade cultural. Para isto, optou-se pela elaboração de um estado do conhecimento. Notando-se que nenhum dos trabalhos encontrados, relata o uso do termo “identidade cultural” e sua relação com a cultura gaúcha, demonstrando que em sua maioria, os estudos abordam um imaginário criado em torno do gaúcho. Além disso, a maioria dos estudos é realizado na região Sul do país, em especial no Rio Grande do Sul, demonstrando a carência de estudos com outras perspectivas da cultura gaúcha em outros locais de convivência e identificação.

PALAVRAS-CHAVES: Identidade, Identidade Cultural, Gaúcho e Cultura Gaúcha.

2.1 INTRODUÇÃO

O conceito de identidade manifesta-se como complexo, apresentando diversas abordagens a seu respeito, uma delas expressa pelo autor Stuart Hall (2011), salienta que a identidade não é fixa, integral, originária e unificada. Conforme isto, esse termo passa por algumas desconstruções, sendo entendido por diversos autores como algo em constante construção, relacionada a diversos meios de sociabilização e vivências.

Na visão de Bauman (2005), a identificação pode ser uma dimensão divisiva e fortemente diferenciadora, ora sendo um processo de identificação que pode acontecer de acordo com aqueles que desarticulam as suas identidades mais ou menos a própria vontade, escolhendo-a através de um leque de ofertas amplo, ora por aqueles que tiveram negado o acesso à escolha da identidade, que não possuem direito de manifestar suas preferências e no final veem-se oprimidos por identidades aplicadas ou impostas pelos outros. Sendo assim, a maioria das pessoas oscila nesses dois lados, sem jamais ter certeza do tempo da duração de sua liberdade de escolher, o que deseja e o que desagrada.

Assim, a identidade apresenta-se como uma ideia ambígua, uma faca de dois gumes, um grito de guerra de indivíduos que desejam ser imaginados (BAUMAN, 2005). Em um dado momento o gume da identidade é utilizado contra pressões coletivas, por indivíduos que apegam-se as suas próprias crenças e modos de vida; e, por outro dado momento, o gume volta-

se contra um grupo maior, acusando-o de destruí-lo, de apagar a diferença de um grupo menor, para render-se as condições próprias deste grupo (BAUMAN, 2005).

Sendo assim, a identidade assemelha-se a um grito de guerra, quando ouve essa palavra pode-se estar certo que existe uma batalha, um “conceito altamente contestado”, uma luta contra a dissolução e a fragmentação, e que o indivíduo só procura um dos dois caminhos da faca, pela “[...] existência humana decente e madura: a liberdade de escolha e a segurança oferecida pelo pertencimento” (BAUMAN, 2005, p.84).

Já voltando-se para a perspectiva de Hall (2002), as velhas identidades estão em declínio, colaborando para o surgimento de novas identidades e fragmentando um indivíduo moderno, que até agora era um sujeito unificado, esse conceito de identidade passa a ser demasiadamente complexo pouco desenvolvido e pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser posto à prova. Segundo o mesmo autor, as sociedades modernas estão passando por constantes mudanças, transformações, influenciando as identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós mesmos, caracterizando o deslocamento ou descentramento do sujeito.

Essas questões, colocam o termo de identidade “sob rasura”, passível de questionamentos, no qual esse sinal de “rasura” significa que eles foram superados e que mesmo com essa superação, não é possível utilizar outros conceitos para discutir-se esse termo no mesmo nível de comparação, é necessário então continuar pensando com eles. (HALL, 2011).

Uma vez que, aborda-se a identidade como uma necessidade de escolha e como uma perspectiva de pertencimento necessária ao indivíduo. Sendo assim, ao compreender a identidade, entende-se que esta, ligada ao sujeito e seu descentramento, necessita em estar atenta e associada à mudança na modernidade tardia, essa mudança é caracterizada pela globalização, que de alguma forma impacta a identidade cultural. (HALL, 2002).

Para o autor, citando Anthony Giddens (1990), na sociedade de modernidade tardia existe uma veneração do passado, perpetuando símbolos e valores, na tentativa de manter-se uma continuidade do passado, no presente e no futuro, no entanto a globalização e as sociedades modernas possuem outro fluxo, mais dinâmico e constante.

A partir desse momento, depara-se com outro conceito para o pertencimento e o processo de escolha, o conceito de cultura, que também passa por uma crise de legitimidade, que de acordo Santos (2004) citando Bourdieu (1983,1989) salienta que “[...] as articulações entre consumo, estilos de vida e distinção social constituem um dos eixos fundamentais na Sociologia da Cultura, na medida em que permitem vislumbrar formas de dominação política

transmutadas em poder simbólico”. (SANTOS, 2004, p. 76). Para o mesmo autor, essa cultura mundializada, passa a ter sua legitimidade a partir da “[...] participação e pela exclusão dos agentes sociais na modernidade-mundo, o que implica em práticas de consumo orientadas por novos habitus e uma competência, que poderíamos denominar de ‘informacional’”. (SANTOS, 2004, p.83).

Corroborando assim, por uma cultura distribuída desigualmente entre classes, necessitando sempre de novas formulações e de novos atrativos, para manter essa legitimidade que permanece por anos e anos.

Essas mudanças, segundo Bauman (2013) são decorrentes da transformação da modernidade, que em seu estado inicial seria sólida, para uma fase líquida, justificando esse termo, seria dizer que o que torna a modernidade líquida:

“[...] é sua “modernização” compulsiva e obsessiva, capaz de impulsionar e intensificar a si mesma, em consequência do que, como ocorre como os líquidos, nenhuma das formas consecutivas de vida social é capaz de manter seu aspecto por muito tempo” (BAUMAN, 2013, p.16).

A partir disso, a cultura concentra-se em atender as necessidades individuais, ajustando-se à liberdade individual de escolha, bem como atribuindo responsabilidade ao indivíduo sobre essa opção, garantido que essa seja e continue sendo um dever ou uma necessidade de vida, contribuindo que o indivíduo seja seu gerente principal (BAUMAN, 2013). Para o autor, a cultura consiste em permitir ofertas, proposições, e não mais normas e proibições, atualmente as pessoas são transformadas em sinônimo de consumidores, em que alguns comerciantes necessitam da arte da sedução para cativar seus clientes, e posteriormente desfrutar a sensação de superioridade que esse processo de conquista oferece. A cultura passa então nesta perspectiva a ter clientes que necessitam ser seduzidos a partir dessas proposições.

Perante o exposto, nota-se que existem nos movimentos que propagam a cultura gaúcha: várias vertentes, diferentes discursos e contradições, em que, esses processos de identificação são destacados em estudos sobre as Tradições Gaúchas (OLIVEN, s/d; OLIVEN, 1985; LUVIZOTTO, 2009; LUVIZOTTO, 2010, MACIEL, 2005). Observando que a figura do gaúcho é sempre romantizada, expressa por um homem livre e errante, que vive sobre seu cavalo, admirando as superfícies das áreas pastoris, que continua embarcando em diversas décadas e está presente atualmente no cotidiano dos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs).

Segundo Oliven (1985) o tradicionalismo gaúcho é visto como uma ideologia destinada a manter a massa rural e camadas populares que migram para as cidades em estado

de submissão, porém destaca também o movimento como sendo anacrônico, pois as bases ideológicas já sofreram mudanças socioeconômicas, proporcionando defasagens, através de outros movimentos que propagaram a cultura gaúcha de forma diferente ao do Movimento Tradicionalista proposto naquela época.

A partir desses preceitos, de que movimento perde categorias de poder para outras manifestações, coloca-se em xeque os verdadeiros valores gaúchos e as necessidades de preservação de uma identidade cultural, uma vez que a identidade do gaúcho foi criada inicialmente alicerçado ao passado, não sendo suscetível à consideráveis modificações. (OLIVEN, 1985). Com esse objetivo, criou-se o Manual do Tradicionalismo e Carta de Princípios do Tradicionalismo, escritos por Glaucus Saraiva, para a manutenção da identidade cultural.

E depois por dois grupos Partenon Literário e Grêmio Gaúcho. Esses dois grupos: Partenon Literário e Grêmio Gaúcho, possuíam alguns aspectos em comum: ambos eram formados por pessoas modestas, e não detentoras de terras ou capital; e por preocupações voltadas para as questões da tradição e da modernidade, porém expressas de forma diferentes. (OLIVEN, S/D). Um, Partenon Literário, evocava a figura tradicional do gaúcho e seus valores, já o Grêmio Gaúcho, procurava manter as tradições, mas sem excluir os costumes do presente. (OLIVEN, S/D).

Em sua tese inicial, o Tradicionalismo enfatiza a relevância da cultura que é transmitida pela tradição, para que uma sociedade funcione como uma unidade, pois a sociedade ocidental estava sofrendo com um processo de desintegração, expressas nos centros urbanos, através do crime, divórcio, suicídio, adultério, delinquência juvenil, entre outros, caracterizando essa desintegração por dois fatores: o enfraquecimento do núcleo das culturas locais e o desaparecimento gradativo da capacidade de transmissão de cultura por parte dos grupos locais. (OLIVEN, S/D). Mas, mesmo com críticas a essa tese, o Tradicionalismo foi um movimento crescente.

Segundo Maciel (2005), os tradicionalistas foram aos poucos criando manifestações e práticas inexistentes, para o preenchimento de lacunas, transformando elementos tradicionais em um novo contexto de utilização, criando a cultura tradicionalista. Porém, a pureza original comprometeu-se, chocando o cultuar de uma cultura gaúcha, como um modelo original, do passado, com o modelo de criação e recriação da cultura tradicionalista. (MACIEL, 2005).

Utilizando-se de palavras de Paixão Cortes, um dos idealizadores do movimento, Maciel (2005), demonstra que existem dois movimentos: tradicionalistas (conscientes das

mudanças socioeconômicas) e os gauchistas (que vivem do passado e não querem saber da evolução, nem de tecnologia).

Para Luvizzoto (2010) o que apresenta na cultura gaúcha, é uma (re)invenção das tradições, possível em um cenário de modernidade tardia, um referencial relevante para a construção de uma memória coletiva, e de práticas que são repetidas através de costumes, que estabelecem um sentimento de identificação nos locais dos Centros de Tradição Gaúcha (CTG).

Para entender estas diferentes visões, sobre como deve ser o modo de vida do gaúcho e compreender como estes conflitos forjam a cultura gaúcha em diferentes contextos socioculturais. Optou-se pela realização de um Estado do Conhecimento, pois ele guia o pesquisador na reflexão e síntese sobre as produções acadêmicas de uma determinada temática.

Diante deste cenário, indagou-se: Como a cultura gaúcha é apresentada nos estudos científicos? Há um referente teórico que auxilie na compreensão da construção da identidade cultural dos grupos estudados? Assim, o objetivo do estudo foi compreender como os estudos abordam a cultura gaúcha, buscando identificar a existência ou não de discussões sobre o conceito de identidade cultural.

2.2 METODOLOGIA

Segundo Morosini e Fernandes (2014, p.155), o estado do conhecimento é realizado com a intenção de: “[...] identificação, registro, categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo, congregando periódicos, teses, dissertações e livros sobre uma temática específica”.

Para Ferreira (2002, p. 256), existem dois momentos distintos para realizar a pesquisa denominada “estado do conhecimento” ou “estado da arte”: no primeiro contato o pesquisador interage com “[...] a produção acadêmica através da quantificação e de identificação de dados bibliográficos, com o objetivo de mapear essa produção num período delimitado, em anos, locais, áreas de produção”. Então em outro momento o pesquisador, passa-se para uma segunda fase, em que o mesmo pergunta-se sobre “[...] a possibilidade de inventariar essa produção, imaginando tendências, ênfases, escolhas metodológicas e teóricas, aproximando ou diferenciando trabalhos entre si, na escrita de uma história de uma determinada área do conhecimento” (FERREIRA, 2002, p.265). Para a mesma autora, o pesquisador além de perguntar-se “quando”, “onde” e “quem” produziu esses estudos, faz necessário também compreender “o quê” e “como” esses estudos foram produzidos.

Portanto, neste estudo em conjunto com o proposto por Ferreira (2002), passa-se para outra fase de análise, no qual utiliza-se a análise de conteúdo, que segundo Bardin (2011), trata-se de um conjunto de técnicas de análise das comunicações, não sendo um instrumento, mas um leque de apetrechos, com grande número de formas e adaptável a um vasto campo de aplicação: comunicação. Ainda para Bardin (2011, p 44), esse termo análise de conteúdo, visa “[...] obter por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens”.

Esse procedimento de análise de conteúdo engloba as seguintes fases:

- 1) a pré-análise: trata-se de uma fase de organização, sistematizando e operacionando ideias iniciais, escolhendo documentos a serem submetidos à análise, com objetivos, hipóteses e levantamento de indicadores que corroborem para a interpretação final, através da leitura flutuante (BARDIN, 2011);
- 2) a exploração do material: trata-se de uma fase longa, que consiste em operações de codificação, desconto ou enumeração, a partir de regras formuladas por este método, tem-se um preenchimento e/ou elaboração de categorias de análise (BARDIN, 2011); e
- 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação: os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos (falantes) e válidos, nesta fase tem-se o estabelecimento de quadros de resultados, diagramas, figuras e modelos, aos quais condensam e põem em relevo informações a serem fornecidas pela análise (BARDIN, 2011).

Após esses elementos, com o intuito de analisar o que tem-se produzido no campo científico, foi então estipulado compreender como estão as produções científicas em torno da cultura gaúcha e identidade, e identidade cultural, por isso utilizou-se 3 (três) plataformas de pesquisa, sendo elas: Portal de Periódicos Capes, Scielo e Scopus. Com limitação temporal de 5 (cinco) anos (2013 a 2018), com uma análise primária de título, resumo e palavras-chave.

Em um primeiro momento, foram utilizados 4 modos de pesquisa, respeitando os requisitos de pesquisa nas plataformas, sendo eles: “identidade” AND “gaúcho”; “identidade” AND “cultura gaúcha”; “identidade cultural” AND “gaúcho”; e “identidade cultural” AND “cultura gaúcha”. Esses mesmos compostos de termos foram utilizados nas três plataformas citadas anteriormente, e foram estabelecidos dessa forma, pois cada termo isolado como identidade ou identidade cultural, são genéricos e muitos abrangentes.

Dentre os resultados encontrados, optou-se pela leitura flutuante dos mesmos (técnica de leitura da pré-análise (BARDIN, 2011)), para analisar quais aspectos da cultura gaúcha são

trabalhados e em quais contextos, para isso preferiu-se salientar algumas características dos estudos, que serão discutidos no próximo tópico.

No primeiro levantamento, com os termos citados (“identidade” AND “gaúcho”; “identidade” AND “cultura gaúcha”; “identidade cultural” AND “gaúcho”; e “identidade cultural” AND “cultura gaúcha”) foram encontrados os seguintes resultados, expressos no quadro 01:

QUADRO 01: Resultado do primeiro levantamento: identidade, identidade cultural, gaúcho e cultura gaúcha.

PLATAFORMA	TERMO	RESULTADO	CLASSIFICADOS	SEM REPETIÇÃO
Capes	“identidade” AND “gaúcho”	125 estudos	13 estudos	14 estudos
Capes	“identidade” AND “cultura gaúcha”	13 estudos	7 estudos	
Capes	“identidade cultural” AND “gaúcho”	21 estudos	4 estudos	
Capes	“identidade cultural” AND “cultura gaúcha”	5 estudos	3 estudos	
Scielo	“identidade” AND “gaúcho”	19 estudos	3 estudos	4 estudos
Scielo	“identidade” AND “cultura gaúcha”	2 estudos	1 estudo	
Scielo	“identidade cultural” AND “gaúcho”	2 estudos	0 estudos	
Scielo	“identidade cultural” AND “cultura gaúcha”	0 estudos	0 estudos	
Scopus	“identidade” AND “gaúcho”	3 estudos	0 estudos	0 estudo
Scopus	“identidade” AND “cultura gaúcha”	0 estudos	0 estudos	
Scopus	“identidade cultural” AND “gaúcho”	0 estudos	0 estudos	
Scopus	“identidade cultural” AND “cultura gaúcha”	0 estudos	0 estudos	
TOTAL:		190 estudos	31 estudos	18 estudos

Fonte: os autores.

Neste primeiro levantamento realizado nas três plataformas, com 190 estudos, foram classificados somente 18, que apresentavam os seguintes critérios: estudos que em algum determinado momento só trouxeram no título, no resumo ou nas palavras-chave, um termo isolado, como: identidade, cultura, gaúcho, etc; estudos que repetem-se com diferentes termos de pesquisa, e em plataformas diferentes, teses ou dissertações, estudos que tinham repetindo-se em todas as plataformas de pesquisa.

Com isso, para ilustrar os 18 estudos classificados, demonstrando a variedade de objetos de estudo, formulou-se o quadro 02, determinando o autor e título de cada estudo:

QUADRO 02: Estudos classificados na plataforma e nas bases de dados.

PORTAL DE PERIÓDICOS CAPES		
1-	Joana Ramalho Ortigão Corrêa (2016)	A construção social do fandango como expressão cultural popular e tema de estudos de folclore.
2-	Renata Fratton Noronha, Claudia Schemes (2013)	A identidade regional celebrada no vestir: a moda que vem do sul e as reportagens fotográficas.
3-	Tatiana Colasante (2017)	A territorialidade gaúcha no norte do Paraná: apontamentos sobre identidade, migração e cultura nos centros de tradições gaúchas.
4-	Luis Fernando Herbert Massoni, Marina Leitão Damin, Valdir Morigi, Vera Dodebei (2017)	As Narrativas da Cidade no Aplicativo Porto Alegre Guide.
5-	Dóris Helena Soares da Silva Giacomolli (2014)	Capitão Rodrigo Cambará atravessa o portal entre literatura e história.
6-	Rita Lourdes Michelin, Paulo Roberto Teixeira (2017)	Cultura gaúcha: a percepção dos frequentadores da XXIX Semana Farroupilha do CTG Nova Querência - Boa Vista – Roraima.
7-	Mariana Nogueira Henriques, Flavi Ferreira Lisboa Filho (2017)	Identidade e Gênero: Representações Femininas nos programas televisivos Bah.
8-	Daniel Arrieta Domínguez (2014)	LA IDENTIDAD NACIONAL DE LOS ESTADOS BRASILEÑO Y ARGENTINO COMO CONSTRUCCIÓN LITERARIA A TRAVÉS DE LAS FIGURAS DEL BANDEIRANTE Y DEL GAUCHO
9-	Marlon Dalmoro, Walter Meucci Nique (2016)	Tradição mercantilizada: construção de mercados baseados na tradição.
10-	João Carlos Correia, Tiago Costa Martins (2013)	O gaúcho campeiro e o problema da realidade: elementos para uma teoria fenomenológica da identidade gaúcha.
11-	Maria Alice Medeiros Dias, Marcos Pereira Diligenti (2015)	O laçador: espectro de significação e identidade
12-	Marina Leitão Damin, Vera Dodebei, Valdir José Morigi, Luis Fernando Herbert Massoni (2018)	Patrimônio cultural, memória social e informação: a cidade de Porto Alegre na palma da sua mão?
13-	Franscesco Flavio da Silva, Flavi Ferreira Lisboa Filho (2016)	Televisão e identidade gaúcha no Oeste Catarinense.
14-	Michele Lindner, Joel Luís Melchior, Rosa Maria Vieira Medeiros (2013)	A formação de uma nova identidade a partir da reterritorialização campestre: trabalhadores urbanos em assentamentos rurais na Campanha Gaúcha.
SCIELO		
1-	Jocelito Zalla Carla Menegat (2011)	História e memória da Revolução Farroupilha: breve genealogia do mito.
2-	Ceres Karam Brum (2013)	O gauchismo e as escolas: a diversidade cultural em questão.
3-	Luciana Hartmann (2011)	Performances culturais: expressões de identidade nas festas da fronteira entre Brasil, Argentina e Uruguai.
4-	Matías Emiliano Casas (2015)	Representaciones y publicaciones sobre el gaucho argentino en la década del treinta./Entre la identidad nacional, el campo literario y las estrategias comerciales.

Fonte: os autores.

Após a quantificação dos estudos através do levantamento inicial, parte-se para outra fase de análise, em que optou-se pela leitura completa dos estudos selecionados para as discussões, formando assim o próximo tópico, na descrição dos resultados.

2.3 DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

Na tentativa de responder as questões propostas por Ferreira (2002), no estado do conhecimento, indagou-se “quando”, “onde” e “quem”, sendo o “quando” e “quem” respondidas no Quadro 02, estipulou-se a elaboração de um terceiro quadro com revista de publicação e área de concentração, Qualis em que foi realizado, para isso optou-se por utilizar as abreviações para cada estudo e plataforma, como por exemplo: 1) A construção social do fandango como expressão cultural popular e tema de estudos de folclore - Joana Ramalho Ortigão Corrêa (2016), Portal de Periódicos Capes, caracteriza-se por EC1- primeiro estudo da Plataforma Capes; e 1) História e memória da Revolução Farroupilha: breve genealogia do mito - Jocelito Zalla Carla Menegat (2011), caracterizando-se por ES1, primeiro estudo classificado na plataforma Scielo, e assim respectivamente. Para este levantamento foram necessárias algumas precauções, como a organização da Área de Avaliação, de acordo com a Capes, e de acordo com características próprias dos estudos, pois cada revista possui mais de uma Área de Avaliação, e de classificação:

QUADRO 03: Características dos estudos.

(continua)

ESTUDOS	REVISTA E ÀREA DE AVALIAÇÃO	QUALIS
EC1	Sociologia & Antropologia – ANTROPOLOGIA / ARQUEOLOGIA.	A2
EC2	Patrimônio e Memória - ANTROPOLOGIA / ARQUEOLOGIA.	B1
EC3	Formação – GEOGRAFIA	B2
EC4	Informação & Sociedade: Estudos – INTERDISCIPLINAR	B1
EC5	Revista Arredia - LINGÜÍSTICA E LITERATURA	B5
EC6	Cultur: Revista de Cultura e Turismo - ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E DE EMPRESAS, CIÊNCIAS CONTÁBEIS E TURISMO	B5
EC7	Cadernos de Gênero e Diversidade – SOCIOLOGIA	B4
EC8	História e Cultura - LINGÜÍSTICA E LITERATURA	B1
EC9	RAC: Revista de Administração Contemporânea - ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E DE EMPRESAS, CIÊNCIAS CONTÁBEIS E TURISMO	A2
EC10	Rizoma – INTERDISCIPLINAR	B2
EC11	Paisagem e Ambiente - ARQUITETURA, URBANISMO E DESIGN	B3
EC12	Em Questão – INTERDISCIPLINAR	B1
EC13	Sessões do Imaginário/ ediPUCRS - COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	B1
EC14	GEO UERJ – GEOGRAFIA	B1

QUADRO 03: Características dos estudos.

		(conclusão)
ES1	Revista Brasileira de História – HISTÓRIA	A1
ES2	Educação & Realidade – EDUCAÇÃO	A1
ES3	Etnográfica (Lisboa) – INTERDISCIPLINAR	B2
ES4	Revista História Y MEMORIA –	SEM QUALIS

Fonte: os autores.

Ao observar o quadro 03, nota-se que apenas 4 estudos foram publicados em revistas com Qualis, A1 e A2, e o restante em revistas B1 (6 estudos), B2 (3 estudos), B3 (1 estudo), B4 (1 estudo) e B5 (2 estudos) e um estudo não apresenta-se com avaliação no Qualis. Na área de Avaliação, constata-se que os estudos encontrados estão presentes em várias áreas, mostrando que o tema em questão possui um grande leque de abrangência.

Para complementar o objetivo anterior (“onde”) proposto por Ferreira (2002), organizou-se o Quadro 04 com as universidades e regiões nas quais estes estudos foram realizados:

QUADRO 04: Universidades e Regiões dos estudos.

ESTUDOS	UNIVERSIDADE	ESTADO – REGIÃO
EC1	Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ	Rio de Janeiro – Sudeste
EC2	Universidade Estadual Paulista – UNESP	São Paulo – Sudeste
EC3	Universidade Estadual Paulista - UNESP	São Paulo – Sudeste
EC4	Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS	Rio Grande do Sul – Sul
EC5	Universidade Federal do Rio Grande – FURG	Rio Grande do Sul – Sul
EC6	Universidade Estadual de Roraima – UERR	Roraima – Norte
EC7	Universidade Federal de Santa Maria – UFSM	Rio Grande do Sul – Sul
EC8	Universidad Complutense de Madrid – UCM	Madrid – Centro
EC9	Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS	Rio Grande do Sul – Sul
EC10	Universidade de Santa Cruz do Sul – USCS	Rio Grande do Sul – Sul
EC11	Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS	Rio Grande do Sul – Sul
EC12	Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS	Rio Grande do Sul – Sul
EC13	Universidade Federal de Santa Maria – UFSM	Rio Grande do Sul – Sul
EC14	Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS	Rio Grande do Sul – Sul
ES1	Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS	Rio Grande do Sul – Sul
ES2	Universidade Federal de Santa Maria – UFSM	Rio Grande do Sul – Sul
ES3	Universidade Federal de Santa Catarina	Santa Catarina – Sul
ES4	Universidade Nacional de Três de Fevereiro	Argentina

Fonte: os autores.

Nota-se no Quadro 04, que cerca de 61,11% (11) dos estudos classificados são estudos regionais e característicos do Rio Grande do Sul, a segunda predominância com 15,78% (3) da região sudeste, com características particulares da cultura gaúcha fora do Rio Grande do Sul, destacando neste caso que os estudos desenvolvidos sobre o tema são desenvolvidos em sua maior parte dentro do Rio Grande do Sul. A partir dessa sentença, verifica-se a escassez de

estudos que abordem a cultura gaúcha em uma perspectiva fora do Rio Grande do Sul, ressaltando que a maioria dos estudos trazem visões regionalistas de determinado objeto de estudo.

Para compreender “o que” e “como”, apresenta-se as características específicas de cada estudo, para isso utiliza-se a Análise de Conteúdo. Nesta nova etapa de análise, os trabalhos requerem uma categorização para a compreensão dos conteúdos abordados para os mesmos, com isso, optou-se pelo quadro representativo com os objetos de estudos dos mesmos, expressos no quadro 05:

QUADRO 05: Objetos de estudo.

(continua)

ESTUDOS	OBJETO DE ESTUDO
EC1	Fandango, construção de perspectivas nativas sobre o fandango.
EC2	Olhar sobre a trajetória do estilista gaúcho Rui Spohr sob o prisma dos elementos representativos da cultura local.
EC3	Inserção do gauchismo no Norte do Paraná e de que forma essa cultura vem sendo territorializada nessa região a ponto de ser assimilada por tantos paranaenses, direcionando-se para os paranaúchos, que são os sujeitos que nascem no Paraná, mas possuem profundo vínculo com a cultura gaúcha.
EC4	Analisa-se as influências do Aplicativo Porto Alegre Guide, para a construção de uma narrativa sobre a cidade e suas memórias.
EC5	Analisa-se o personagem Capitão Rodrigo Cambará, uma das figuras que mais se aproxima do ideal heroico, e mitológico gaúcho, em contradição com seu lado humano e cheio de fraquezas, sua risada, seu amor pela vida, muito próximo da realidade.
EC6	Percepção acerca da cultura gaúcha pelos frequentadores da XXIX Semana Farroupilha do CTG Nova Querência, no município de Boa Vista/RR.
EC7	Representação televisiva da identidade feminina gaúcha através de três programas especiais exibidos na RBS TV2 em 20 de setembro de 2013 e 2014 e 19 de setembro de 2015, Bah! Um programa muito gaúcho, Bah! Eu sou do Sul e Bah! Um fandango muito especial, respectivamente.
EC8	Gaúcho e o Bandeirante, similitudes e diferenças entre os dois processos de mitificação literária no contexto histórico.
EC9	Olhar interpretativo sobre as práticas que múltiplos agentes desempenham no mercado e o reflexo destas na mercantilização da cultura tradicionalista gaúcha.
EC10	Compreensão da fenomenologia social, através do ensaio de Alfred Schutz sobre a obra de Miguel de Cervantes, Dom Quixote.
EC11	Analisa-se a influência da mudança de localização do Monumento d'O Laçador concebido para simbolizar o gaúcho.
EC12	Análise de dois objetos digitais: o aplicativo Porto Alegre Guide, como um suporte à consolidação ou à criação de memórias sobre a cidade de Porto Alegre e o site da Prefeitura Municipal.
EC13	O telejornal Jornal do Almoço, produzido e veiculado pela RBS TV de Chapecó.
EC14	Reterritorialização campesina de assentados na Campanha Gaúcha no estado do Rio Grande do Sul.
ES1	Revolução Farroupilha: Análise do processo de produção e reprodução do episódio farrapo enquanto mito, de forma prospectiva e retrospectiva.
ES2	Reflexão sobre o gauchismo e o tradicionalismo no Rio Grande do Sul, partindo da construção mítica da figura do gaúcho e suas utilizações pelo gauchismo, que identifica sua figura como ideal pattern a ser internalizado a partir de múltiplos aprendizados, no ensino escolar.

QUADRO 05: Objetos de estudo.

(conclusão)

ES3	Aborda-se duas festas, um desfile do Dia do Gaúcho e as criollas, considerando-as como performances culturais que representam, através de múltiplas linguagens, o imaginário que a população tem a respeito de si própria.
ES4	Discute-se a composição e circulação do imaginário gaúcho nos anos que antecederam a intervenção do governo sobre estes temas.

FONTE: os autores.

Nota-se nos estudos e seus objetos: a presença de estilo musical (EC1), de dias festivos gaúchos (EC6, ES3), de aspectos de obras literárias (EC5, EC10), de discussões em torno da reterritorialização (EC3, EC14), de programas e telejornais de emissoras rio-grandenses (EC7, EC13), de um aplicativo (EC4, EC12), da cultura gaúcha relacionada com o mercado (EC9). Observa-se nos estudos relacionados acima, a variedade de objetos de estudos relacionados a aspectos da cultura gaúcha, mas nenhum estudo apresenta discussões sobre a identidade gaúcha, relacionados à formação da identidade cultural.

Voltando para um olhar mais minucioso sobre cada estudo, tem-se no estudo EC1, uma revisão do objeto de estudo, mostrando como o fandango instituiu-se e como vem sendo englobado ao folclore brasileiro, transformando-se, tomando um caráter mais familiar, deixando de lado a baderna e ao erotismo. Perspectivas estas, expressas a partir de autores tradicionais do folclore brasileiro, revelando aspectos nostálgicos dos envolvidos com o tema, demonstrando a legitimidade do fandango vivido em São Paulo e Paraná, ressaltando no estado paranaense uma busca mais ampla pela identificação, por um projeto de identidade cultural, diferenciando-se de São Paulo, onde o fandango é visto de modo menos nítido, participando de núcleos identitários específicos.

Já no estudo EC2, traz uma relação entre moda e identidade, através de duas reportagens fotográficas veiculadas em revistas ilustradas, as quais evidenciaram, por meio de matérias específicas, a divulgação das criações de um estilista chamado Rui Spohr, associado a moda gaúcha, pois seu estilo de vestir considerava características regionais, reportando-se ao gaúcho como símbolo identitário, reforçando que a tradição é uma forma de legitimação da existência do gaúcho. Concluindo que as fotografias ilustram um contexto social do período, testemunhando dinâmicas sociais, salientando uma busca pelo passado, forjando-se uma tradição, que ora funciona como uma marca distintiva, fortalecendo uma identidade regional, porém não sobrepondo-se à identidade nacional. O estilista conseguiu ser um mediador de influências estrangeiras, criando hábitos de consumo, representando a moda gaúcha,

transformando-se em valores culturais materializados, funcionando como uma extensão do gestual do corpo, sendo responsável por parte da construção e afirmação de uma identidade.

No estudo EC3, explora a inserção do gauchismo no Norte do Paraná, e sua territorialização, destacando a influência do Tropeirismo neste processo, direcionando suas discussões em torno dos paranaúchos (indivíduos nascidos no Paraná, mas com profundo vínculo com a cultura gaúcha), ressaltando que os paranaúchos surgem da existência de familiares ou amigos no Rio Grande do Sul e da vivência em território sul-rio-grandense, vinculado a um limiar entre a cultura paranaense e a cultura gaúcha, ressaltando o uso da dança como um dos elementos que mais atrai os indivíduos para dentro do Centro de Tradição Gaúcha – CTG.

Nos estudos EC4 e EC12, trabalha-se com o mesmo objeto de estudo, possuindo os mesmos autores, porém no estudo EC12 engloba-se o site da prefeitura de Porto Alegre. Sendo assim, no estudo EC4 analisa-se as informações disponíveis no Porto Alegre Guide e sua influência na construção de representações sobre a cidade de Porto Alegre. Evidenciando que o aplicativo ultrapassa uma dimensão física, envolvendo elementos simbólicos que abordam imaginários e interações dos cidadãos da cidade, tratando de alguns elementos: identidade cultural, intercâmbios, lugares de encontro e lembranças, devido sua abertura a edições, alterando o fluxo informacional. Narrando a cidade como um lugar de valores, com uma rica história, tradições do passado, vanguardismo, orgulhosa de seus feitos, mas aberta a demandas do presente e futuro.

Já no estudo EC12, parte da análise do aplicativo citado anteriormente e do site da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, traçando um panorama entre as informações destes, para descobrir a multiplicidade social e cultural da cidade encontra reverberação nesses meios. Ressalta-se a falta da representatividade da pluralidade de contextos e culturas da cidade, nos dois objetos investigados, as múltiplas identidade e polifonias também não são divulgadas, porém estes dois meios devem ser complementados ao mapa da cidade, como uma fonte de informação ampliada.

No estudo EC5, retrata-se uma análise do personagem Capitão Rodrigo Cambará, relevante para a construção da imagem do gaúcho, emprestando sua identidade, remetendo-se a um ser quase mitológico, demonstrando que os rio-grandenses preferiram sua história contada por Erico Verissimo e não por historiadores. A partir disso, a figura do gaúcho, passa de maltrapilho, ladrão de cavalos, para uma imagem idealizada, em que muitos gaúchos queriam

ser descritos, como: macho, bravo, aventureiro, etc., com supostos defeitos, encarnando um código de honra do gaúcho, a vida fazendo arte, e a arte fazendo-se vida.

O estudo EC6 identifica a percepção dos frequentadores do evento da Semana Farroupilha, realizado em um CTG (Nova Querência – RR), compondo-se de um total de 124 indivíduos, sendo 29 nascidos no Rio Grande do Sul e 95 não nascidos no Rio Grande do Sul. Evidencia-se a unanimidade em relação ao chimarrão como símbolo da cultura gaúcha, entre os gaúchos e não gaúchos, as questões ligadas ao tradicionalismo e cultura, faz-se presentes entre os não gaúchos, seguido da gastronomia, porém para os gaúchos o chimarrão e churrasco, seguido das danças e costumes, são mais representativos. Em questionamentos direcionados aos não gaúchos, 51% respondeu que não se reconheciam inseridos na cultura sulista, e 43% reconhecem-se inseridos. Em relação aos gaúchos, questionou-se o tradicionalismo gaúcho havia-se fortalecido após a saída do Rio Grande do Sul, e 48% dos indivíduos afirmam que sim, e 48% que não, mesmo relacionando que 86% dos gaúchos mantiveram seus costumes. Destacando que muitos não gaúchos valorizam a cultura gaúcha mais do que muitos gaúchos. Apontando a relevância da Semana Farroupilha, para demonstração e manutenção da cultura e costumes.

No estudo EC7 aborda-se a representação televisiva da identidade feminina gaúcha através de três programas: Bah! Um programa muito gaúcho, Bah! Eu sou do Sul e Bah! Um fandango muito especial, respectivamente. Evidenciando três sentidos relacionados a imagem das mulheres no programa: ocultamento, objetificação e masculinização. O ocultamento expresso pelos programas quando utilizam-se do estereótipo do gaúcho, não abrindo espaço a outras representações diferentes da dominante; a objetificação através da perpetuação do imaginário da prenda como enfeite, como uma mulher delicada e bela, exibida ao lado de um homem forte e viril; e a masculinização representada pela tentativa de marcar um lugar de fala, atuando através de um pseudo empoderamento, não respeitando a diversidade e pluralidade da população feminina.

O estudo EC8 traz o Gaúcho e o bandeirante, destacando as similitudes e diferenças entre os processos de mitificação literária no contexto histórico de seus países, tanto o gaúcho como o bandeirante argentino possuem grande influência na formação de seus respectivos países, ambos foram produto da terra, mestiços do homem branco e do índio, possuem dialetos originados do espanhol, da língua indígena, gostam de cantos e payadas (poesia improvisada), mesclando superstições e crenças dos espanhóis, portugueses e índios, criando um imaginário

capaz de adaptar-se a qualquer situação, contribuindo para a criação de mitos literários, como uma forma de recompensar sua participação e construção do país.

No estudo EC9 reflete-se sobre a prática de agentes no mercado e o reflexo destas na mercantilização da cultura tradicionalista gaúcha, apontando a tradição como uma invenção que serve de referencial cultural para a construção de três grupos distintos de agentes: produtores, consumidores e organizadores. No qual, ambos usufruem de construções históricas, do orgulho de ser gaúcho e vínculo identitário, demonstrando que a mercantilização da tradição pode transformar o mercado em um ambiente fecundo para a preservação de tradições culturais, partindo da influência das atividades de marketing, de aspectos sociais e materiais, e da cultura. Em uma imersão ao Movimento Tradicionalista Gaúcho – MTG de Porto Alegre, após relato de membros, verifica-se a necessidade de pessoas consumirem produtos ligados a cultura, e estar pilchado (usando roupas típicas), é estar gaúcho de dentro por fora, respeitando um caráter simbólico, gerando assim, respeito e admiração em eventos. O mesmo acontece com o chimarrão, na aquisição da cuia, erva-mate e bomba. Reafirmando que a aquisição de objetos materiais é relevante para a preservação da tradição. Isso vale, para eventos, a intervenção de empresas, como no caso de uma cervejaria, e para novas formulações desses produtos, pois a existência dos produtos do passado é impossível, mas a raiz dos valores é preservada.

O estudo EC10 compreende a fenomenologia social, através do ensaio de Alfred Schutz, sobre a obra de Miguel de Cervantes, Dom quixote. Frisando a possibilidade de construção da realidade a partir de dispositivos mediadores, como no caso do gaúcho que não foi isento de experiências mediadas que intervém as representações discursivas através da arte, cinema, tv etc. Estabelecendo na vida dos gaúchos interações entre o arcaico e o moderno (ora no dinamismo no meio rural, ora pela substituição de tecnologias), possibilitando refletir, revitalizar suas experiências. Compreendendo que como na obra de Dom Quixote e no gaúcho campeiro, existem elementos pertinentes a sua constituição de mundo (meio rural, interação com pessoas e objetos), mostrando a necessidade de ampliação na compreensão de diferentes universos, que a partir do reconhecimento, reduz-se os paradoxos e contradições constitutivos do mundo.

No estudo EC11 analisa-se a influência da mudança de localização do Monumento d'O Laçador concebido para simbolizar o gaúcho. O monumento expressa a idealização das características físicas do habitante dos pampas gaúchos, marcando um estereótipo campeiro, tornando-se um símbolo, da terra dos gaúchos, referência identitária da cidade. Porém, após sua retirada, devido um projeto de implementação do viaduto Leonel Brizola, o papel da escultura

perdeu sentido, pois era um referencial identificado pela cidade e seus moradores, recepcionando os que chegavam, e despedindo-se dos que partiam, um momento de sentir-se em casa e despedir-se dela, caracterizando a chegada na cidade, reconhecendo como um cartão postal, e de estar na capital gaúcha, sendo julgado como um erro pelos habitantes, reforçando a identificação da população com monumentos públicos.

O estudo EC13 busca perceber como a identidade gaúcha manifesta-se na mídia chapecoense, através do telejornal *Jornal do Almoço*, produzido e veiculado pela RBS TV de Chapecó em Santa Catarina, especialmente o quadro esportivo do programa. Enfatiza-se que instituições comerciais visam lucro, focando suas produções no intuito de atrair o público, sendo capazes de construir, manter, ou transformar uma identidade regional. Neste momento, buscou-se entender a identidade gaúcha através do bloco esportivo, nas informações sobre Grêmio e Internacional. Obtendo, uma negociação entre aquilo que o público quer se ver e aquilo que a emissora quer transmitir. Ficando evidente a influência da cultura gaúcha e a contribuição para uma paixão da dupla Gre-Nal (Grêmio X Internacional), permitindo uma identidade futebolística regional.

No estudo EC14 discorre-se sobre a reterritorialização campesina de assentados na Campanha Gaúcha no estado do Rio Grande do Sul. Caracterizando o território como uma espaço de vida, onde ocorrem relações entre indivíduos, nota-se que este local também é um espaço de luta pela sobrevivência, no qual mantem-se relações políticas, sociais e culturais, destacando o territorializar-se como criar mediações espaciais com efetivo poder. Porém, a busca por terras deixou de ser comente por expulsão de camponeses, lutando pela sobrevivência, agora divide-se com a pobreza urbana, pela busca de melhorias na qualidade de vida. Essas pessoas são de origem rural e pensaram que a cidade lhes traria melhores oportunidades de trabalho e renda, contudo, a modernização gerou efeitos de ordens sociais e ambientais, diminuindo a força de trabalho humano. Demonstra-se que o campo que em determinado momento os expulsou (desterritorializou), volta a acolher (reterritorializar), transformando as relações entre indivíduo/espaço, contribuindo para a formação de uma identidade, neste processo de reterritorialização campesina.

O estudo ES1 trabalha com a análise do processo de produção e reprodução do episódio farrapo (Revolução Farroupilha). Destacando a Revolução Farroupilha com uma memória pública no Rio Grande do Sul, narrados em tom épico, transformando seus protagonistas em heróis, com caráter nacionalista. Relaciona-se a gauchidade em torno de

nobres ideias presentes na elite farroupilha, do grande sucesso do mito através da história de disputa, de um repertório de símbolos e recursos identitários.

No estudo ES2 reflete-se sobre o gauchismo e o tradicionalismo no Rio Grande do Sul, partindo da construção mítica da figura do gaúcho e suas utilizações pelo gauchismo, que identifica sua figura como ideal pattern a ser internalizado a partir de múltiplos aprendizados. A manutenção desse culto ao gaúcho, é resultado de um esforço constante e de relações com dimensões educacionais e atuações pedagógicas, dentro e fora de espaços tradicionalistas (CTG), ampliando seu universo de culto. Reforçando a ideia do gaúcho com um passado heroico e bélico, em que a presença desse tradicionalismo, extrapola o mês de setembro (mês comemorativo na cultura gaúcha), possuindo um espécie de CTG em miniatura, para o ensino de danças típicas, aulas de folclore, tradicionalismo, conteúdos relacionados a História e Geografia do Rio Grande do Sul, inseridos no currículo escolar nas quarta e quinta série do ensino fundamental. E o não questionamentos dos alunos, os confere o papel de coadjuvantes, de sujeitos neste processo de ensino, contribuindo para a inculcação de condutas e valores tradicionalistas, afirmando sua hegemonia enquanto grupo, representando-se como a verdadeira tradição do gaúcho.

No estudo ES3 aborda-se duas festas, um desfile do Dia do Gaúcho e as criollas, considerando-as como performances culturais que representam, através de múltiplas linguagens, o imaginário que a população tem a respeito de si própria. Uma vez que ambas as festas trazem apelo a tradição, que é criada e fortalecida, envolvendo a população na sua preparação e execução, contribuindo com uma relação direta de elementos desta tradição na realidade. Porém, existem diferenças entre esses eventos, onde no dia do Gaúcho, caracterizado por seu caráter urbano, a identidade expressa do gaúcho é mais bonita, mais rica, expressando a tradição celebrada pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho – MTG. Já no evento Criollas, possui um caráter rural, expressa a práxis cotidiana, a experiência dos sujeitos. Enquanto um, expressa emblemas locais, mais próximo da rotina, o outro expressa emblemas regionais, ambos com a urgência da atualização de valores transmitidos pela cultura gaúcha, alternando com ideais e a realidade, com manifestações de ordem (desfile, cavalgada) e desordem (liberdade gestual e vestimenta).

O estudo ES4 discute a composição e circulação do imaginário gaúcho nos anos que antecederam a intervenção do governo sobre estes temas. Em que muitos costumes campeiros despertaram o interesse de muitos atores sociais, ocupando em difundir a conceitualização sobre o gaúcho, correspondendo-os como características nacionais, evidenciando a utilização

particular de temáticas rurais ligadas a expansão de distintos objetos de consumo, difundindo-se como símbolo da República Argentina.

Partindo da descrição dos estudos selecionados, nota-se nos estudos EC2, EC3, EC5, EC8, EC9, EC10, ES1, ES2, ES3 e ES4, a presente discussão em torno do imaginário construído em torno do ser gaúcho, construindo a partir deste, uma perspectiva idealizada e cultuada perante seus admirados. Percebe-se também, a relevância em construir o conhecimento através de aspectos históricos, da construção dos Centros de Tradição Gaúcha – CTG, a preservação e evidenciação da cultura gaúcha, para que não perca-se suas influências com o tempo.

Verifica-se que nenhum dos estudos citado possui discussões em torno da constituição da identidade gaúcha. Não possuem aspectos da construção da identidade cultural enquanto conceito, trabalhando com um referencial teórico a respeito da territorialização desse povo, expressando que muitas das vezes os não gaúchos, cultuam mais a cultura gaúcha do que os próprios gaúchos, como no caso do estudo EC6. Ressaltando, neste sentido, a existência de uma tradição inventada, que segundo Eric Hobsbawm (2008), entende-se essa, como um conjunto de práticas normalmente reguladas, sejam ela por regras ou abertamente aceitas, incluindo práticas rituais ou simbólicas, incluindo valores e normas de comportamento através da repetição, continuando um passado.

Denota-se nos estudos EC5 e EC10 a aproximação de abordagens literárias na percepção e formação da construção do gaúcho. Pois, nos livros citados na pesquisa, existe um reconhecimento de características presentes nos personagens da obra, na constituição da figura do gaúcho. Ressaltando-se somente características que venham a engrandecer e vangloriar o mito criado inicialmente.

Por este motivo, ressalva-se a necessidade de estudos sobre identidade cultural em uma perspectiva gaúcha, que busquem compreender se os processos de criação do imaginário gaúcho persistem ou alteram-se com o passar dos anos.

2.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que durante a realização desse estado do conhecimento, que os termos isolados de identidade e cultura usados são abrangentes e que realizar pesquisa somente com esses termos torna-se ineficaz, pois inclui temas desnecessários a pesquisa. Então a partir disso, faz-se necessário a inserção de novos termos em conjunto para limitar a pesquisa e por fim encontrar o que realmente é importante para a discussão do tema proposto.

Nota-se que nenhum dos trabalhos encontrados, relata o uso do termo “identidade cultural” e sua relação com a cultura gaúcha, entendendo-se a necessidade dessa discussão para compreender a criação do mito e sua permanência no cotidiano dos CTGs, pois a figura do gaúcho apresenta-se como um imaginário construído e disseminado pelas pessoas, devido suas admirações pela cultura gaúcha.

Além disso, a maioria dos estudos é realizado na região Sul do país, em especial no Rio Grande do Sul, demonstrando a carência de estudos com outras perspectivas da cultura gaúcha em outros locais de convivência e identificação. Neste sentido, espera-se estimular a pesquisa na área, bem como introduzir um percurso que poderá trazer importante recorte sobre a formação atual e o futuro da identidade cultural gaúcha no país.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BAUMAN, Z. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: J Zahar Editor, 2005.

BRUM, C. K. O gauchismo e as escolas: a diversidade cultural em questão. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 2, p. 649-667, 2013.

CASAS, M. E. Representaciones y publicaciones sobre el gaucho argentino en la década del treinta./Entre la identidad nacional, el campo literario y las estrategias comerciales. **Revista Historia Y MEMORIA**. Colombia, v.1, n. 11, p. 151-176 , 2015.

COLASANTE, T. A territorialidade gaúcha no norte do Paraná: apontamentos sobre identidade, migração e cultura nos centros de tradições gaúchas. **Revista Formação**, São Paulo, v. 1, n. 25, p. 133-153, 2017.

CORRÊA, J. R. O. A construção social do fandango como expressão cultural popular e tema de estudos de folclore. **Sociologia & Antropologia**. Rio de Janeiro, v.06, n. 02, p. 407– 445, 2016.

CORREIA, J. C; MARTINS, T. C. O gaúcho campeiro e o problema da realidade: elementos para uma teoria fenomenológica da identidade gaúcha. **Rizoma**, Santa Cruz do Sul, v. 1, n. 2, p. 8 - 21, 2013.

DALMORO, M; NIQUE, W. M. Tradição mercantilizada: construção de mercados baseados na tradição. **RAC - Revista de Administração Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 327-346, 2017.

DAMIM, M. L; et al. Patrimônio cultural, memória social e informação: a cidade de Porto Alegre na palma da sua mão? **Em Questão**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 388-403, 2018.

DIAS, M. A. M; DILIGENTI, M. P. O laçador: espectro de significação e identidade. **Paisagem e Ambiente: ensaios**, São Paulo – SP, v. 1, n. 36 p. 209 – 227, 2015.

DOMÌNGUEZ, D. A. La identidad nacional de los estados brasileño y argentino como construcción literaria a través de las figuras del bandeirante y del gaúcho. **Revista História e Cultura**, Franca-SP, v.3, n.1, p.105-119, 2014.

GIOCOMOLLI, D. H. S. S. Capitão Rodrigo Cambará atravessa o portal entre literatura e história. **Revista Arredia**, Dourados, MS, Editora UFGD, v.3, n.4, p. 30-39, 2014.

HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HALL, S. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALL, S. **Identidade cultural e diáspora**. Brasília, Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. v. 1, n. 24, p. 68 – 75, 1996.

HALL, S. **Quem precisa de identidade?** In: Silva, Tomaz Tadeu da (org). *Identidade e diferença: A perspectivas dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000, p. 103 – 133.

HARTMANN, L. Performances culturais: expressões de identidade nas festas da fronteira entre Brasil, Argentina e Uruguai. **Etnográfica [Online]**. Portugal, v. 15, n. 2, p. 233-259, 2011.

HENRIQUES, M. N.; LISBOA FILHO, F. F. Identidade e Gênero: Representações Femininas nos programas televisivos Bah. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, Salvador-BA, v.03, n. 03, p. 58-71, 2017.

HOBBSAWN, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

LINDNER, M; MELCHORS, J. L; MEDEIROS, R. M.V. A formação de uma nova identidade a partir da reterritorialização campesina: trabalhadores urbanos em assentamentos rurais na Campanha Gaúcha. **Geo UERJ**, Rio de janeiro, v. 1, n. 24. p. 145-160, 2013.

LUVIZOTTO, C. K. **As tradições gaúchas e sua racionalização na modernidade tardia**. São Paulo: UNESP, 2010.

LUVIZOTTO, C. K. **Cultura Gaúcha e separatismo no Rio Grande do Sul**. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora USP, 2009.

MACIEL, M. E. S. Patrimônio, tradição e tradicionalismo: o caso do gauchismo, no rio grande do sul. **Rio Grande do Norte**, Revista de humanidades - Mneme, v. 7, n. 18, p. 439 – 460, 2005.

MASSONI, L. F. H.; et al. As Narrativas da Cidade no Aplicativo Porto Alegre Guide. **Informação & Sociedade**. João Pessoa, v.27, n.1, p. 147-160, 2017.

MENEGAT, J. Z. C, História e memória da Revolução Farroupilha: breve genealogia do mito. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 31, n. 62, p. 49-70, 2011.

MICHELIN, R. L.; TEIXEIRA, P. R. Cultura gaúcha: a percepção dos frequentadores da XXIX Semana Frroupilha do CTG Nova Querência - Boa Vista – Roraima. **Cultur: Revista de Cultura e Turismo**, Ilhéus- BA, ano. 11, n. 03, 2017.

MOROSINI, M. C.; FERNANDES, C. M. B. Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Porto Alegre**, Educação Por Escrito, v. 5, n. 2, p. 154-164, 2014.

NORONHA, R. F.; SCHEMES C. A identidade regional celebrada no vestir: a moda que vem do sul e as reportagens fotográficas. **Patrimônio e Memória**. São Paulo, v. 9, n.2, p. 152-177, 2013.

OLIVEN, R. G. A fabricação do Gaúcho. São Paulo, **Cadernos Seru**, v. 2, n. 1, p. 79 – 91, 1985.

OLIVEN, R. G. **Cultura e identidade nacional no Brasil**. In: MEDEIROS, J.L. (Org). Identidades em movimento: nação, cyberspaço, ambientalismo e religião no Brasil contemporâneo. Editora Sulina: Porto Alegre, 2008, p. 103 – 121.

OLIVEN, R. G. **Em busca do tempo perdido: o movimento tradicionalista gaúcho**. Disponível em: http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_15/rbcs15_03.htm. Acesso em 01 de setembro de 2016.

OURIQUE, J. L. P. A visão patriarcal na cultura regionalista gaúcha: "Morocha" e "Morocha Nao". **Chasqui**, Arizona, v. 43, p. 73-83, 2014.

SILVA, F. F; LISBÔA FILHO, F. F. Televisão e identidade gaúcha no Oeste Catarinense. **Sessões do Imaginário/ ediPUCRS**. Porto Alegre, v. 21, n. 36, p. 135-14, 2016.

3 IDENTIDADE CULTURAL: UM ESTADO DO CONHECIMENTO DOS REFERENCIAIS TEÓRICOS EMPREGADOS EM TORNO DESSE CONCEITO

Miguel Archanjo de Freitas Junior

Tatiane Perucelli

RESUMO: O presente estudo tem como objetivo analisar a produção acadêmica, observando os referenciais teóricos utilizados sobre identidade cultural, abordando as principais discussões em torno do conceito, ressaltando perspectivas dos autores presentes nos estudos encontrados. Para isso, elaborou-se um estado do conhecimento, contemplando as plataformas: Portal de Periódicos Capes, Scielo e Scopus. Notou-se a crescente utilização do autor Stuart Hall nos estudos, no qual diferentes aspectos influenciam na construção da identidade cultural, ressaltando-se a relevância de buscar-se mais de um autor para as discussões teóricas a cerca desse conceito. Uma vez que os estudos encontrados mostraram-se em sua maioria repetitivos em algumas definições da identidade cultural, salientando que falta-se discussões aprofundadas sobre este conceito.

PALAVRAS-CHAVE: identidade cultural; autores; estado do conhecimento.

ABSTRACT: This study aims to analyze the academic production, observing the theoretical references used on cultural identity, addressing the main discussions around the concept, highlighting perspectives of the authors present in the studies found. For this, a state of knowledge was elaborated, contemplating the platforms: Portal of Capes, Scielo and Scopus Periodicals. It was noted the growing use of the author Stuart Hall in the studies, in which different aspects influence the construction of cultural identity, emphasizing the relevance of seeking more than one author for the theoretical discussions about this concept. Since the studies found are mostly repetitive in some definitions of cultural identity, stressing that there is a lack of in-depth discussions about this concept.

KEYWORDS: cultural identity; authors; state of knowledge.

3.1 INTRODUÇÃO

O fenômeno da globalização e mundialização do conhecimento conduziram as Ciências Humanas a ampliar seu leque de investigação, não limitando-se apenas à esferas nacionais, mas a outros espaços culturais, corroborando assim para a incorporação de dimensões globais, interativas e plurais do conhecimento. (RODRIGUES, 2010). Sendo assim, as ideias, os livros, transmitidos por pessoas e por determinados grupos, atravessam fronteiras, em consequência, os valores e o conhecimento transformam-se, devido a conjuntura de recepção que os recebe, influenciando em sua significação, ligada a sua historicidade e temporalidade. (RODRIGUES, 2010).

De acordo com Bourdieu (2002), acredita-se que a vida intelectual torna-se espontaneamente internacional, porém o autor julga essa preposição como algo falso, uma vez que a vida intelectual, assim como outros espaços sociais, demonstram-se como lugares de

nacionalismo e imperialismos, colaborando para a propagação de preconceitos, ideias pré-concebidas, estereótipos, etc. Embora, quando volta-se para uma convicção cientificista, o conhecimento dos mecanismos sociais, mesmo que não dominados pelo intelectual, proporcionam ainda que pouco, chances de dominá-los, especialmente aos fundados na incompreensão, deparados com resistências advindas de interesses, preconceitos, paixões, impedindo a força intrínseca das ideias verdadeiras. (BOURDIEU, 2002).

Posto isto, quando volta-se o olhar para conceitos complexos em suas definições, depara-se com uma grande gama de preposições expostas por diversos autores, ligados aos seus espaços culturais, em determinadas conjunturas que podem influenciar na concepção de determinada teoria, principalmente ao que Bourdieu (2002) salienta ao referir-se que as trocas internacionais submetem-se a diversos fatores estruturais, geradores de mal-entendidos, sobretudo pelo o fato de muitos textos científicos circularem sem seu contexto.

Considerando isso, na tentativa de compreender o conceito de identidade cultural, o processo de identificação ou construção da identidade cultural, passa-se inevitavelmente pela intervenção desses conceitos: cultura e identidade. Conceitos estes, também encontram-se em um processo de compreensão, vistos como conceitos amplos, passíveis de várias interpretações, abordados por alguns autores, entre os quais destacam-se Stuart Hall (2012), Zigmunt Bauman (2005), Pierre Bourdieu (2017), Clifford Geertz (1989), entre outros.

À medida que, volta-se o olhar para determinado conceito, sua compreensão torna-se essencialmente como uma ferramenta analítica, corroborando para o entendimento de determinados aspectos de uma realidade, de um fenômeno, estruturação de um pensamento etc. Porém, atentando-se para a compreensão do que vem a ser identidade cultural, e principalmente sobre o processo de identificação cultural vivenciado em um mundo globalizado, emergem questionamentos como: Como o conceito de identidade cultural é utilizado? Quais são os referenciais teóricos utilizados para discutir esse conceito? O que é abordado em sua definição?

Inicialmente, para uma introdução sobre a definição da identidade cultural, compreende-se que ela surge através das relações de pertencimento com culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e acima de tudo, nacionais (HALL, 2006, p. 08). Portanto, para compreender a formulação desse conceito, torna-se fundamental entender que os conceitos de identidade e cultura são aplicados individualmente originando-se de perspectivas isoladas de cada autor, sendo estas vivenciadas em um determinado espaço de tempo, com isso, cada conceituação demanda discussões separadas.

Isto posto, a cultura torna-se responsável pelas relações vivenciadas pelos indivíduos, interagindo com os processos de criações de significados relevantes ao seu processo de construção de sua identidade. Desta forma, verifica-se a existência de diversas definições de identidade e cultura, reforçando essa desconstrução dos conceitos e de suas significações. Entretanto, as concepções do conceito de identidade e de cultura individualizam-se dando sentido a argumentação de cada conceito, mas quando direciona-se o olhar para a identidade cultural, com o pressuposto de junção dessas duas perspectivas, ou inter-relação dos mesmos, faz-se necessário a utilização de outro conceito a ser discutido, agora o da identidade cultural.

A identidade cultural refere-se nada menos, ao pertencimento ou identificação com determinado grupo ou cultura, em que esse indivíduo reconhecem-se com aspectos dessa cultura, como: as heranças culturais, a linguagem, costumes, etc. Um dos autores mais estudado sobre identidade cultural é o Stuart Hall, principalmente nas questões de pertencimento a partir de condições de diáspora, que levam determinado povo, a reimaginar o lugar em que viveu, e alocar-se em uma cultura dita um dia perdida.

A partir dessa necessidade de discutir-se a identidade cultural como um conceito e não somente sobre esse autor mais conhecido, Stuart Hall, indaga-se quais são os autores que estão sendo abordados para caracterização e definição da identidade cultural? Reforça-se esse embasamento teórico a partir da perspectiva de Stuart Hall?

Dado que, segundo Bourdieu (2002) é necessário perguntar-se sobre a lógica das escolhas feitas por determinada editora ou autor em relação a sua preferência ao tornar-se importador deste ou daquele pensamento. Fundamentando-se nesta hipótese, o objetivo deste estudo é analisar a produção acadêmica, observando os referenciais teóricos utilizados sobre identidade cultural, abordando as principais discussões em torno do conceito, ressaltando as perspectivas dos autores presentes nos estudos encontrados, com o intuito de analisar as apropriações conceituais que explicam o uso da identidade cultural. Para isso realizou-se um estado do conhecimento nas três plataformas de pesquisa mais utilizadas: Scopus, Scielo e Plataforma de Periódicos Capes.

3.2 METODOLOGIA

De acordo com Morosini e Fernandes (2014, p.155) o estado do conhecimento é responsável pela “[...] identificação, registro, categorização que levam à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo,

congregando periódicos, teses, dissertações e livros sobre uma temática específica (MOROSINI, FERNANDES, 2014, p. 155)”.

Com o intuito de trazer algo novo aos estudos acadêmicos. O corpus de análise do estado do conhecimento poder ser constituído por: livros, dissertações, teses e produções reconhecidas por órgão de avaliação da produção acadêmica nacional, no nosso país, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES (MOROSINI; FERNANDES, 2014, p.155).

Portanto, optou-se por realizar um estado do conhecimento sobre o tema indicado, utilizando três plataformas mais recorridas no país, sendo elas: Plataforma de Periódicos Capes, Scielo e Scopus, na tentativa de compreender as produções acadêmicas no país, acerca do conceito de identidade cultural. Uma vez que, os conteúdos expostos nestas plataformas permitem a análise do conhecimento produzido, a partir de um panorama nacional, além de ressaltar possíveis caminhos tomados pelos autores para a construção desse conhecimento, abordando também determinadas carências desses estudos, possibilitando ampliar as discussões em torno do conceito, evitando a reprodução de teorias.

Para isso, no primeiro filtro utilizou-se uma limitação temporal de 7 anos (2013-2019), essa limitação deu-se a partir da última avaliação no Qualis Periódicos, um sistema utilizado para classificar a produção científica dos programas de pós-graduação, referentes aos artigos publicados em periódicos científicos, justificando-se que as publicações conforme as avaliações, renovam-se.

A partir disso, usou-se o termo “identidade cultural”, no campo de pesquisa das plataformas, estabelecendo-se como resultado: na Plataforma de Periódicos Capes, foram encontrados 868 estudos, a pesquisa limitou-se somente a essa plataforma, pois a Scopus e Scielo estão indexadas na mesma, e disponibilizadas pelo acesso CAFE (Comunidade Acadêmica Federada), por esta opção o acesso aos conteúdos assinados são permitidos à instituições participantes. Vale ressaltar, que os resultados da pesquisa alteram-se conforme a atualização da plataforma.

Para uma primeira análise considerou-se averiguar no título, no resumo e nas palavras-chave, os estudos que tivessem presentes em algum dos campos o conceito de “identidade cultural”, deste modo, entende-se que a aparição desse conceito nesses espaços é relevante para compreender a prevalência e importância desse conteúdo no estudo. Sendo assim, foram classificados 245 estudos nesta primeira fase.

Em uma segunda fase, reforçando a proposta do estudo optou-se por analisar todos os 245 estudos, a partir de uma leitura elementar e inspeccional: a primeira sendo uma leitura básica ou inicial pela qual reconhece-se cada palavra de uma página, e a segunda, a arte de folhear sistematicamente, assim respectivamente (MEDEIROS, 2005, p.77).

Nesta fase analisou-se todos os artigos, seus objetos de estudo e principalmente seu referencial teórico acerca da identidade cultural. Na maior parte dos estudos, em algum momento da escrita do mesmo, utilizou-se o conceito de identidade cultural, mas quando analisa-se a constituição do estudo nota-se a abrangência de outros aspectos, voltando-se para a identidade ou especificamente para a cultura, e não abordando a discussão em torno do conceito de identidade cultural, ou do objeto de estudo estar totalmente relacionado com este conceito.

Na maioria dos estudos que foram excluídos, que citaram o termo identidade cultural, seu aporte teórico de análise principal não era a identidade cultural, ou o processo de sua constituição, e sim, por outras questões que discutiam outros conceitos, como: tradição, memória, patrimônio cultural, patrimônio, cultura, identidade nacional, promoção cultural, turismo cultural, representação. Conceitos estes que podem ser pensados para discutir a identidade cultural, porém, isoladamente abrangem outras questões isoladas de seus objetos de estudo, o que acontece com os estudos analisados.

Sendo assim, classificou-se o total de 47 estudos, para uma leitura analítica, no qual trata-se de uma leitura minuciosa, completa, visando o entendimento do estudo (MEDEIROS, 2005, p.77). A partir dessa leitura analítica, retirou-se de todos os estudos: as citações, fragmentos de texto, que abordassem discussões sobre a identidade cultural, colocando-os em uma grelha de leitura, com isso optou-se por analisar o referencial teórico sobre o conceito.

Nestes estudos classificados para análise, preferiu-se nomeá-los para dinamizar as discussões, colocando os mesmos em um quadro, denominando como E1 (estudo 1), E2 (estudo 2), E3(estudo 3), E (estudo 4) e assim respectivamente. Evitando assim, a repetição de títulos e autores, quando houver a necessidade de citá-los. No quadro 01 identifica-se o número do estudo, título e autores dos mesmos:

QUADRO 01: Título e autores dos estudos selecionados

(continua)

ESTUDOS	TÍTULO - AUTORES
E1	A alteridade e identidade rizoma – Sávio Damato Mendes/André Monteiro Guimarães Dias Pires
E2	A identidade e a subjetividade cultural surda em vistas à inclusão - <i>Silvana Marques da Silva/Benedito Rodrigues dos Santos/Gabriel Artur Marra e Rosa</i>

QUADRO 01: Título e autores dos estudos selecionados

(continuação)

E3	A TV, O OUTRO E O MESMO: Identidade cultural e figuras da alteridade no Jornal Hoje da Rede Globo - Cibele Cristina Barbosa Costa/ Licia Soares de Souza
E4	Acesso à informação e identidade cultural: entre o global e o local - Isa Maria Freire
E5	Uma abordagem paranaense sobre o consumo cultural juvenil e a convergência midiática: um relato analítico - Regiane Regina Ribeiro/ Celsi Brönstrup Silvestrin
E6	Apontamentos teóricos sobre os estudos culturais - Carlos Borges Junior
E7	Arquitectura popular de la comuna de San José de Maipo, riesgo del patrimonio y de la identidad cultural - Hernán Alejandro Elgueta Strange
E8	Arquitetura neoenxaimel em Santa Catarina: a invenção de uma arquitetura típica - Maurício Biscaia Veiga
E9	AS “MARCAS” DE UMA NOVA FRONTEIRA VINÍCOLA: identidade cultural das marcas de vinhos do Vale do São Francisco - Suélen Matozo Franco/André Luiz Maranhão de Souza Leão
E10	Brincadeira do reisado na modernidade – identidade cultural que navega entre resistência e transformação - Luciano de Melo Sousa
E11	Comunicação na aldeia global: sobre linguagem, tradução e identidade cultural - Mary Snell-Hornby/ Matheus Bezerra Evaristo/ Cristiane Roscoe Bessa
E12	Conquistando espaços (e espelhos): O sujeito contemporâneo de Humberto Gessinger - Silvia Maria Alves Jorge
E13	Construção da identidade docente de um estudante de licenciatura em ciências biológicas em curso a distância: um caso de hibridismo – Mara Lúcia Rodrigues Costa/Flavia Rezende
E14	Construcción y transformación de masculinidades de los corteros de caña de azúcar del Valle del Cauca - Betsy Johana Castro Muñoz
E15	Contribuições gramscianas sobre raça, identidade cultural e velhice na perspectiva de Stuart Hall- Elaine Lima da Silva/ Juceli Aparecida da Silva
E16	Deslocamentos culturais em Morro Azul: identidade cultural e pertencimento - Grazielli Alves de Lima/Erika Regina de Lima
E17	Diga-me onde andas, que te direi quem és: identidades culturais na comunidade brasileira da marca Johnnie Walker- André Luiz Maranhão de Souza Leão/ Thiago Ianatomi/Rodrigo César Tavares Cavalcanti
E18	Do essencialismo ao não essencialismo? Reflexões sobre a identidade cultural do MST - Fábio Souza da Cruz
E19	Estrategias didácticas para el desarrollo de la identidad cultural Mochica en educación primaria en una Institución Educativa de San José de Moro – La Libertad – Claudia Marcela/ Vargas Ortiz de Zevallos
E20	Fronreira, Música e Identidade Cultural - João Evanio Borba Caetano/ Fabrício J. Missio/ Fabrício Antonio Deffacci
E21	História, literatura e memória: uma perspectiva pós-modernista de O Retrato do Rei, de Ana Miranda - Maíra Contrucci Jame
E22	Identidade cultural e globalização em produções artísticas contemporâneas – Lurdi Blauth/ Gisele Verardi Joaquim
E23	Identidade cultural e inclusão tecnológica em uma perspectiva folkcomunicação da comunidade quilombola lagoa da pedra, Arraias - TO - Wolfgang Teske/Haizenreder Ertzogue
E24	Identificação e diferença na construção de identidades culturais de torcedores rivais dos três grandes clubes da cidade do Recife: entre a defesa e o ataque em interações sociais virtuais - Bruno Rafael Torres Ferreira/André Luiz Maranhão de Souza Leão/ Fernando Gomes de Paiva Júnior
E25	Identificações culturais na (da) amazônia brasileira: o olhar artístico das personagens Raimundo, Arana e Trajano Mattoso, do romance cinzas do norte, de Milton Hatoum - Lorena de Carvalho Penalva/Rodrigo Vieira Ávila de Agrela
E26	Imagens do Brasil na música erudita do século XX: reflexões conceituais sobre identidades culturais brasileiras - Potiguara Curione Menezes
E27	Lo moreno es bello. Componentes identitarios de las mujeres jóvenes evangélicas aymaras - MigueL ÁngeL Mansilla/Carlos Piñones-Rivera.
E28	Los imperativos culturales como garantía de los derechos del inmigrante - Emilia M ^a . Santana Ramos

QUADRO 01: Título e autores dos estudos selecionados

		(conclusão)
E29	O imaginário da canção midiática como vetor de identificação cultural - Sílvia Antonio Luiz Anaz	
E30	Relações entre memória, reterritorialização e identidade cultural em Duas iguais, de Cíntia Moscovich - Manuela Matté/Saete Rosa Pezzi dos Santos	
E31	Similaridades entre Moçambique e a figura feminina no conto o cesto, de Mia Couto - Cristian Paula Santana	
E32	Stuart Hall e os signos da identidade cultural na pós-modernidade - Renato Nunes Bittencourt	
E33	Turismo e crise/mudança da identidade cultural: impactos psicossociais da atividade turística em Diamantina - Diego Rodrigues da Silva/ Paulo Afranio Sant'anna	
E34	Turismo e Identidade Cultural: Os Pendões Mirandeses – Alcides Meirinhos/ Ana Raquel Aguiar/ Josefina Salvado	
E35	Turismo em Foz do Iguaçu, PR: O Patrimônio Cultural Libanês - Poliana Fabiula Cardozo/Paula Grechinski Demczuk	
E36	A comercialização de produtos de lã natural como souvenir: manutenção da identidade cultural de Jaguarão – Helora Ataydes Dilelio Ávila/ Alessandra Buriol Farinha	
E37	A identidade cultural na pós modernidade - Paulo Fernando Araujo de Melo Cotias	
E38	Aspectos da identidade cultural no nacionalismo estético de Mário de Andrade - Dante Gatto	
E39	Cultura, currículo e identidade (cultural): conceitos-base para uma educação musical multicultural - Renan Santiago de Sousa /Ana Ivenicki	
E40	Freire's philosophical contribution for a theory of intercultural ethics: A deductive analysis of his work – Manuela Guilherme	
E41	Globalização e a perda da Identidade Cultural – Edilson da Costa/Adriano Alves Klein	
E42	Identidade cultural no encontro de culturas: o Versailles Restaurant e os cubanos/americanos de Miami em foco – Lígia Bardou de Carvalho/ Maria Ogecia Drigo	
E43	“Identidade nacional brasileira” versus “identidade negra”: reflexões sobre branqueamento, racismo e construções identitárias – Mariana Panta/ Nikolas Pallisser	
E44	Mídia e cultura: uma narrativa da Revista Veja sobre o indígena brasileiro – Carolina Silva Costa/ Antonio Sebastião Silva	
E45	“No coração, minha terra, no coração do Brasil”: Tocantins, discursos identitários, canções – Heitor Martins Oliveira	
E46	Reencontros com a religiosidade brasileira: sujeitos, memórias e narrativas - Cairo Mohamad Ibrahim Katrib	
E47	Turismo e afirmação da identidade cultural: impactos psicossociais da atividade turística em Diamantina – Diego Rodrigues da Silva/Paulo Afranio Sant'anna	

FONTE: os autores.

Após a apresentação dos estudos arrolados para a análise, entra-se em outra fase do estudo, na compreensão do conceito de identidade cultural, e o aporte teórico utilizados nos mesmos. Para isso, ocorrerá a exposição de quadros representativos, das fontes utilizadas, e de como o conceito de identidade cultural vem sendo formado e discutidos nestes estudos.

3.3 COMPREENDENDO A ESTRUTURAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL A PARTIR DOS ESTUDOS SELECIONADOS

Para iniciar a compreensão do conceito de identidade cultural, a análise dos estudos publicados é necessária para conhecer os autores apresentados nos textos, e como está sendo realizada a construção da discussão teórica sobre este conceito. Visto que, quando pensa-se na construção desse conceito, logo aborda-se a junção de dois conceitos: Identidade e Cultura. Essa relação torna-se existente, pois enquadra-se para entendimento da identidade cultural, possibilitando discussões em torno desse conceito, em razão da dependência em elaborar-se um processo de construção de identidade a partir de uma determinada cultura, sem descartar que determinada identidade pode não expressar totalmente todas as simbologias de uma cultura específica, e vice-versa, quando uma cultura pode influenciar parcialmente a estruturação de uma identidade individual, sendo que o indivíduo adapta-se a várias identidades em diversos momentos de sua vida.

Hall (2012) cita que o conceito de identidade passa a ser um conceito menos desenvolvido na teoria social e cultural, forçando-se a buscar novas compreensões, porém sem limitar-se a nenhuma delas. Para o mesmo autor, em uma linguagem de senso comum, o processo de identificação é elaborado a partir do reconhecimento de alguma origem em comum, e do compartilhamento de características em um mesmo ideal, sendo a partir desse ideal comum que estabelece-se a solidariedade e a fidelidade de determinado grupo a ser estudado (HALL, 2012, p. 106).

Fazendo relação com essa definição de identidade proposta por Hall (2012) de que a identidade seria compartilhamento de características de determinado grupo, Castells (2008, p. 22) no que diz respeito a atores sociais, entende o conceito de identidade como um processo de construção de significado com base em algum atributo cultural, ou por um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, prevalecendo sobre outras fontes de significado. Porém um mesmo indivíduo pode ter identidades múltiplas, mas ao mesmo tempo essa pluralidade gera tensão e contradição em sua auto-representação, sendo importante diferenciar o que é identidade dos papéis ou conjunto de papéis que esse ator social desenvolve (CASTELLS, 2008, p.22).

Para tanto, o entendimento do conceito de identidade, Zigmunt Bauman (2005, p.17) ressalta que o pertencimento e a identidade, não são sólidos, são negociáveis e revogáveis, no qual o indivíduo a partir de suas decisões, os caminhos percorridos, suas ações, são fatores importantes para que siga em manter-se firme ao pertencimento quanto para manter sua “identidade”. Para o mesmo autor, estamos em uma época líquido-moderna, gerando um mundo repartido em fragmentos mal coordenados, estando total ou parcialmente “deslocado”, em que as “[...] identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras são infladas e

lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas (BAUMAN, 2005, p.19).

Nestas visões, a identidade passa a ser construída, e não concreta e isolada, dependendo do meio à sua volta, e de condições negociáveis para permanecer, seja ela individual ou em uma perspectiva coletiva, reforçando o exposto anteriormente. Bauman (2013, p.12), ressaltando a visão de Bourdieu, em seu livro *La Distinction*, diz que a cultura torna-se um dispositivo útil, destinando-se a assinalar diferenças de classes e salvaguardá-las. A cultura torna-se enfática, severa e inflexível, abre portas de ingresso quanto para sua sonegação, podendo emitir documentos de identidade e também negando os direitos dos cidadãos, porém em tempos modernos, a cultura precisou ser capaz de concentrar-se em atender necessidade individuais, resolvendo problemas e conflitos individuais (BAUMAN, 2013, p. 12).

Sendo assim, as práticas culturais estão associadas ao nível de instrução, e secundariamente, à ordem social. Para Bourdieu (2017, p.10), a aquisição de uma cultura legitimada através da família, por exemplo, tende a favorecer uma experiência encantada de determinada cultura, implicando no esquecimento da apropriação e a ignorância dos instrumentos da apropriação. Para o mesmo autor, essa ciência do gosto e do consumo cultural começa por uma transgressão, no qual deve-se abolir a fronteira sagrada estabelecida na cultura legítima, colocada em um universo separado, para então descobrir as relações inteligíveis que fazem as escolhas incomensuráveis.

Em muitas definições a palavra cultura foi relacionada para indicação do desenvolvimento de determinado indivíduo por meio da educação e da instrução, sendo classificada como culta, possuindo esse grau de instrução, e inculta pela ausência. Porém para os antropólogos, os termos culto ou inculto não são empregados, pois esta ou aquela cultura não é superior a outra, cada uma possui diferentes níveis de tecnologia ou integração de seus elementos, em que não existe indivíduo desprovido de cultura, exceto dois casos: o recém-nascido, pois não sofreu o processo de endoculturação; e o *homo ferus*, que foi privado do convívio humano (MARCONI; PRESSOTO, 2010, p.21).

Sendo assim, Geertz (2008, p.66) ressalta que o conceito de cultura denota um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos, em um sistema de concepções herdadas, expressados por meio da comunicação, perpetuação e através do desenvolvimento de seus conhecimento e atividades relacionadas a vida.

Assim sendo, esse processo de construção de identidade, relaciona-se com circunstâncias intrínsecas e extrínsecas do indivíduo, sendo ele capaz de tornar-se ator e sujeito

em dados momentos de sua vida, a partir dessas circunstâncias citadas. Com isso, para compreender o processo de estruturação da identidade cultural, faz-se necessário a partir de revisões dos estudos arrolados, pois é a partir do processo de entendimento dos mesmos que pode-se avançar para discussões em torno deste conceito.

Para isso, o primeiro quadro apresentado está baseado nos estudos encontrados. Nota-se a variedade de objetos de estudos, sendo discutidos por uma perspectiva de identidade cultural, em alguns estudos tem-se: análises locais de monumentos ou características particulares de determinado lugar, discussões em torno de obras literárias alicerçadas em sua construção histórica, relações de teorias ou definições com a identidade cultural, e as analogias com a cultura e identidade cultural ou ainda com identidade e cultura.

Essas discussões são embasadas por diversos autores, trazendo perspectivas de identidade, identificação, cultura e por fim identidade cultural. Sendo assim, no quadro 02, identifica-se os autores selecionados na análise dos referenciais teóricos dos estudos e seus respectivos anos de publicação:

QUADRO 02: Autores citados nos estudos selecionados.

(continua)

ESTUDOS	AUTORES
E1	Édouard Glissant (2005); Stuart Hall (2003);
E2	Stuart Hall (2006); Homi K. Bhabha (1998).
E3	Stuart Hall (2005/2003/2007); Nestor Garcia Canclini (2005/2006);
E4	Stuart Hall (1998);
E5	Stuart Hall (2001/ 1996/ 2003);
E6	Stuart Hall (1997/2003); Homi K. Bhabha (1998); Kathryn Woodward (2014);
E7	Olga Lúcia Molano (2008); Unesco (1982);
E8	Stuart Hall (2006); Nestor Garcia Canclini (2008);
E9	Stuart HALL (1997/ 2006/2003/2009); Kathryn Woodward (2009); Adrian Holliday (2010);
E10	Zygmunt Bauman (2001/2005); Anthony Giddens (2002); Stuart Hall (2006).
E11	Dieter Claessens(1991); George Simmel, 1908;
E12	Stuart Hall (2005); Zygmunt Bauman (2005);
E13	Stuart Hall (2011); Tomas Tadeu da Silva (2011);
E14	Stuart Hall (1980/ 2010 / 2011);
E15	Antonio Gramsci (2008/2000/2000/2004/1987/2010); Stuart Hall (2003);
E16	Stuart Hall (2000/2011/2011);
E17	Zygmunt Bauman (2005/2008); Manuel Castells (2002); Stuart Hall (1997/2006);
E18	Stuart Hall (2002); Kathryn Woodward (2000); Zygmunt Bauman (2005).
E19	Aranda Cintra Belkis (2011); Stuart Hall (1996); Cynthia Castiel (2001), Unesco (1982);
E20	Nestor Garcia Canclini (2003); Manuel Castells (1999); Stuart Hall (1997);
E21	Stuart Hall
E22	Stuart Hall (2006); Homi K. Bhabha (1998); Nestor Garcia Canclini (2010/2007);
E23	Stuart Hall (2014), Anthony Giddens (1991) e Zygmunt Baumam (2005);
E24	Stuart Hall (2006/2009);
E25	Stuart Hall (1999); Homi K. Bhabha (2013); Nestor Garcia Canclini (2006);
E26	Stuart Hall (2006); Cláudia Rezende (2009); Renato Ortiz (1994);
E27	Zigmunt Bauman (1996); Stuart Hall (2003);
E28	Charles Taylor (1993);

QUADRO 02: Autores citados nos estudos selecionados.

(conclusão)

E29	Stuart Hall (2005).
E30	Benedict R. Anderson (2008); Joel Candau (2008/2012); Stuart Hall (2005);
E31	Homi Bhabha (1998), Stuart Hall (2011); Pierre Bourdieu (2004).
E32	Tomaz Tadeu da Silva (2009); Kathryn Woodward (2009); Stuart Hall (2006/2009); Zygmunt Bauman (2005).
E33	Stuart Hall (1999); Zygmunt Bauman (2005); Ana Rita Pinto Rocha e Leonel Brizolla Monastirski (2008).
E34	Manuel Castells (2000); Stuart Hall (2004).
E35	Homi K. Bhabha (2005).
E36	Joel Candau (2011); Raymond Williams (2011).
E37	Stuart Hall (1998, 2003).
E38	Friedrich Wilhelm Nietzsche (1977).
E39	Terry Eagleton (2011); Clifford Geertz (1994); Stuart Hall (2003, 2005, 2014); Tomaz Tadeu da Silva (2009).
E40	Paulo Freire (1970).
E41	Stuart Hall (2006); Emílio Willens (1962).
E42	Stuart Hall (2001); Renato Ortiz (1994); Edward W. Said (1995).
E43	Stuart Hall (2006).
E44	Stuart Hall (2003); Pierre Bourdieu (2010).
E45	Stuart Hall (2006); Nestor García Canclini (2006).
E46	Stuart Hall (1996).
E47	Stuart Hall (1999, 2000); Michael Pollak (1992); Eric Hobsbawn e Terence Ranger (1997); Zygmunt Bauman (2005).

FONTE: os autores.

Nota-se no quadro 02, a frequente aparição de autores clássicos que abordam em sua maioria o conceito de identidade e cultura, como: Stuart Hall, Zygmunt Bauman, Homi K. Bhabha, Manuel Castells, Nestor Garcia Canclini, Renato Ortiz, Anthony Giddens. Autores estes que corroboram para o entendimento desses conceitos, com discussões particulares, e com aspectos e temporalidades diferentes, que precisam ser identificadas antes de contribuírem para a discussão da identidade cultural.

Nas leituras dos estudos observados, constata-se que a elaboração da discussão em torno da identidade cultural dá-se a partir da analogia dos conceitos de identidade e de cultura, nos quais entende-se que o processo de construção da identidade, parte do princípio ou entendimento de uma cultura, ou vice-versa. Identificando que somente o autor Stuart Hall, é mencionado apresentando o conceito estrito de identidade cultural, pois é um dos percussores de Estudos Culturais.

Ainda neste processo de classificação, verifica-se a presença de autores que retratam os conceitos de identidade e cultura baseados na modernidade ou pós-modernidade: Zygmunt Bauman, Manuel Castells, Antony Giddens, e o próprio Stuart Hall. Para tentar ampliar essa visualização através dos estudos, optou-se pela elaboração do quadro 03, demonstrando quantas

vezes determinado autor foi utilizado pelos estudos classificados, quantificando-se esta aparição:

QUADRO 03: Número de trabalhos que utilizaram determinados autores

AUTOR	NÚMERO DE TRABALHOS QUE O UTILIZOU
ADRIAN HOLLIDAY	1 estudo
ANA RITA PINTO ROCHA E LEONEL BRIZOLLA MONASTIRSKI	1 estudo
ANTHONY GIDDENS	2 estudos
ANTONIO GRAMSCI	1 estudo
ARANDA CINTRA BELKIS	1 estudo
BENEDICT R. ANDERSON	1 estudo
CHARLES TAYLOR	1 estudo
CLÁUDIA REZENDE	1 estudo
CLIFFORD GEERTZ	1 estudo
CYNTHIA CASTIEL	1 estudo
DIETER CLAESSENS	1 estudo
ÉDOUARD GLISSANT	1 estudo
EDWARD W. SAID	1 estudo
EMÍLIO WILLENS	1 estudo
ERIC HOBSBAWN E TERENCE RANGER	1 estudo
FRIEDRICH WILHELM NIETZSCHE	1 estudo
GEORGE SIMMEL	1 estudo
HOMI K. BHABHA	6 estudos
JOEL CANDAU	2 estudos
KATHRYN WOODWARD	4 estudos
MICHAEL POLLAK	1 estudo
NESTOR GARCIA CANCLINI	6 estudos
OLGA LÚCIA MOLANO	1 estudo
PAULO FREIRE	1 estudo
PIERRE BOURDIEU	2 estudos
RAYMOND WILLIAMS	1 estudo
RENATO ORTIZ	2 estudos
STUART HALL	40 estudos
TERRY EAGLETON	1 estudo
TOMAS TADEU DA SILVA	3 estudos
UNESCO	2 estudos
ZIGMUNT BAUMAN	9 estudos

FONTE: os autores.

Aponta-se no quadro 03, que o autor Stuart Hall, foi utilizado como referencial teórico em 40 estudos dos 47 classificados nesta pesquisa, seguido de Zigmunt Baumam, com 9 estudos, 6 estudos com a perspectiva de Homi K. Bhabha e Nestor Garcia Canclini com 6 estudos. Obviamente realizando a soma desses estudos, nota-se que o número extrapola ao de estudos classificados, pois em alguns estudos utilizou-se um ou mais autores para a discussão.

Constata-se nos estudos selecionados uma variedade de objetos de estudo que podem ser analisados em uma perspectiva da identidade cultural, e que muito dos autores desses estudos utilizam-se dos conceitos de identidade, identificação e cultura, para então compreender

o que trata-se a identidade cultural, trazendo assim, esses conceitos de forma inicial, para então discutir relações sobre o objeto e teoria.

Como o objetivo do estudo é analisar os referenciais utilizados a respeito da identidade cultural, optou-se em não definir os objetivos dos estudos, tão pouco sua metodologia utilizada, caracterizando assim uma classificação sistemática dos autores e de suas teorias. Com isso na leitura analítica dos estudos, averiguou-se todas as citações e descrições sobre identidade cultural, que serão discutidas na sequência, com a abordagem dos autores a respeito do tema.

A partir disso, o primeiro autor analisado, e mais utilizado nos estudos é Stuart Hall, sendo assim a formação do conceito de identidade cultural realiza-se a partir da perspectiva do autor em sua maior parte. Porém quando analisa-se as obras utilizadas, nota-se o grande número de citações de uma mesma obra do autor: A Identidade Cultural na pós-modernidade, referenciada em 33 estudos (E2, E3, E4, E5, E6, E8, E9, E10, E12, E16, E17, E18, E20, E21, E22, E23, E24, E25, E26, E29, E30, E31, E32, E33, E34, E37, E39, E41, E42, E43, E44, E45, E47) assemelhando-se nas discussões em torno de identidade cultural, e diferenciando-se apenas no seus anos de edição: 1997, 1998, 1999, 2001, 2002, 2004, 2005, 2006, 2011, 2014, 2015.

Comparando-se as obras do autor, nota-se que este livro, citado anteriormente é de fácil acesso, no qual discute dimensões da identidade cultural em um mundo globalizado, e não traz discussões sobre a formulação da identidade cultural fundamentada na diáspora, uma das principais visões acerca do conceito do autor. Simpatizando-se assim, com uma visão de identidade descentrada, relacionada a uma identidade nacional que está em declínio dando acesso a novas identidades, denominadas híbridas, afetando a constituição da identidade cultural.

Nesses estudos o emprego da teoria abordada neste livro, partiu das seguintes considerações:

- A crise da identidade, com a conceito de identidade encontrando-se sob rasura, no qual as velhas identidades encontram-se em declínio (E2, E3, E8, E12, E18);
- Discussões em torno do conceito da identidade (E2, E3, E13, E17, E18, E20, E24, E26, E30, E32, E37, E42, E43, E47);
- Compreender a identidade cultural a partir da identidade ou cultura nacional (E4, E18, E21, E22, E26, E30, E34);
- A influência da globalização no descentramento da identidade e da cultura, no seu processo de fluidez (E5, E18, E20, E22);

- Identidade cultural apresenta-se como não consolidada, não solidificada e nem imutável (E8);
- Aborda-se o conceito de identidade e o conceito de cultura, para a compreensão da identidade cultural (E4, E6, E9, E13, E14, E18, E20, E26, E34, E45);
- Classificação de Stuart Hall para o sujeito: o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno (E4, E12, E18, E22, E24, E29, E31, E33);

Sendo assim, nota-se a grande quantidade de estudos que abordam perspectivas parecidas para realizar as discussões, quando fala-se em identidade cultural. Alertando para a reprodução do conhecimento e não avanço do conceito de identidade cultural, acarretando a elaboração de uma ciência normal, que não colabora para a evolução do conhecimento científico.

Outro ponto, está relacionado a globalização, no qual aborda-se o tema e sua influência nas formulações da identidade cultural, citando que a mesma abre um leque de opções para os indivíduos proporcionando um identidade que pode conter diversos aspectos de uma cultura ou até mesmo proporcionar diferentes identidades para o mesmo indivíduo. Porém, nota-se uma controvérsia, em que não apresenta-se como esse conceito de identidade passa a ser atualmente em um mundo globalizado, e quais seriam seus principais aspectos para classificá-lo como tal a partir do objeto estudado. Deste modo a discussão em torno da identidade cultural ainda necessita de reflexões para a definição desse conceito, e não evoluiu o suficiente, devido à grande repetição do mesmo autor nas argumentações, e perante a grande descrição dos objetos de estudo, pouco relacionados a teoria.

Outro fator relevante, é a discussão da identidade cultural, com perspectiva relacionada a identidade nacional. Nesta utilização, esse processo de identificação cultural e caracterização da identidade nacional, passa a ser representada por um conjunto de símbolos e de pertencimento de um povo em comum, de um determinado país, mas realmente a teoria utilizada pode ser correlacionada a todos os tipos de objetos de estudo? Ou necessitamos confortar teorias e aprofundá-las para então compreender determinado objeto? Acredita-se que sim, uma vez que em um mesmo país, pode-se observar diversas culturas e processos de identificação diferentes, que não podem ser tratados com a mesma teoria, um exemplo simples, é o Brasil, comparando-se a região sul e a região nordeste do país.

Ainda abordando as referências utilizadas na perspectiva de Stuart Hall, 7 (sete) estudos (E1, E3, E5, E6, E9, E15, E16, E37, E39) abordam a obra: Da Diáspora: identidades e

mediações culturais. Porém, somente um estudo (E16) retrata a essência de identificação cultural através da condição de diáspora, associando a teoria com o objeto de pesquisa.

Em sua maioria, os estudos selecionados abordam características superficiais sobre a identidade cultural, não retratando a profundidade desse conceito. Uma vez que esses estudos relacionam outros dois conceitos, ditos em crise: identidade e cultura, ou outros elementos que apresentam-se em seu objeto de pesquisa. Contudo, pode-se destacar a identidade cultural como conjugação de dois conceitos? Identidade e Cultura? Ou deve-se discutir esse conceito separadamente como uma nova conceituação?

Neste aspecto, o conceito de identidade cultural estabelece-se nos estudos, como um conceito incompleto, com pouca teoria formulada. Ressaltando a necessidade de revisão de questões teóricas e empíricas que debatam o tema, ordenando o processo de construção de uma identidade cultural. Para isso, necessita-se aprofundar-se nas teorias que conceituam cultura, para compreender as simbologias e representações de determinado lugar ou território, uma vez que uma identidade, e seu conceito isolado e individual não pode representar uma cultura em sua totalidade, em razão da sua complexidade que será totalmente sanada quando analisa-se as frequentes simbologias e comportamentos que repetem-se, caracterizando determinado povo ou objeto de estudo.

Isto posto, nota-se na concepção de Stuart Hall (2012) que certos conceitos, incluindo o conceito de identidade, através de uma perspectiva desconstrutiva, começam a ter um “sinal de rasura (X)”, no qual indica que esses conceitos em sua gênese não servem mais para pensar-se em sua forma original, porém dialeticamente não foram superados e não existem conceitos que possam substituí-los, restando assim a continuação em trabalhar-se com esses conceitos a partir de suas formas destotalizadas e desconstruídas, e não com o seu paradigma original. Para o autor, a identidade passa então a ser uma “[...] ideia que não pode ser pensada da forma antiga, mas sem a qual certas questões-chave não podem ser sequer pensadas (HALL, 2012, p.104)”.

Dentre essas colocações, alguns estudos abordaram a perspectiva anterior de compreender a identidade depois a cultura, ou vice-versa. Entretanto, alguns estudos trouxeram questões interessantes para analisar-se a identidade cultural. Retirando-se então, do olhar teórico mais tradicional em discutir-se a Identidade Cultural, possibilitando novos olhares sobre o conceito. Um autor que defende uma abordagem diferente das abordadas na maioria dos estudos, sendo citado em um estudo somente, é o pensador francês Édouard Glissant e seu conceito de “identidade rizoma”, citado no E1.

Para Glissant (2013, p. 21), devido os povos da Europa, e as culturas ocidentais que veiculam-se no mundo, a identidade torna-se uma identidade de raiz única e exclui o outro, sendo uma raiz de encontro com outras raízes, e não as noções que tem-se atualmente como fator, como resultado. Assim, conforme essa conceituação de uma identidade rizoma, algumas questões sobre identidade revelam-se inquietantes, ameaçando a diluição, e ainda que seguimos sempre segundo um modelo antigo.

Para essa compreensão da identidade rizoma, o mesmo autor apresenta e categoriza duas formas de culturas: as culturas chamadas atávicas e as culturas chamadas compósitas, na primeira tem-se um processo de crioulização (movimento de combinações e misturas culturais, relações entre povos, etc.) e a segunda são culturas que tendem a torna-se atávicas, no qual essas culturas atávicas tendem a crioulizar-se, defendendo ou questionando o estatuto da identidade como raiz única (GLISSANT, 2013).

Assim pensa-se o mundo como uma grande rede rizomática, formados por indivíduos conectados uns aos outros, em que cada indivíduo a partir do seu nascimento já está inserido e conectado em um sistema de forças local, que estabelece ligações com o sistema global, formatando-se em um diagrama de forças (GLISSANT, 2013, p.24-25). Segundo Glissant (2005, p.55) com a migração, escravização, as mudanças de alguns povos por causas diversas, ocorre um esfacelamento do vínculo cultural desses povos, o que resulta em uma busca em reconstruir rastros identitários de sua cultura no novo local de habitação, derivando uma nova formação cultural.

Os indivíduos, ou grupos fluem sobre as linhas da rede-mundo, linhas estas que seguem os fluxos de forças (populacionais, culturais, econômicos, e geotérmicos), sendo possível neste sistema-mundo pensar-se em uma raça pura, que está em constante relação, notando-se que o processo de crioulização não possui finalização, sempre haverá influências de uma cultura sob a outra, por mais que essa cultura seja isolada, considerando que “[...] as culturas não são, mas estão dentro do processo de relação” (GLISSANT, 2013, p.11).

Já para Giddens (2002), o processo de temporalidade acelerada e múltipla reflete na trajetória dos agrupamentos e sociedade modernas, é um desenraizamento de sentidos, pois essas novas tecnologias, comportamentos plurais, demandas políticas diversificadas etc., levam a humanidade a uma acelerada transformação. Para o mesmo autor, essa modernidade rompe com o referencial protetor de uma comunidade, substituindo-se por organizações maiores e impessoais, com isso redescobre-se sua herança cultural, e a importância de sua identidade cultural (GIDDENS, 2002, p. 38).

Porém para Woodward (2012), dentro dessas comunidades pode-se observar demarcadas diferenças entre os participantes, revelando identidades distintas, ressaltando uma posição individual ou coletiva, caracterizada por um conjunto de significados, que insere ou exclui o indivíduo em um papel de pertencimento em um sistema cultural específico, exercendo diversos graus de atuação, dentro de seu contexto material, espaço, lugar, etc. Para a mesma autora, ao longo do dia a pessoa pode exercer diferentes interações sendo posicionada de acordo com os campos sociais que atua, com a elaboração de diferentes identidades, corroborando para que a identidade tenha um caráter relacional.

Woodward (2012) afirma que a identidade é relacional, pois sua existência só é possível quando fatores externos contrapõe-se, tem-se outra identidade para diferir-se, é através da diferença, que a identidade busca opor-se a outra, demarcando fronteiras e significados. Segundo a mesma autora, existem certas questões que precisam de explicações para esclarecer os conceitos centrais envolvidos, e citando Michael Ignatieff que ilustra alguns aspectos da identidade e da diferença, dentre eles estão:

1. Precisamos de conceitualizações. Para compreendermos como a identidade funciona, precisamos conceitualizá-la e dividi-la em suas diferentes dimensões.
2. Com frequência, a identidade envolve reivindicações essencialistas sobre quem pertence e quem não pertence a um determinado grupo identitário, nas quais a identidade é vista como fixa e imutável.
3. Algumas vezes essas reivindicações estão baseadas na natureza [...] mais frequentemente, entretanto, essas reivindicações estão baseadas em alguma versão essencialista da história e do passado, na qual a história é construída ou representada como uma verdade imutável.
4. A identidade é, na verdade, relacional, e a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades [...]
5. A identidade está vinculada também a condições sociais e materiais. Se um grupo é simbolicamente marcado como o inimigo ou como tabu, isso terá efeitos reais porque o grupo será socialmente excluído e terá desvantagens materiais. [...]
6. O social e o simbólico referem-se a dois processos diferentes, mas cada um deles é necessário para a construção e manutenção das identidades. [...]
7. A conceitualização da identidade envolve o exame dos sistemas classificatórios que mostram como as relações sociais são organizadas e divididas [...]
8. [...] algumas diferenças podem ser obscurecidas [...]
9. As identidades não são unificadas. Pode haver contradições no seu interior que têm que ser negociadas [...]. Pode haver discrepâncias entre o nível coletivo e o nível individual [...]
10. Precisamos, ainda, explicar por que as pessoas assumem suas posições de identidade e se identificam com elas. Porque as pessoas investem nas posições que os discursos da identidade lhes oferecem. (WOODWARD, 2012, p. 13-15).

Sendo assim, esses aspectos demonstram a necessidade de compreender conceitualmente o conceito de identidade, entendendo que ela é construída através de reivindicações. E que condições sociais e simbólicas, são necessários para a construção e

manutenção da identidade, levando as pessoas a assumirem essas posições identitárias e investirem nelas.

Conforme Castells (2008, p. 23), essa construção de significados possibilita ao indivíduo assumir diferentes identidades, gerando tensões e contradições pelos papéis que optou-se em assumir, sejam eles individuais ou coletivos. Assim com esse mundo de mudanças incontroláveis tendem a reagrupar pessoas em identidade primárias, sejam elas: religiosas, étnicas, territoriais, etc., e a busca por uma identidade coletiva ou individual, torna-se uma fonte básica de significado social, porém cada vez mais as pessoas organizam seu significado com base no que são ou acreditam que são (CASTELLS, 1999, p.23).

A identidade que começa como resistência (identidades criadas em posições ou condições desvalorizadas) podem acabar em projetos (construção de uma identidade), tornando-se dominantes e assim identidades legitimadoras (identidade introduzida por instituições dominantes) (CASTELLS, 2008, p 24). Porém, cada processo de construção de identidade é um resultado distinto de cada constituição de sociedade, o homem então passa a ser decorrente do meio cultural em que socializou.

Desta forma, a identidade, tal como a diferença fazem parte de uma relação social, sendo sujeitas a vetores de forças e relações de poder, não sendo definidas e sim impostas, não convivendo harmoniosamente, mas sendo disputadas, uma vez que a afirmação da identidade e enunciação da diferença traduz o desejo de muitos grupos sociais, na procura de garantir-se acesso privilegiado a bens sociais e lugares (SILVA, 2012, p.81).

No estudo E40, apresenta-se reflexões sobre o desenvolvimento de uma teoria da ética intercultural desenvolvida por Paulo Freire, necessária para uma hermenêutica crítica de sociedades diversas, que fornece algumas diretrizes de ética indispensáveis para o estudo de uma cultura. Uma vez que, Paulo Freire neste estudo, preocupa-se com questões de identidade cultural, dignidade pessoal, comunitária, denotando relações de dominação cultural, preconceito social, discriminação e racismo, reafirmando estereótipos convencionalmente denegridos e impostos em determinadas culturas.

3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos estudos selecionados para compor a pesquisa, nota-se a grande utilização do autor Stuart Hall em suas definições de Identidade Cultural, e a pouca prevalência de outros autores em discussões mais aprofundadas sobre o tema. Uma das questões observadas a respeito da

identidade cultural, é a necessidade em compreender-se o que é uma cultura e os processos de identificação do indivíduo no decorrer de sua vida.

Discutem-se aspectos de que a identidade cultural seria abordada a partir de laços estreitos e de aproximação, sejam elas com a família, religião, país, etc., porém verifica-se que a construção de uma identidade cultural é vista com diversas exterioridades em sua constituição, sejam eles: políticos, econômicos, sociais, ou geotérmicos. E que não pode-se descartar nenhum desses elementos e outros que podem aparecer para refletir esse processo de construção da identidade, seja ela individual ou coletiva.

Então, identifica-se que nesse processo de formação existem jogos de poder, e que argumentar a identidade, faz-se fundamental salientarmos o conceito de diferença, que mostra as aproximações e distanciamentos a partir do objeto estudado. E que a globalização e o livre acesso a informações afetam até comunidades ditas isoladas, que preservam-se, e tentam manter uma cultura dita pura e não influenciável.

E um dos princípios para a construção do indivíduo e de sua identidade, é a livre forma de escolha, porém os fatores externos estão a todo momento a moldar papéis na sociedade, e consequentemente assinalá-lo com diversas identidades, que assumem-se a partir dos momentos que o fazem ser coerente com a situação, ou posição adquirida no tempo.

REFERÊNCIAS

ANAZ, S. A. L. O imaginário da canção midiática como vetor de identificação cultural. **Sessões do Imaginário**, Porto Alegre, v. 18, n. 30, p. 48-56, 2013.

ÁVILA, H. A. D.; FARINHA, A. B. A comercialização de produtos de lã natural como souvenir: manutenção da identidade cultural de Jaguarão. **RELACult – Revista Latino Americana de Estudos em Cultura**, Jaguarão/RS, v. 05, ed. especial, p.1-21, 2019.

BAUMAN, Z. **A cultura no mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2013.

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BITTENCOURT, R. N. Stuart Hall e os signos da identidade cultural na pós-modernidade. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá – PR, v.1, n.154, p.129-138, 2014.

BLAUTH, L.; JOAQUIM, G. V. Identidade cultural e globalização em produções artísticas contemporâneas. **Ouvirouver**, Uberlândia, v. 9, n. 2, p. 334-345, 2013.

BOURDIEU, P. **A Distinção: crítica social do julgamento**. Tradução Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. Porto Alegre: Zouk, 2017.

CAETANO, J. E. B.; MISSIO, F. J.; DEFFACCI, F. A. Fronteira, Música e Identidade Cultural. **RELAcult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, Jaguarão/RS, v. 03, ed. especial, 2017.

CARDOSO, P. F.; DEMCZUK, P. G. Turismo em Foz do Iguaçu, PR: O Patrimônio Cultural Libanês. **Revista Rosa dos Ventos -Turismo e Hospitalidade**, Caxias do Sul – RS, v.7, n.3, p. 411-422, 2015.

CARVALHO, L. B.; DRIGO, M. O. Identidade cultural no encontro de culturas: o Versailles Restaurant e os cubanos/americanos de Miami em foco. **Vozes e Diálogo**, Itajaí - SP, v. 15, n. 02, p.127-140, 2016.

CASTELLS, M. **A era da informação: O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COSTA, C. C. B.; SOUZA, L.S. A TV, O OUTRO E O MESMO: Identidade cultural e figuras da alteridade no Jornal Hoje da Rede Globo. **Revista Pauta Geral-Estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa, v.2, n.1 p. 110-129, 2015.

COSTA, C. S.; SILVA, A. S. Mídia e cultura: uma narrativa da Revista Veja sobre o indígena brasileiro. **Revista Comunicação Midiática**, Bauru – SP, v.10, n.1, p. 108-123, 2015.

COSTA, E.; KLEIN, A, A, Globalização e a perda da Identidade Cultural. **Ius Gentium**, Curitiba - PR, ano 6, n. 12, p. 10 - 27, 2012.

COSTA, M. L. R.; REZENDE, F. Construção da identidade docente de um estudante de licenciatura em ciências biológicas em curso a distância: um caso de hibridismo. **Revista Ensaio**, Belo Horizonte, v.16, n. 01, p. 149-169, 2014.

COTIAS, P. F. A. M. A identidade cultural na pós modernidade. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 1, n.2, p. 157-163, 2004.

CRUZ, F. S. Do essencialismo ao não essencialismo? reflexões sobre a identidade cultural do MST. **Lua Nova – Revista de Cultura e Política**, São Paulo, v. 1, n.1, p. 181-201, 2010.

FERREIRA, B. R. T.; SOUZA LEÃO, A. L. M.; JUNIOR, F. G. P. Identificação e diferença na construção de identidades culturais de torcedores rivais dos três grandes clubes da cidade do Recife: entre a defesa e o ataque em interações sociais virtuais. **PODIUM**, São Paulo, v. 3, n.2, p.85-96, 2014.

FRANCO, S.M.; SOUZA LEÃO, A. L. M. AS “MARCAS” DE UMA NOVA FRONTEIRA VINÍCOLA: identidade cultural das marcas de vinhos do Vale do São Francisco. **Revista eletrônica de Ciência Administrativa**, Campo Largo – PR, v.13, n. 3, p. 393-413, 2014.

FREIRE, I. M. Acesso à informação e identidade cultural: entre o global e o local. **Ciências da Informação**, Brasília, v. 35, n. 2, p. 58-67, 2006.

GATTO, D. Aspectos da identidade cultural no nacionalismo estético de Mário de Andrade. **Revista Arredia**, Dourados - MS, Editora UFGD, v.3, n.5, p.1-13, 2014.

GEERTZ, C. **Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

GLISSANT, É. **Introdução a uma Poética da Diversidade**. Trad. Enilce albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005.

GUILHERME, M. Freire's philosophical contribution for a theory of intercultural ethics: A deductive analysis of his work. **Journal of Moral Education**, v.46, n. 4, p. 422-434, 2017.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, S. **Da Diáspora: identidades e mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T. (ORG). **Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2012.

HORNBY, M. S.; EVARISTO, M. B.; BESSA, C. R. Comunicação na aldeia global: sobre linguagem, tradução e identidade cultural. **Belas Infiéis**, Brasília – DF, v. 3, n. 1, p. 131-152, 2014.

JAME, M. C. História, literatura e memória: uma perspectiva pós-modernista de O Retrato do Rei, de Ana Miranda. **Revista FronteiraZ**, São Paulo, v.1 , n.16, p.199-216, 2016.

JORGE, S. M. A. Conquistando espaços (e espelhos): O sujeito contemporâneo de Humberto Gessinger. **Revista Jangada**, Viçosa – MG, v. 2, n. 2, p.44-56, 2013.

JUNIOR, C. B. Apontamentos teóricos sobre os estudos culturais. **Caletrosópio**, Mariana – MG, v. 4, n. 6, p. 78-94, 2016.

KATRIB, C, M, I. Reencontros com a religiosidade brasileira: sujeitos, memórias e narrativas. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá –PR, v. 1, n.15, p. 1-14, 2013.

LIMA, G. A.; LIMA, E. R. Deslocamentos culturais em Morro Azul: identidade cultural e pertencimento. **Nau Literária**, Porto Alegre/RS, v. 10, n. 02, P.90-102, 2014.

MANSILLA, M. A.; RIVERA, C. P. Lo moreno es bello. Componentes identitarios de las mujeres jóvenes evangélicas aymaras. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v.15, n. 2, p. 1005-1019, 2017.

MARCELA, C.; ZEVALLOS, V. O. Estrategias didácticas para el desarrollo de la identidad cultural Mochica en educación primaria en una Institución Educativa de San José de Moro – La Libertad. **Revista Educación**, Peru, v. 23, n. 45, p. 1-195, 2013.

MARCONI, M. A.; PRESSOTO, Z. M. N. **Antropologia: uma introdução**. São Paulo: Atlas, 2010.

MATTÉ, M.; SANTOS, S. R. P. Relações entre memória, reterritorialização e identidade cultural em Duas iguais, de Cíntia Moscovich. **Nau Literária**, Porto Alegre, v. 10, n.2, p. 8-25, 2014.

MEDEIROS, J. B. **Redação científica: a prática de fichamentos, resumos e resenhas**. São Paulo: Atlas, 2005.

MEIRINHOS, A. AGUIAR, A. R.; SALVADO, J. Turismo e Identidade Cultural: Os Pendões Mirandeses. **Revista Portuguesa de Estudos Regionais**, Portugal, v.1, n.45, p. 93-111, 2017.

MENDES, S. D.; DIAS PIRES A. M. G. A alteridade e identidade rizoma. **Revista Jangada**, Viçosa - Minas Gerais, v.1, n.9. p. 107-125, 2017.

MENEZES, P. C. Imagens do Brasil na música erudita do século XX: reflexões conceituais sobre identidades culturais brasileiras. **Per Musi - Revista Acadêmica de Música**, Belo Horizonte, v.1, n.32, p.246-268, 2015.

MOROSINI, M.C.; FERNANDES, C.M.B. Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Educação Por Escrito**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 154-164, jul.-dez. 2014.

MUÑOZ, B. J. C. Construcción y transformación de masculinidades de los corteros de caña de azúcar del Valle del Cauca. **Revista Colombiana de Sociología**, Bogotá - Colombia, v. 39, n. 1, p. 79 – 102, 2016.

OLIVEIRA, H. M. “No coração, minha terra, no coração do Brasil”: Tocantins, discursos identitários, canções. **ORFEU - Revista de Estudos em Música**, Florianópolis – SC, v.1, n.1, p. 2-24, 2016.

PANTA. M.; PALLISSER, N. “Identidade nacional brasileira” versus “identidade negra”: reflexões sobre branqueamento, racismo e construções identitárias. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá – PR, n. 17, p.116-127, 2017.

PENALVA, L. C.; AGRELA, R. V. A. Identificações culturais na (da) amazônia brasileira: o olhar artístico das personagens raimundo, arana e trajano mattoso, do romance cinzas do norte, de Milton Hatoum. **MEMENTO - Revista de Linguagem, Cultura e Discurso**, Três Corações, v. 07, n. 1, p.1-20, 2016.

RAMOS, E. M. S. Los imperativos culturales como garantía de los derechos del inmigrante. **Revista de la Facultad de Derecho**, México, v.1, n.41, p. 287-311, 2016.

RIBEIRO, R. R.; SILVESTRIN, C. B. Uma abordagem paranaense sobre o consumo cultural juvenil e a convergência midiática: um relato analítico. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 13, n. 37, p. 98-119, 2016.

SANTANA, C. P. Similaridades entre Moçambique e a figura feminina no conto o cesto, de Mia Couto. **Revista Arredia**, Dourados - MS, v.5, n.8, p.120-134, 2016.

SILVA, D. R.; SANT'ANNA, P. A. Turismo e crise/mudança da identidade cultural: impactos psicossociais da atividade turística em Diamantina. **Revista Iberoamericana de Turismo - RITUR**, Penedo, v. 5, n.1, p. 4-21, 2015.

SILVA, D. R.; SANT'ANNA, P. A. Turismo e afirmação da identidade cultural: impactos psicossociais da atividade turística em Diamantina. **Revista Turismo Visão e Ação**, Balneário Camboriú, v. 17, n. 1, p. 150-178, 2015.

SILVA, E. L.; SILVA, J. A. Contribuições gramscianas sobre raça, identidade cultural e velhice na perspectiva de Stuart Hall. **Revista Katálisis**, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 57-64, 2017.

SILVA, S. M.; SANTOS, B. R.; ROSA, G. A. M. A identidade e a subjetividade cultural surda em vistas à inclusão. **Revista Educação Especial**, Santa Maria – RS, v. 29, n. 55, p. 429-440, 2016.

SILVA, T. T. (ORG). **Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2012.

SOUSA, L. M. Brincadeira do reisado na modernidade – identidade cultural que navega entre resistência e transformação. **Revista História e Cultura**, Franca-SP, v.2, n.2, p.213-233, 2013.

SOUSA, R. S.; IVENICKI, A. Cultura, currículo e identidade (cultural): conceitos-base para uma educação musical multicultural. **Ouvirouer**, Uberlândia - MG, v. 14, n. 2 p. 438-450, 2018.

SOUZA LEÃO, A. L. M.; IANATOMI, T.; CAVALCANTI, R. C. T. Diga-me onde andas, que te direi quem és: identidades culturais na comunidade brasileira da marca Johnnie Walker. **Revista de Administração**, São Paulo, v.50, n.3, p.369-380, 2015.

STRANGE, H. A. E. Arquitectura popular de la comuna de San José de Maipo, riesgo del patrimonio y de la identidad cultural. **Apuntes**, Bogotá, Colombia, v. 26, n. 2, p. 80-89, 2013.

TESLE, W.; ERTZOGUE, H. Identidade cultural e inclusão tecnológica em uma perspectiva folkcomunicação da comunidade quilombola lagoa da pedra, Arraias-TO. **Revista Observatório**, Palmas, v. 3, n. 2, p. 524-548, 2017.

VEIGA, M. B. Arquitetura neoenxaimel em Santa Catarina: a invenção de uma arquitetura típica. **Revista Confluências Culturais**, Joinville- SC, v. 3, n. 1, p. 81-98, 2014.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (ORG). **Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2012.

4 CULTURA E IDENTIDADE: COMPREENDENDO O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO/DESCONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE IDENTIDADE CULTURAL²

CULTURE AND IDENTITY: UNDERSTANDING THE CONSTRUCTION / DECONSTRUCTION PROCESS OF THE CULTURAL IDENTITY CONCEPT

CULTURA E IDENTIDAD: ENTENDER EL PROCESO DE CONSTRUCCIÓN / DESCONSTRUCCIÓN DEL CONCEPTO DE IDENTIDAD CULTURAL

Miguel Archanjo de Freitas Junior
Tatiane Perucelli

RESUMO: O objetivo do presente estudo foi compreender como os conceitos de identidade e cultura completam-se na contribuição do entendimento da identidade cultural. Para isso, através da revisão de literatura, apresentou-se o processo de construção dos conceitos cultura e identidade, e posteriormente uma análise da contribuição desses conceitos para a elaboração de uma identidade cultural, através da perspectiva desconstrutivista. Visto que, quando fala-se em identidade cultural, as discussões em torno de dois conceitos que estão em crise fazem-se necessária, conceitos estes: cultura e identidade, compreendo suas abordagens, saindo de perspectivas isoladas de pensamento, empregando conceitos em “xeque” no intuito de serem repensados e então dialogados a partir de novos quadros teóricos, observando que o processo de identificação cultural passa por uma essência inicial, a raiz da cultura, que pode ser perpetuada pelo o indivíduo, ou não. Abrindo assim novas visões para o mundo e sua cultura nos processos de identificação.

PALAVRAS-CHAVES: Cultura; identidade; identidade cultural.

ABSTRACT: The aim of this study was to understand how the concepts of identity and culture complement each other in contributing to the understanding of cultural identity. For this, through the literature review, the process of construction of the concepts culture and identity was presented, and later an analysis of the contribution of these concepts to the elaboration of a cultural identity, through the deconstructivist perspective. Since, when talking about cultural identity, discussions about two concepts that are in crisis are necessary, concepts: culture and identity, I understand their approaches, leaving isolated perspectives of thought, employing concepts in “check”. ”In order to be rethought and then dialogued from new theoretical frameworks, noting that the process of cultural identification goes through an initial essence, the root of culture, which may or may not be perpetuated by the individual. Thus opening new visions for the world and its culture in the processes of identification.

² Este artigo encontra-se publicado na Revista Cadernos de Estudos Culturais, e sofreu alterações em sua formatação devido as regras de publicação na biblioteca da instituição, Universidade Estadual de Ponta Grossa. Porém, o conteúdo manteve-se o mesmo.

KEY WORDS: Culture; identity; cultural identity.

RESUMEN: El objetivo del presente estudio fue comprender cómo los conceptos de identidad y cultura se complementan entre sí para contribuir a la comprensión de la identidad cultural. Para ello, a través de la revisión de la literatura, se presentó el proceso de construcción de los conceptos cultura e identidad, y luego un análisis de la contribución de estos conceptos a la elaboración de una identidad cultural, a través de la perspectiva deconstructivista. Dado que, cuando se habla de identidad cultural, son necesarias discusiones sobre dos conceptos que están en crisis, conceptos: cultura e identidad, entiendo sus enfoques, dejando perspectivas aisladas de pensamiento, empleando conceptos en "verificación". Para ser repensado y luego dialogado desde nuevos marcos teóricos, señalando que el proceso de identificación cultural pasa por una esencia inicial, la raíz de la cultura, que puede ser perpetuada por el individuo. Abriendo así nuevas visiones para el mundo y su cultura en los procesos de identificación.

PALABRAS CLAVE: Cultura; identidad; identidad cultural

4.1 INTRODUÇÃO

Entender o conceito identidade cultural é uma tarefa que leva o pesquisador a preliminarmente pensar/compreender de forma isolada os conceitos de identidade e cultura. Uma vez que, a identidade proporciona a compreensão das predileções do indivíduo, e seu pertencimento a determinado espaço ou local, no qual a cultura faz-se presente, englobando várias simbologias, crenças e valores que trazem história. Sendo assim, a cultura em suas diversas abordagens corrobora para a definição dessa identidade, pois de alguma forma os indivíduos, em sua gênese, possuem contato com algum modo de cultura, acreditando-se que esse elo inicial seja transmitido e influenciado em seu marco inicial pela família, e depois por outros meios de sociabilização.

Sendo assim, pensa-se na junção desses dois conceitos, para a elaboração do entendimento da identidade cultural. Para tal, o processo de desconstrução de um conceito apresenta-se como uma corrente teórica elaborada por Jacques Derrida (2001), no qual organizar-se discussões sobre uma posição filosófica clássica, na tentativa de romper com pensamentos ocidentais, possibilitando assim novas formas de pensar, sem descartar o processo de construção inicial de determinado conceito.

Neste sentido de desconstrução, Derrida (2001) entende esse procedimento de analisar determinados conceitos, como uma necessidade de reconhecer que determinada posição filosófica clássica, não apresenta uma coexistência pacífica, mas uma hierárquica de pensamento, e compreender como isso ocorre, inverte esta hierarquia, e coloca em

questionamento dada posição, não colaborando para uma neutralização, que deixaria intacto o campo de discussão anterior, privando novos meios de intervir efetivamente.

De acordo, com mesmo o autor, nesta fase do sistema desconstrutivo é necessário atentar-se uma escrita dupla, estratificada, deslocada e deslocante, que permita o afastamento entre duas posições: “[...] de um lado, a inversão que coloca na posição inferior aquilo que estava na posição superior, que desconstrói a genealogia sublimante ou idealizante da oposição em questão [...]”. (DERRIDA, 2001, p.49). Passa-se a partir desse momento, para um desmonte de posições hierárquicas, com a intenção de inverter a posição superior de pensamento para uma posição inferior, destruindo uma genealogia, que por algum tempo esteve em seu papel, como idealizando, e assim corroborando de um lado, para a retirada de determinado conceito de seu fechamento inicial em seu significado, tornando-o passível de discussões e de novas abordagens; e “[...] de outro, a emergência repentina de um novo "conceito", um conceito que não se deixa mais - que nunca se deixou - compreender no regime anterior” (DERRIDA, 2001, p. 49), desorganizando, uma ordem herdada e reestruturando o campo.

Essas compreensões fazem-se necessárias quando o conceito em questão, apresenta-se de forma ampla, oferecendo diversas definições, hierarquias estipuladas para o seu entendimento. Contudo o processo de desconstrução recorre a várias fontes na tentativa de esclarecer as especificações de determinado conceito, que mesmo assim, ocasionarão em posicionamento individuais, carecendo de um olhar crítico e dinâmico nesta análise.

Desta forma, depara-se com o conceito de cultura, elaborado a partir de várias correntes de pensamento, sendo discutida por uma ampla área de conhecimento, que segundo a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), trata-se das Ciências Humanas: Filosofia, Sociologia, Antropologia, História, Geografia, Ciência Política, etc. E por um sub campo, como é o caso dos Estudos Culturais, analisando a cultura a partir do multiculturalismo.

Os estudos culturais surgem através do Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS), perante a alteração dos valores tradicionais da classe operária da Inglaterra do pós-guerra, compreendendo as relações entre: cultura contemporânea e a sociedade (formas, instituições, práticas culturais) e as mudanças sociais ocorridas, e tem como principais fundadores, no qual apresentam seus textos como fontes dos Estudos Culturais: Richard Hoggart com *The Uses of Literacy* (1957), Raymond Williams com *Culture and Society* (1958) e E. P. Thompson com *The Making of the English Working-class* (1963). (ESCOSTEGUY, 2001).

Nesta análise dos Estudos Culturais, Hall (2003) cita que naquela época de instituição deste campo de estudo da cultura (1950), a mesma encontrava-se como um local de convergência, porém o autor questiona-se sobre as definições que emergiram dessas obras citadas anteriores como textos fundadores, e em quais espaço foram unificadas. Contudo, Hall (2003), salienta que nenhuma definição única e não problemática de cultura encontrou-se, ressaltando que o conceito de cultura ainda continua complexo, expressando-se como um local de interesses convergentes.

Sendo assim, somente duas maneiras de conceituar cultura foram extraídas das formulações feita por Raymond Williams: 1ª) uma “[...] ênfase levanta e re-trabalha a conotação do termo cultura como domínio de “ideias” [...]” (HALL, 2003, p.136); e a 2ª) “[...] é mais deliberadamente antropológica e enfatiza o aspecto de “cultura” que se refere às práticas sociais.” (HALL, 2003, p.136).

Então, neste momento a cultura define-se como:

[...] os sentidos e valores que nascem entre as classes e grupos sociais diferentes, com base em suas relações e condições históricas, pelas quais eles lidam com suas condições de existência e respondem a estas; e também como as tradições e práticas vividas através das quais esses entendimentos são expressos e nos quais estão incorporados. (HALL, 2003, p. 142).

Contudo, as discussões em torno da cultura, encontram-se com divergências, ora em torno de definições (cultura e não cultura) e modos de vida, incorporadas por Raymond Williams, ora como consciência e condições, em torno do conceito de experiência, por Thompson. (HALL, 2003). Duas perspectivas diferentes, pois um atenta-se a uma visão culturalista, e outro a uma visão estruturalista, respectivamente, entretanto chegando a definições semelhantes, mas mantendo a estrutura de Thompson.

No entanto, voltando para os estudos culturais, os mesmos foram inspirações acadêmicas, e também um movimento político, pois na Europa, considera-se os estudos culturais como de esquerda, baseados em pressuposições marxistas, em que acredita-se que o multiculturalismo trouxe reflexões aos antropólogos, de que a cultura serve ao poder, sendo preciso contestá-la. (KUPER, 2002). Todavia, o multiculturalismo traz questionamentos as teorias sustentadas pelos antropólogos.

Sendo assim, o multiculturalismo contrasta-se em duas perspectivas para esta compreensão: o multiculturalismo da diferença, voltando para dentro, em uma visão que atende os próprios interesses, ressaltando a importância de determinada cultura, e sua alegação de superioridade (etnocentrismo); e o multiculturalismo crítico, voltando-se para fora, em uma

abordagem organizada para desafiar os preconceitos culturais de classes sociais dominantes, com o intuito de expor a parte vulnerável do discurso hegemônico (base marxista). (KUPER, 2002).

Com base no multiculturalismo, negava-se que os imigrantes devessem assimilar a cultura americana, por exemplo, e também a existências de uma cultura dominante, corroborando para uma exaltação da diferença, e principalmente o enfraquecimento de valores comuns na sociedade, ratificando uma coesão nacional. (KUPER, 2002). A partir disso, contam-se com um protagonista de uma luta multicultural, não sendo mais representado pelo cidadão ou trabalhador, mas por um ator cultural, que através da identidade cultural, e suas políticas, conseguem um controle da cultura, ressaltando assim a relevância da identidade nestes processos. (KUPER, 2002).

Incorporando assim, outra discussão conceitual, desta vez o conceito de Identidade, que como cita Escosteguy (2010), oscila em essencialismo e construção social, uma vez que a primeira, compreende a existência de grupos e/ou comunidades, através de uma percepção inerente e inata aos mesmo, e a segunda atribuindo a sua presença como um produto social. Fortalecendo a discussão anterior, de uma cultura que ressalta as diferenças, e uma produto de uma construção social, gerado por uma estrutura predominante.

Escosteguy (2010) ressalta que essas preposições essencialistas, devem atentar-se para a transfiguração de posições preconceituosas, pois pode-se enfatizar uma verdade absoluta, através de cultura, que descuida da especificidade do outro, corroborando por julgar outras culturas com princípios da sua própria cultura, construindo o outro como inferior.

Isto posto, depara-se com convergências entre o conceito de identidade, com o de cultura, e também no processo de elaboração de uma identidade cultural. A vista disso, nota-se na compreensão desses conceitos identidade e cultura, que os mesmos intercalam-se para a definição do processo de identificação cultural, pois cada conceito engloba a relação do indivíduo com determinada cultura, e da cultura que influencia esse indivíduo, no processo de elaboração dessa identidade cultural, em que a identidade concretiza-se através da cultura.

Desta forma, o objetivo desse estudo é compreender como esses conceitos de identidade e cultura completam-se na contribuição do entendimento da identidade cultural. Através de uma revisão de literatura, expondo a evolução dos conceitos de cultura e identidade, e posteriormente a contribuição para a elaboração de uma identidade cultural, através da perspectiva desconstrutivista.

Então, nesta análise desconstrutivista, entende-se a leitura de textos sobre o conceito de identidade e cultura, de maneira separada, na compreensão da elaboração desses conceitos, analisando de forma crítica suas conceitualizações e posteriormente como os conceitos relacionam-se para a definição de uma identidade cultural. Não deixando as posições conceituais iniciais, mas pensando com todas as posições em uma provável compreensão, uma vez que trabalha-se com conceitos complexos e inconstantes.

Dado que, a epistemologia da pós-modernidade difere-se do modelo modernista, pois dá ênfase em tudo ao analisar determinado fenômeno, não descartando qualquer elemento que possa aparecer nesta investigação, sendo assim o método desconstrutivo visa a “leitura”, e a análise de todas as particularidades de um texto, com um julgamento crítico de seus significados, e no reconhecimento de forças presentes no discurso dominante. (LEGLER; VIERA; FANCHIN, 2002).

4.2 IDENTIDADE

Na perspectiva do senso comum, quando reporta-se para o conceito de identidade, volta-se para características própria de determinado indivíduo, diferenciando-o de outro indivíduo. Já segundo Bauman (2005), a identidade nasceu da crise do pertencimento, no qual o Estado buscava a obediência de seus indivíduos, bem como esses indivíduos, uma nação propriamente dita, sem este Estado destinava-se a ser insegura a respeito de seu passado, incerta do presente e principalmente seu futuro seria cheio de dúvidas. Para o mesmo autor, a identidade nacional passa a ser imposta, e quem governa decide a nacionalidade, e também um destino compartilhado por uma nação, mas que permanece incompleta, devido ao poder de exclusão, e da distinção do traçar, impor e policiar a fronteira entre o “nós” e “eles”.

Esse pertencimento passa a perder sua sedução, a partir de questionamentos em relação ao Estado que tentava manter uma lealdade nacional, em que se o indivíduo pretendesse ser outra coisa qualquer, as instituições do Estado deveriam direcionar se essas escolhas eram adequadas, caso contrário, uma identidade que não fosse certificada, seria uma fraude (BAUMAN, 2005). Sendo assim, os problemas da identidade surgem a partir do abandono do princípio da fronteira entre nós e eles, perdendo assim suas âncoras sociais, e a identificação torna-se em uma busca desesperada por um nós, que possa-se pedir acesso (BAUMAN, 2005).

A vista disso, a questão da identidade passa por várias discussões na teoria social, no qual o principal argumento é de que as velhas identidades estão em declínio, mesmo que por

um determinado tempo tenham estabilizado, possibilitando novas formas de identidades e principalmente fragmentando o indivíduo moderno, uma vez que mesmo encontrava-se na posição de um sujeito unificado, denominando-se assim um período marcado pela chamada “crise da identidade” (HALL, 2006).

Neste processo de crise, ocorrem mudanças, deslocando estruturas e processos centrais da sociedade moderna, desencadeando abalos em quadros de referência que anteriormente sustentavam e ancoravam os indivíduos em um mundo social estável, pois a identidade agora é “[...] algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento” (HALL, 2006, p. 38). Nota-se então, que a identidade como um processo andamento, algo em construção:

A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de *uma falta* de inteireza que é "preenchida" a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por *outros*. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a "identidade" e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude (HALL, 2006, p.39).

Para Hall (2012) quando aborda-se identidade, falta-se uma teoria da prática discursiva, na tentativa de uma reconceptualização do sujeito, em que é necessário pensá-lo em uma posição, deslocada ou descentrada no interior de determinado paradigma. Para o mesmo autor, essa tentativa de rearticular a relação de sujeitos e práticas discursivas, é que a questão da identidade ou identificação (caso enfatize-se o processo de subjetivação e a política de exclusão que isso pode causar) volta-se aparecer.

Optando-se pela identificação, Hall (2012) cita que na linguagem do senso comum, a identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma característica ou origem em comum, que são partilhadas com grupos ou pessoas, com um mesmo ideal, criando assim um fechamento natural do grupo, formando-se a base de solidariedade e fidelidade ao grupo em questão.

Então, a abordagem discursiva vê a identificação como uma construção, nunca completo, mas sempre em processo, dando ao indivíduo a possibilidade de ser, sempre, sustentada ou abandonada, sendo o processo de identificação, um processo de articulações, suturações, sobredeterminações e não uma subsunção, mostrando-se com uma falta, e nunca um ajuste completo, total e acabado (HALL, 2012).

Assim como todas as práticas de significação, a identificação está sujeita ao jogo da *différance*, envolvendo um trabalho discursivo, um fechamento e a marcação de fronteiras

simbólicas, nas quais produzem efeitos de fronteiras, no qual ela não é aquilo que prende alguém a um objeto já existente, mas aquilo que prende alguém à escolha de um objeto perdido, fundada na fantasia, na projeção ou ainda na idealização (HALL, 2012).

Contudo, a identidade não é um conceito essencialista, muito menos assinala um núcleo estável, sem qualquer mudança, estando sujeita a uma historicização radical, em um processo de mudança e transformação, como exemplo: o que acontece com as discussões em torno da identidade exposta a processos e práticas que perturbam o caráter de “estabelecido” de populações e culturas, quando refere-se aos processos de globalização e aos processos de migração forçada (ou livre), no qual essas identidades começam a invocar um origem de um passado histórico:

Elas surgem da narrativização do eu, mas a natureza necessariamente ficcional desse processo não diminui, de forma alguma, sua eficácia discursiva, material ou política, mesmo que a sensação de pertencimento, ou seja, a “suturação à história”, por meio da qual as identidades surgem, esteja, em parte, no imaginário (assim como no simbólico) e, portanto, sempre, em parte, construída na fantasia ou, ao menos, no interior de um campo fantasmático (HALL, 2012, p.109).

Então, conforme Hall (2012), as identidades são construídas dentro e não fora do discurso, sendo necessário compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, em formações de práticas discursivas específicas, e ainda com estratégias e iniciativas específicas. Para o mesmo autor, dentro dessas questões, a identidade precisa ser analisada no interior do jogo de modalidades específicas de poder, demonstrando-se assim um produto de marcação da diferença e da exclusão.

Verifica-se nestas concepções, que o indivíduo quando envolve-se em um processo de identificação com determinada cultura, ele passa a encaixar-se a elementos estabelecidos através de símbolos, de ideias e principalmente com valores que são consideradas e transmitidas dentre as gerações. Mas o que mantém o indivíduo neste meio? Para Woodward (2012), a identidade é relacional, pois sua existência só é possível quando fatores externos contrapõe-se, tem-se outra identidade para diferir-se, é através da diferença, que a identidade busca opor-se a outra, demarcando fronteiras e significados, então essa identidade necessita ser atrativa e ainda mostrar-se diferente de outras já disponíveis.

Conforme Woodward (2012), citando Michael Ignatieff, explana-se aspectos do entendimento da identidade e sua relação com a diferença, dentre eles estão: a conceitualização do conceito de identidade; identidades essencialistas, porém algumas mostram-se fixas e imutáveis, verdade imutável, necessita-se saber quais são; identidade apresentada como

relacional, diferença marcada simbolicamente, a partir de outras identidades; identidade marcada por condições sociais e materiais, proporcionando processos de construção de identidade diferentes; a conceitualização da identidade envolve exames dos sistemas classificatórios, ressaltando que as relações sociais mantidas pelos indivíduos, passam a ser organizadas e divididas, até obscurecendo algumas diferenças criadas nos grupos ou em comparação a outros grupos; identidades não são unificadas, sempre mostrando-se em processo de negociação entre o grupo estabelecido, ou o meio em que vive; ressalta-se a necessidade de explicação do porque as pessoas assumem posições identitárias, investindo nos discursos que essa identidade oferece.

Com isso, a análise de um processo de identificação individual em relação a determinada cultura necessita ser minuciosa, pois é através dela que podemos verificar quais são os principais meios que a envolvem e as estimulam a pertencer a determinada cultura e seu conjunto de significados. Conforme Castells (2008, p. 23), essa construção de significados possibilita ao indivíduo assumir diferentes identidades, gerando tensões e contradições pelos papéis que optou-se em assumir, sejam eles individuais ou coletivos. Assim com esse mundo de mudanças incontroláveis tendem a reagrupar pessoas em identidade primárias, sejam elas: religiosas, étnicas, territoriais, etc., e a busca por uma identidade coletiva ou individual, torna-se uma fonte básica de significado social, porém cada vez mais as pessoas organizam seu significado com base no que são ou acreditam que são (CASTELLS, 2008, p.23).

Neste processo de identificação um dos aspectos que mais sobressaem na hora da escolha de uma identidade prevalece-se entre os valores, as crenças e os significado que aquela cultura exprime para aquele indivíduo, e por influências externas: familiares, trabalho, estudos, etc. Para Bauman (2005), a identificação torna-se um fator poderoso de estratificação e diferenciadora, englobando aqueles que constituem e desarticulam as suas identidades mais ou menos com a própria vontade, e aqueles que tiveram negado ao acesso à escolha da identidade, que não possui direito de manifestar suas preferências, oprimidos em identidades oprimidas e impostas por outras pessoas.

Então, a identidade apresenta-se como uma ideia ambígua (faca de dois gumes), de um lado pode ser expressa por um grito de guerra de indivíduos ou comunidades que desejam-se ser imaginadas, e por outro lado um grupo que necessita que volte-se para um grupo maior, que pretende devorá-lo ou destruí-lo, na indução de render-se à um ego coletivo (BAUMAN, 2005).

Nestes dois casos, a existência humana depara-se com a liberdade de escolha e a segurança oferecida pelo pertencimento, demandando submeter seus interesses pessoais em

benefício da solidariedade de que o grupo necessita, na resistência de um grupo maior que pretende tirar do indivíduo o que já está estabelecido, requerendo unir-se para vencer, caso contrário serão derrotados nesta perspectiva de identificação (BAUMAN, 2005).

Castells (2008, p.24), compreendendo que a construção social da identidade ocorre em um contexto de poder, propõe três formas de distinção e origem de construção da identidade:

Identidade legitimadora: introduzida pelas instituições dominantes da sociedade no intuito de expandir e racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais [...];
 Identidade de resistência: criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica de dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade[...];
 Identidade de projeto: quando os atores sociais, utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e, fazê-lo, de buscar a transformação de toda a estrutura social (CASTELLS, 2008, p.24).

A identidade que começa como resistência podem acabar em projetos, tornando-se dominantes e assim identidades legitimadoras (CASTELLS, 2008, p 24). Porém, cada processo de construção de identidade é um resultado distinto de cada constituição de sociedade, o homem então passa também a ser resultado do meio cultural em que foi socializado.

Desta forma, a identidade, tal como a diferença fazem parte de uma relação social, sendo sujeita a vetores de forças e relações de poder, não sendo definidas e sim impostas, não convivendo harmoniosamente, mas sendo disputadas, uma vez que a afirmação da identidade e enunciação da diferença traduz o desejo de muitos grupos sociais, na procura de garantir-se acesso privilegiado a bens sociais e lugares (SILVA, 2012, p.81).

Nota-se nas percepções de identidade, que o indivíduo nasce em um contexto histórico, em uma cultura, inserido em uma sociedade específica, corroborando assim, para seus primeiros espaços de sociabilização e construção de sua identidade. Contudo, com o seu processo relacional (indivíduo/sociedade ou indivíduo/cultura), o mesmo passa a encontrar diferenças identidades, espaços de convivência, de culturas, e principalmente diversas formas de lutas originando assim, outras oportunidades de remodelar sua identidade.

Entretanto, quando volta-se para essas possibilidade de adquirir diversas identidades, esse indivíduo, não vive somente em um espaço de sociabilização, por exemplo: família, estudos, trabalho, lazer, etc. Está sujeito a encontrar-se em diversos espaços, reforçando a fluidez de determinado processo de identificação, denotando ao mesmo uma falta de pertencimento nos lugares que frequenta. Esse processo de não pertencimento gera uma crise

de identificação, sendo necessário uma nova reformulação ou questionamento de sua identidade.

Porém, ressalta-se essa perspectiva anterior à indivíduos que conseguem ter essa possibilidade de escolha, pois caso contrário, manter-se-ia uma definição não condizente com o momento e seu modo de identificar-se, particular de cada indivíduo, particular de cada cultura ou sociedade em transmitir aspectos que convençam esse indivíduo a permanecer naquela identidade. Visto que, entra-se então em uma relação de dominação e relações de poder através da identidade, proporcionados por sentidos de pertencimento.

4.3 CULTURA

No processo evolutivo da definição do conceito de cultura observa-se que a cultura primeiramente foi relacionada com uma raiz etimológica relacionada ao trabalho rural, sendo sinônimo da palavra civilização, ou seja um processo de progressão intelectual, espiritual e material, em que o homem era civilizado pela presença de costumes e atitudes morais denominadas na época, se não os possuísse era denominado selvagem (EAGLETON, 2011).

Então, para Bauman (2013) o conceito original de cultura seria um agente da mudança do status quo, e não utilizado para sua preservação, elaborado especialmente para educar as massas e refinar costumes, melhorando a sociedade e aproximando o povo. Para o mesmo autor, o projeto iluminista atribuiu a cultura um status de ferramenta básica para a construção de um Estado ou Nação, e de um Estado-nação, ferramenta esta que mantinha-se nas mãos da classe dita instruída para tal.

Contudo, Chauí (2008) ressalta que a cultura tornou-se sinônimo de progresso, sendo possível analisar o progresso de determinada civilização através da cultura, e vice-versa. Segundo a mesma autora, determinadas sociedades foram avaliadas pela presença ou ausência de determinadas características do ocidente capitalista, logo a falta de algumas características demarcam a falta de cultura ou ainda que a sociedade em questão possui uma cultura pouco evoluída.

Mas que características ou elementos eram esses? Seriam o Estado, o mercado e a escrita, pois as sociedades que não desenvolveram essas formas de troca, comunicação, poderes de mercado, a escrita, e do Estado europeu, eram considerados culturas “primitivas”, atribuindo o conceito de valor as formas culturais (CHAUÍ, 2008).

Segundo Eagleton (2011), esse “processo de civilização” e apropriação de características e elementos ocidentais, proporcionava uma minimização das diferenças sociais, mostrando-se diferente, ao passo de que a cultura tentava as realçar, porém essa definição de civilização passou por um desvio semântico, pois tal como a cultura, civilização torna-se em parte descritiva e normativa, ora designando uma forma de vida, ora como uma recomendação ou aperfeiçoamento de um modo de vida para a humanidade. Segundo o mesmo autor, os problemas relacionados a essa palavra começam quando os aspectos descritivos e normativos afastam-se, com isso surge a emergência de deslocar a cultura do seu significado individual para seu significado social, e principalmente, para essas determinadas condições sociais, pode-se haver envolvimento tanto do Estado e como uma dimensão política.

Para Elias (1994) o conceito de civilização representa o que o Ocidente tem de si mesmo, resumindo-se em tudo o que a sociedade ocidental julga-se superior as sociedades antigas ou sociedades contemporâneas mais primitivas, dando-se a essa sociedade uma caráter especial, englobando os níveis tecnológicos, a natureza de suas maneiras, o avanço de sua cultura científica, etc. Para o mesmo autor, a palavra civilização não significa a mesma coisa para diferentes nações ocidentais, demonstrando que os ingleses e franceses a empregam de uma maneira: orgulhando-se da importância que suas nações geram para o progresso do Ocidente e da humanidade; e os alemães de outra: sendo o emprego da palavra civilização secundário, compreendendo apenas aspectos externos dos humanos, superficialmente, dando mais ênfase a palavra *Kultur*, que engloba o orgulho de suas realizações e no próprio ser.

Destaca-se que as palavras como civilização (francês ou inglês) e *kultur* (alemão) são empregadas de acordo com a sociedade ao qual pertencem, corroborando para que o mundo esteja ligado a elas, da mesma forma que incluem determinadas áreas, excluem outras, tornando-se difícil defini-las (ELIAS, 1994). Depara-se então com dois conceitos, civilização e *kultur*: no qual o primeiro refere-se a fatos políticos ou econômicos, religiosos ou técnicos, morais ou sociais, realizações, atitudes ou comportamento das pessoas, não dando ênfase se realizaram algo ou não; e o segundo aborda a fatos intelectuais, artísticos e religiosos, e referindo-se ao comportamento da pessoa em relação a definição de civilização, torna-se secundário, descrevendo o caráter e o valor de determinados produtos humanos, e não expressos somente pelo valor intrínseco da pessoa (ELIAS, 1994).

A partir de Elias (1994), a civilização é vinculada ao processo, ao seu resultado, enquanto a *kultur*, reporta-se a produtos humanos: obras de arte, livros, sistemas religiosos ou filosóficos, caracterizando a individualidade de determinado povo, expressando-se como um

fator delimitante. Para o mesmo autor, enquanto uma aproxima e minimiza as diferenças nacionais entre os povos, dando uma continuidade a expansão de grupos colonizadores, a outra dá ênfase as diferenças nacionais e a identidade particular de grupos, ressaltando que uma nação teve a oportunidade de buscar e constituir incessantemente suas fronteiras, demarcando suas diferenças e detalhes.

Sendo assim, a cultura passa a entrar em conflito com civilização, uma vez que elabora-se um debate entre a modernidade e a tradição, respectivamente. A cultura agora não define uma forma unilinear da humanidade, mas uma diversidade de formas de vidas específicas, cada qual com suas leis de evolução, encontrando-se na descrição de ordem social primitiva, como também para idealizar uma ordem social própria (EAGLETON, 2011).

Elias (1994) cita que o processo social, colocou a gênese das palavras civilização e kultur ao esquecimento, em que as gerações transmitem-nas uma a outra sem estarem consciente do processo como um todo, uma vez que enquanto as gerações encontrarem subsídios para definirem-se a partir dessas palavras o farão, caso contrário os termos morrerão aos poucos, a partir do momento que as funções e experiências na vida concreta da sociedade deixam vincular-se a eles, ou apenas adormecem, adquirindo novos valores existências.

Porém, quando depara-se com uma época de globalização e uma evolução constante da modernização, a perspectiva desse conceito precisa perpassar por uma pluralização, que multiplica os processos de identificação e as formas de representar a cultura. Contudo, destaca-se que essa vivência com as mudanças, mostra como a sociedade sai de uma fase totalmente sólida para uma fase líquida, e o que torna líquida a modernidade é sua modernização compulsiva e obsessiva, corroborando para que nenhuma das formas consecutivas de vida social mantenham-se por muito tempo (BAUMAN, 2013).

Entretanto, Caldas (2008) ressalta que esse processo de globalização necessita ser analisado por uma perspectiva ideológica, pois com as ideias neoliberais e a maximização do lucro, colaboram para a globalização da cultura, recorrente da concentração do capital por meio da absorção de outros capitais, pois essa globalização da cultura nada tem a ver com cultura da globalização. Desta forma, para o autor algumas comunidades ainda não têm ideia dos processos de acesso a globalização, sendo assim é necessária uma democratização de todas as tecnologias e acessos a elas, denotando que a cultura de globalização é a existência de uma “cultura da tecnologia eletrônica”, que ainda não foi inteiramente globalizada.

Visto que, esse processo de globalização não deve ser visto, especialmente relacionado com a cultura, como um processo natural e espontâneo, em razão disso os indivíduos

encontram-se diante de um sistema de relações sociais baseados na acumulação do capital, proporcionando insegurança e incertezas do amanhã (CALDAS, 2008). Incertezas estas, que observa-se a grande presença da solidariedade humana, que tende a subtrair o desvairado ritmo do cotidiano capitalista, proporcionando relações humanas que fluem docemente, mostrando a inegável necessidade da convivência (CALDAS, 2008). Então, esse processo de identificação parte de momentos da necessidade do ser humano, e de relações externas, que necessitam ser entendidas a partir de uma visão antropológica, que proporcionará, uma aproximação com a realidade totalmente vivida por determinada cultura.

Entretanto, deve-se atentar-se para que o mundo não seja definido como uma cultura, corroborando para uma relativização, na elaboração da negação do outro e principalmente compreendendo que os nossos pontos de vista são razoáveis e de outros povos ou pessoas são extremistas, ou até mesmo que o modo de vida de um povo é superior a outro, mostrando que o outro é culturalmente estranho, ou selvagem (EAGLETON, 2011). “A cultura é, assim, o inconsciente *verso* do *recto* da vida civilizada, ou seja, as crenças e predileções que assumimos como válidas, que têm de estar difusamente presentes para que possamos praticar qualquer acção (EAGLETON, 2011, p.43)”.

Este processo de elaboração de uma cultura surge naturalmente, transformando-se em uma forma crítica política, ou em uma área de proteção que é permitido extrair todas as energias, espirituais, artísticas ou eróticas, que podem ser destrutivas, armazenadas com dificuldade pela modernidade (EAGLETON, 2011).

A partir do século XX, estruturou-se uma concepção ampliada da cultura, inaugurando-se a antropologia social e a antropologia política, no qual a cultura irá exprimir, de maneira historicamente e materialmente determinada, a ordem humana simbólica, e principalmente a individualidade e a estrutura própria da mesma (CHAUÍ, 2008). O termo cultura então adquire um novo abarcamento, que não abrangia antes, sendo entendido:

“[...] como produção e criação da linguagem, da religião, da sexualidade, dos instrumentos e das formas do trabalho, das formas da habitação, do vestuário e da culinária, das expressões de lazer, da música, da dança, dos sistemas de relações sociais, particularmente os sistemas de parentesco ou a estrutura da família, das relações de poder, da guerra e da paz, da noção de vida e morte (CHAUÍ, 2008, p.57).

Neste processo, a cultura passa a ser um campo no qual os humanos são responsáveis por: criação de símbolos e signos, instituição de práticas e valores, definição do possível e impossível, dar sentido ao tempo (passado, presente e futuro), diferenças estabelecidas neste espaço, ideia de lei, do permitido e proibido, etc. (CHAUÍ, 2008).

Isto posto, o conceito de cultura depara-se com uma perspectiva antropológica, que segundo Geertz (2008) em sua perspectiva a respeito desse conceito passa ser essencialmente semiótico, e ressaltando assim como Max Weber, “[...] que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado (GEERTZ, 2008, p.4)”.

Quando aborda-se a cultura, a mesma poder ser analisada sob vários enfoques antropológicos (ideias, crenças, valores, normas, atitudes, padrões de conduta, abstração do comportamento, instituições, técnicas e artefatos), artefatos estes que decorrem da técnica, mas com a utilização condicionada através da abstração do comportamento, no qual as instituições ordenam padrões de conduta, expressos por atitudes, normas, valores, crenças e ideias (MARCONI; PRESSOTO, 2010).

Segundo Marconi e Pressoto (2010, p.27), de acordo com os antropólogos, a cultura consiste em: 1) ideias (relacionam-se com concepções mentais, toda a variedade de conhecimento e crenças teológicas, filosóficas, científicas, históricas, etc.); 2) abstrações (coisas e acontecimentos não observáveis, não palpáveis, não tocáveis); e 3) comportamento (modos de agir comuns a grupos humanos, conjunto de atitudes e reações dos indivíduos em face do meio social). Para as mesmas autoras, quando observa-se uma cultura deve-se levar em consideração os seguintes elementos: *conhecimento* (todas as culturas possuem conhecimentos transmitidos de geração em geração, aspectos referentes a ordem social), *crenças* (aceitação de uma proposição comparada ou não cientificamente, podem ser pessoais, declaradas ou públicas), *valores* (empregado para indicar objetos e situações consideradas boas, desejáveis, o valor incentiva e orienta o comportamento humano), *normas* (regras que determinam os modos de agir dos indivíduos em determinadas situações) e *símbolos* (realidades físicas ou sensoriais, em que os indivíduos os utilizam para atribuir valores ou significados específicos).

Então, a partir desse momento o homem torna-se o centro da sua cultura, de suas especificações e principalmente em relação a criação de símbolos que os distingue de outros povos ou comunidades, colocando-o ou não na posição de inferioridade ou superioridade. Sendo assim, quando volta-se para a análise desse processo de criação semiótica, o acesso empírico a eles, e a inspeção desses símbolos ou signos é necessária, para evitar-se elaboração de discussões abstraídas por padrões unificados, que não expressam realmente os sistemas culturais (GEERTZ, 2008).

Porém, com um novo subcampo de estudos sobre cultura: os estudos culturais, através do multiculturalismo, colocam em questionamento as teorias sustentadas por perspectivas antropológicas, no qual crê-se na individualidade cultural, e que no processo de imigração, o indivíduo não deve-se assimilar a cultura predominante, sendo necessária a compreensão das diferenças. (KUPER, 2002). Contudo, essa visão colabora para que o Estado-nação depare-se com uma exaltação de diferenças e com um enfraquecimento de valores, antes consolidados, gerando uma possível coesão social. (KUPER, 2002).

A partir disso, neste processo de discussões sobre apropriações culturais, surge neste cenário, um protagonista de uma luta multicultural, não sendo mais representado pelo cidadão ou trabalhador, mas por um ator cultural, que através da identidade cultural, e suas políticas, conseguem um controle da cultura, ressaltando assim a relevância da identidade nestes processo. (KUPER, 2002).

Sendo assim, temos aqui uma cultura elaborada, reivindicada como uma identidade de projeto, como definida por Castells (2008), que corrobora por uma intervenção através de outro modo de cultura, construindo novos modos de identificação, capaz de redefinir posições na sociedade, e a transformação da estrutura social e relações de poder.

Percebe-se então, que a cultura deixa de ser um processo de civilizar, refinar massas, minimizar diferenças, passando assim por um processo de pluralização, tornando-se uma cultura que poder ser elaborada, como uma luta social, responsável por meio identificáveis de resistência e principalmente reivindicações nas estruturas de poder existentes.

4.4 RELAÇÕES DOS CONCEITOS DE IDENTIDADE E CULTURA, PARA O ENTENDIMENTO DA IDENTIDADE CULTURAL

Posto isto, a desconstrução dos conceitos de cultura e identidade, indaga-se que o homem passa a ser elemento principal da cultura, e responsável pela produção dos elementos que a representa, mas então como o indivíduo engloba determinada cultura? Como acontece esse processo de identificação cultural?

Então, quando volta-se para a constituição da identidade, entende-se que o indivíduo faz parte de um determinado ambiente, e esse ambiente é constituído de determinada cultura, que por sua vez, influencia na formação dessa identidade, porém, com diversas mudanças, essa identidade torna-se múltipla, capaz de oferecer ao indivíduo, caminhos distintos, opções a

seguir, sendo ele responsável também pela formação dessa identidade. Uma vez moldado pelo ambiente, e podendo organizar esse ambiente conforme suas vontades.

No entanto, quando volta-se para a identidade cultural, essa percepção muda, porém não é descartada. Segundo Kuper (2002) os primeiros debates sobre cultura e identidade nos Estados Unidos foram relacionados pela imigração, no qual a partir dos anos 1950 e 1960, esse debate muda para discussões em torno de raça, porém com as políticas culturais nas décadas de 1980 e 1990, a preocupação volta-se para diferentes grupos e categoria de pessoas, como: gênero, orientação sexual, deficiências, convicções religiosas, etc. Para o mesmo autor, a partir dessas políticas culturais, essas perspectivas de identidade cultural tomam um novo caráter, no qual as características distintivas desses grupos serviam como reconhecimento, e também a identidade passa a ser uma opção, embora exista uma crença subjacente, assim como a coletividade possui uma identidade que será afluída, o indivíduo também possui uma identidade necessária com alguma coletividade cultural, mesmo que esta seja negada, o indivíduo possui uma identidade essencial, derivada de uma coletividade ao qual pertence.

Assim sendo, entende-se que a identidade cultural possui vários entraves para sua definição, e que as principais análises de seu processo de identificação deve estar ligados a elementos próprios da cultura, sendo ela atrelada a uma existência de uma essência que marca as diferenças entre povos e nações, e que atualmente está ligada ao senso de pertencimento do indivíduo a determinado grupo que o representa, em sua identidade.

Contudo, a identidade cultural esteve ligada a aspectos da migração, e um autor que discute identidade cultural nesta perspectiva é Stuart Hall (2003) que explicita esse processo de identificação através da diáspora, no qual a questão da diáspora colocada em seu estudo é principalmente por causa da luz que ela é capaz de causar sobre as complexidades vividas pelos indivíduos, não só pensando em construir um novo espaço, mas de imaginar-se uma nação e uma identidade caribenha, em tempos de globalização.

Para Hall (2003), a situação da diáspora torna as identidades múltiplas, intermediada por elos que as ligam a origem específica, ressaltando a qualidade de ser caribenho, mas não no Caribe, mas em Londres (em sua observação através do povo caribenho). Para o autor, muitos desses indivíduos sentem dificuldade em retornar as suas sociedades de origem, denominando que sua terra tornou-se irreconhecível, pois alguns aspectos vividos anteriormente não existe mais, deparando-se com a felicidade de estar em casa, mas a história interveio irrevogavelmente.

A partir disso, presume-se que a identidade seja fixada ao nascimento, como algo impresso através do parentesco, e da linhagem dos genes, sendo impermeável ao mundo, e superficial a uma mudança temporária de nosso local de residência (HALL, 2003). Neste aspecto, as condições de sobrevivência (religiosa, políticas, econômicas etc.) forjar os indivíduos a migrar, originando a dispersão, acarretando essa disseminação com a promessa de um retorno redentor.

Esse retorno, propicia aos indivíduos uma restauração das perdas vividas, cura a ruptura, reparando a fenda criada através de um retorno promissor, originando o que Hall (2003) nomeia de mito fundador, caracterizado por uma grande visão e por um poder de mover montanhas, no qual a identidade cultural presente neste contexto, proporciona o contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando o passado, futuro e presente, no que chama-se tradição, acarretando ao mito, moldar os imaginários, influenciando ações e conferindo significado à vidas e a história.

Segundo Hall (2003), o conceito fechado de diáspora apoia-se na concepção binária de diferença, construída em uma fronteira de exclusão e dependente da construção do outro, e de uma posição rígida entre o dentro e o fora relacionando-se assim a diferença essencial ao significado, e o significado sendo crucial a cultura. Para o autor, a cultura que alimenta essa identidade cultural, é uma produção, tendo sua matéria-prima, seus recursos e seu trabalho reprodutivo, dependentes do conhecimento da tradição (mesmo em mutação) e de um conjunto efetivo de genealogias.

Uma vez que, não trata-se do que as tradições fazem com os indivíduos, mas o que esses indivíduos fazem de suas tradições, corroborando assim, por identidades culturais acabadas, que estão disponíveis, proporcionando um constante processo de formação cultural, constatando que a cultura não é uma questão ontológica, de ser, mas de tornar-se (HALL, 2003).

Volta-se aqui para a discussão anterior, que o indivíduo encontra-se como agente de sua trajetória de identificação, visto que ele é influenciado pelo meio em que vive, pelas condições que são ofertadas, sejam elas: pela família, escola, sociedade ou meios de sociabilização, etc., optando então a encontra-se e seguir quais aspectos de sua identidade cultural sejam elas grupais, no intuito de viver aspectos abordados pela tradição, história ou ainda pelo reconhecimento de características ditas importantes e representativas em determinado espaço de sua vida e por uma causa que acha importante defender.

Dessa maneira, Hall (2003) cita que a identidade cultural influenciada em alguns casos pela globalização, vem ativamente desenredando e subvertendo seus modelos culturais

herdados essencializantes e homogeneizantes, em que as identidades que eram concebidas e estáveis, estão naufragando em uma diferenciação que prolifera. Pois, para o mesmo autor, o processo de migrações livres ou forçadas estão mudando de composição, diversificando as culturais, e pluralizando as identidades culturais que eram estáveis, no Estado-nação dominante.

Sendo assim, as novas percepções de cultura e identidade, corroboram para novas formulações de identidade cultural, sejam essas identidades culturais que sobreviveram por muito tempo, ou as identidades culturais que formam-se a partir de novos grupos de identificação, e estar inseridos neles, faz toda a diferença nestas percepções de identidade cultural. Uma vez que, é através dos símbolos e signos, que compreende-se os isolamentos e desprendimentos desses indivíduos em uma determinada cultura, desdobrando-se em sistemas culturais que possuem um grau mínimo de coerência, no qual através da observação pode-se notar que os mesmos possuem muito mais do que parecem ter, pois a análise antropológica constrói uma leitura do que acontece, não bastando na construção de quadros de representações impecáveis, cuja a existência e a credibilidade geral dúvidas e questionamentos (GEERTZ, 2008).

Com essa interpretação, uma boa interpretação, leva ao cerne do que pretende-se interpretar, caso contrário depara-se com uma admiração das belezas de determinada cultura, com encantos intrínsecos, muito diferente do que propõem-se, descobrir o que significa cada trama dentro dessa cultura (GEERTZ, 2008).

Então, quando aborda-se sobre os conceitos de cultura e identidade, defronta-se com perspectivas diferentes, no qual determinados autores em um perspectiva sociológica, definem a cultura como uma intervenção a população com o intuito de instruir e igualar os indivíduos, diminuindo diferenças, denotando um padrão de sociedade, uma vez que as sociedades mais primitivas só evoluiriam a partir das aprendizagens oferecidas pela sociedade ocidental.

Contudo, em outra perspectiva de cultura, depara-se com uma abordagem antropológica, que ressalta a diferença de grupos, engloba aspectos simbólicos de determinado grupo, particularidades, abarcando a criação de linguagem, símbolos, crenças, valores, etc., próprios do mesmo. No que diz respeito a essa abordagem, pode-se através dela, descobrir peculiaridades não vistas em documentos sociológicos, devido a algumas vezes denotarem um padrão de análise cultural, que nem sempre expressa realmente o que aquela cultura quer passar. Isto posto, essas visões colaboram no entendimento de identidade cultural e como ela mantém, ou ainda como origina-se.

4.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de identidade cultural elaborou-se a partir de várias definições, e englobando definições em sua maioria sobre povos, nações e agora com uma nova formulação de grupos que procuram representatividade, condições melhores para serem reconhecidos e representados, garantidos direitos e igualdade. Porém, quando fala-se em identidade cultural, as discussões em torno de dois conceitos que estão em crise fazem-se necessária, conceitos estes: cultura e identidade, para que a definição de determinada identidade cultural seja referenciada e justificada a partir de elementos característicos da teoria, que podem trazer concordâncias ou refutar o que foi abordado por determinado autor.

Compreender que o conceito de cultura e identidade possui várias abordagens, é sair de uma perspectiva isolada de pensamento, usando conceitos em “xeque” no intuito de serem repensados e então dialogados a partir de novos quadros teóricos, observando que o processo de identificação cultural passa por uma essência inicial, a raiz da cultura, que pode ser perpetuada pelo o indivíduo, ou não. Abrindo assim novas visões para o mundo e sua cultura nos processos de identificação.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **A cultura no mundo líquido moderno**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BAUMAN, Z. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CALDAS, W. **Cultura**. São Paulo: Global, 2008.

CASTELLS, M. **A era da informação: O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
 CHAUI, M. Cultura e democracia. En: **Crítica y emancipación: Revista latinoamericana de Ciencias Sociales**. Buenos Aires: CLACSO, Año 1, n. 1, p.53-76, 2008.

DERRIDA, J. **Posições**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. Tradução: Sandra Castello Branco. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

ELIAS, N. **O processo civilizador**. Tradução: Ruy Jungman; revisão e apresentação: Renato Janine Ribeiro. 2 edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

ESCOSTEGUY, A. C. D. **Cartografias dos estudos culturais – Uma versão latino-americana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

ESCOSTEGUY, A. C. D. Os Estudos Culturais. In: HOHLFELDT, A. et. al. (Orgs). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

GEERTZ, C. **Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HALL, S. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (ORG). **Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2012.

KUPER, A. **Cultura: a visão dos antropólogos**. Tradução Mirtes Frange de Oliveira Pinheiros. Bauru, SP: Edusc, 2002.

LEGLER, J. F. B; VIEIRA, M. M. F.; FACHIN, R. C. Um exercício de desconstrução do conceito e da prática de segmentação de mercado inspirado em Woody Allen. Brasília: **Revista de Administração de Empresas**, v. 42, n. 4, p. 84-93, 2002.

MARCONI, M. A.; PRESSOTO, Z. M. N. **Antropologia: uma introdução**. São Paulo: Atlas, 2010.

SILVA, T. T. (ORG). **Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2012.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (ORG). **Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2012.

5 O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE CULTURAL: DISPERSÃO DO POVO GAÚCHO PARA UMA CIDADE DO PARANÁ

Miguel Archanjo de Freitas Junior

Tatiane Perucelli

RESUMO: O objetivo do presente artigo foi realizar um estudo bibliográfico acerca da identidade gaúcha e a formação de sua identidade cultural fora do Rio Grande do Sul. Para tanto, foram utilizadas fontes bibliográficas que abordaram especificamente a temática gaúcha, problematizadas de maneira articulada aos escritos sobre cultura, identidade, identidade cultural e diáspora. A realização desse trabalho justifica-se em relação à escassez de produções nacionais que versam sobre a cultura gaúcha praticada para além das fronteiras do Rio Grande do Sul. Observando o gaúcho em sua vivência no Centro de Tradição Gaúcha (CTG), busca trazer os aspectos mais próximos da cultura que foi deixada, no qual duas culturas convergem com seus propósitos: gauchista e tradicionalista, esta última mais aberta a mudanças e aceitações dos locais inseridos, no qual os processos de diferenciação começam a influenciar na cultura tornando-a mais flexível e aberta a novos hábitos e costumes. Notando que a identidade cultural é totalmente construída e sofre alterações, conforme as experiências dos indivíduos, em que cada sujeito torna-se responsável em fazer suas tradições e a construção do seu próprio eu. Reforçando como a adaptação dos gaúchos se faz presente através da criação dos CTGs, na tentativa de não se perder totalmente a cultura gaúcha.

PALAVRAS-CHAVE: cultura; identidade cultural; povo gaúcho.

5.1 INTRODUÇÃO

Quando aborda-se cultura, depara-se com um conceito que não é unânime em muitas áreas de conhecimento. Porém, no seu processo de evolução o conceito em questão, passa a ser um meio de distinção entre pessoas, relacionada a um processo de civilização e instrução de povos primitivos. Contudo, o processo de elaboração de uma cultura também está ligado à aspectos semióticos, sendo vista como uma ciência interpretativa que visa a procura desses significados, originada a partir de uma teia de significações construída pelo homem. (GEERTZ, 2008). Com essa visão antropológica, a cultura, consiste em ideias, abstrações (coisas e acontecimentos não observáveis, não palpáveis, não tocáveis); e comportamentos. (MARCONI; PRESSOTO, 2010).

Em virtude disso ressaltam-se a produção de alguns elementos essenciais como: o *conhecimento* (todas as culturas possuem conhecimentos transmitidos de geração em geração, aspectos referentes a ordem social), *crenças* (aceitação de uma proposição comparada ou não

cientificamente, podem ser pessoais, declaradas ou públicas), *valores* (empregado para indicar objetos e situações consideradas boas, desejáveis, o valor incentiva e orienta o comportamento humano), *normas* (regras que determinam os modos de agir dos indivíduos em determinadas situações) e *símbolos* (realidades físicas ou sensoriais, em que os indivíduos os utilizam para atribuir valores ou significados específicos) (MARCONI; PRESSOTO, 2010).

Pode-se então, nesta perspectiva antropológica, analisar como concebe-se determinada cultura, salientando a representatividade que a mesma possui para seus integrantes, evitando-se discussões abstraídas por padrões unificados, que não representam os sistemas culturais propriamente ditos. (GEERTZ, 2008). Isto posto, observa-se no povo gaúcho, um grupo cultural, com os elementos constitutivos citados por Marconi e Pressoto (2010), dentre eles: o conhecimento, crenças, valores, normas e símbolos. Originando assim, uma possibilidade de investigação, visto que são inúmeros os indícios de preservação e manutenção da cultura, uma vez que no exposto por Oliven (2008) a cultura e a identidade brasileira possuem uma vasta diversidade e que seus significados se intercalam, devido à grande miscigenação e o espaço geográfico, sendo que com esse processo temos a conversão de alguns símbolos étnicos em símbolos nacionais.

Porém quando analisa-se a vasta extensão territorial brasileira depara-se com uma vasta construção de identidades regionais distintas, como a cultura gaúcha, que no seu processo de evolução desenvolveu algumas distinções ao longo de sua história, contribuindo para a formação representativa característica da população do Rio Grande do Sul, expressas por suas Invernadas (setores, departamentos) que corroboram para introduzir suas vestimentas, gastronomia, princípios, valores, ideais, etc., no seu cotidiano atualmente. Entretanto, salienta-se que existem diversas vertentes e discursos, além de tensões, na demarcação daqueles que seriam os verdadeiros valores dessa população, especialmente entre os residentes no Estado e os que, por diversos motivos, migraram para outros locais do país.

Nota-se essa imprecisão, na abordagem conceitual do termo *gaúcho*, que ressalta as diferentes identificações e representações na disputa de sentidos sobre a verdadeira identificação, dentro e fora do Brasil. Na representação brasileira, a expressão tem origem na língua indígena guarani: *guahu* que significa “uivo do cão” e *che* que quer dizer “meu”, que metaforicamente significa “gente que canta triste”. (LESSA, 1978). Já na Argentina e no Uruguai, formações onde tal cultura é também presente, o conteúdo de sua definição é diferenciado. De acordo com Lessa, na explicação argentina a palavra espanhola *gauche* designava os “vagabundos ou ladrões do campo que matam os touros chimarrões, tira-lhes o

couro e vão vender ocultamente nas povoações”. (LESSA, 1978) e na antiga Província Cisplatina a interpretação está ancorada na palavra francesa *gauche* (“*gôche*”), que significa esquerdo ou tudo o que não é direito, sendo o gaúcho era considerado como um defeito da raça espanhola³.

A partir dos escritos de Lessa (1978) é possível observar que a significação atribuída ao gaúcho varia de acordo com os processos de desenvolvimento de um e outro país. No Brasil, a figura do gaúcho, comerciante de muares, cavalares e outros produtos, auxiliou no desenvolvimento econômico do país. Mas, como esse processo de identificação constrói-se? Como a cultura gaúcha, em sua perspectiva de identidade cultural, é vivenciada fora do contexto do Rio Grande do Sul, por aqueles que migraram para outras regiões do país?

A respeito disso, compreende-se que essas identidades culturais possuem uma história, que no decorrer do tempo sofreu transformações constantes, estão longe de estarem fixadas a um passado essencializado. Sujeitas ao contínuo “jogo” da história, da cultura e do poder, as identidades culturais constroem-se como pontos de identificação, instáveis e suturados, construídos no interior dos discursos da cultura e da história. (HALL, 1996).

Nesse sentido, partindo do pressuposto que as identidades culturais possuem uma história, que não é estática, sofre constantes transformações e está sujeita ao contínuo “jogo” da cultura e do poder, o objetivo desse trabalho foi realizar um estudo bibliográfico acerca da identidade gaúcha e a formação de sua identidade cultural fora do Rio Grande do Sul. Para tanto, foram utilizadas fontes bibliográficas que abordaram especificamente a temática gaúcha, problematizadas de maneira articulada aos escritos sobre cultura, identidade, identidade cultural e diáspora, e de observações feitas em um CTG situado na cidade de Ponta Grossa, Paraná.

A realização desse trabalho justifica-se em relação à escassez de produções nacionais que versam sobre a cultura gaúcha praticada para além das fronteiras do Rio Grande do Sul. Pois, segundo o Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul, apresentado pelo governo do Estado, e a partir o censo demográfico de 2010, identificou-se 1.066.500 gaúchos residindo em outros estados brasileiros, tendo como preferência os Estados de Santa Catarina e Paraná.

5.2 CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE CULTURAL: A CULTURA GAÚCHA EM QUESTÃO

³ Outra definição uruguaia para a expressão *gaúcho* refere-se ao instrumento *garrocha*, uma espécie de foice com que cortavam o jarrete dos bois durante as caçadas de couro, onde o *garrucho* seria o homem portador da *garrocha*, e como os guaranis não conheciam o som do “r”, pronunciavam *gahucho*.

Para discutir sobre identidade cultural, não pode-se deixar de destacar que os primeiros debates sobre os conceitos de cultura e identidade nos Estados Unidos foram relacionados pela imigração, só a partir dos anos 1950 e 1960, esse debate muda para discussões em torno de raça, e posteriormente engloba-se outras discussões em torno do conceito, com interferência das políticas culturais nas décadas de 1980 e 1990, a preocupação então volta-se para diferentes grupos e categoria de pessoas, como: gênero, orientação sexual, deficiências, convicções religiosas, etc. (KUPER, 2002).

Sendo assim, com a intervenção das políticas culturais, as perspectivas de identidade cultural reformulam-se, construindo um novo caráter, sendo as características distintivas de determinados grupos uma forma de obter-se reconhecimento, fazendo do processo de identificação tornar-se uma opção, mesmo com a concepção de uma crença subjacente, corroborando para o entendimento que a coletividade possui uma identidade que será afluída, o indivíduo também possui uma identidade necessária com alguma coletividade cultural, mesmo que esta seja negada, o indivíduo possui uma identidade essencial, derivada de uma coletividade ao qual pertence. (KUPER, 2002).

Assim sendo, entende-se que a identidade cultural possui vários entraves para sua definição, que as principais análises de seu processo de identificação deve estar ligados a elementos próprios da cultura, sendo ela atrelada a uma existência de uma essência que marca as diferenças entre povos e nações, atualmente está ligada ao senso de pertencimento do indivíduo a determinado grupo que o representa, em sua identidade. A partir disso, nota-se a relevância de discutir-se aspectos antropológicos da cultura em questão, compreendendo seus elementos e como dá sua preservação, embasados em uma teoria específica que auxilia no processo de concepção da mesma.

Desta maneira, quando volta-se para a população do Rio Grande do Sul, Luvizotto (2009) destaca que a configuração histórico-cultural do estado é composta por três elementos: os lavradores matutos (de origem principalmente açoriana), os representantes atuais dos antigos gaúchos e a formação dos descendentes de imigrantes europeus, em que esses gaúchos originaram-se da transfiguração étnica de várias populações híbridas, entre elas: de espanhóis e lusitanos com mulheres guaranis, de povos de origem germânica, italiana, polonesa, japonesa, libanesa, entre outras.

Nesta configuração apresentada por Luvizotto (2009), observa-se na constituição da população do Rio Grande do Sul a variação de povos, e como diferentes identificações entrelaçaram-se na formação de uma nova concepção de identidade cultural. Uma vez que,

essas variadas definições atribuídas ao termo gaúcho e sua constituição híbrida, apresentam sua significação de acordo com a região e cultura que foi inserida, ora com significado de maestria na caça ao gado, ora como vagabundos e ladrões. Analisa-se então, que o povo gaúcho possui definições regionais, isso mostra-se a partir de sua dispersão por diversas regiões, do Uruguai, da Argentina, da Bolívia e se estabelecendo no Brasil, no Rio Grande do Sul, e conseqüentemente para outras regiões do país, como outros Estados, corroborando para diferentes formas de referir-se a esse povo.

Contudo, quando adentra-se na cultura gaúcha para compreender como dá-se sua formulação, depara-se com um sistema organizado que visa o máximo de legitimação em sua constituição e propagação. Dentro da mesma encontram-se documentos, cartas de princípios, regulamentos, normas, ideais, órgãos regulamentadores etc., que visam um padrão de divulgação, denotando que a cultura gaúcha possui um modo característico e particular, sendo expressa desde o início de sua elaboração.

Citando exemplos, nos seguintes documentos observa-se a preocupação em oferecer o mesmo acesso à cultura gaúcha a todas as pessoas da mesma maneira, intitulados como “textos fundadores” do Movimento Tradicionalista Gaúcho: a tese “O Sentido e o Valor do Tradicionalismo Gaúcho”, de autoria de Luiz Carlos Barbosa Lessa, a “Carta de Princípios do Tradicionalismo Gaúcho” e o “Manual do Tradicionalista”, ambos de autoria de Glaucus Saraiva, entre outros.

Reforçando essas considerações, Konflanz (2013) apresenta os principais períodos históricos do Tradicionalismo até o formato atual. Em seu estudo, Konflanz (2013) destaca o Tradicionalismo Gaúcho em três momentos distintos, sendo o último, o que chegou a uma configuração sólida, um movimento atuante:

- **1º momento:** momento inicial, destacando o início do Partenon Literário de Porto Alegre, criado em 1868, em que muitos intelectuais produziam diversos textos sobre questões regionais, resgatando: ideais da revolução Farroupilha, do campeiro, figuras gaúchas importantes na época, etc., responsabilizando por um grande acervo literário, pelo culto ao regionalismo, mesmo com o intuito de somente preservar a tradição, encerrando-se em 1885 suas atividades (KONFLANZ, 2013);
- **2º momento:** ocorrido durante a República Velha (1889-1930) até 1940, neste momento foram resgatados e reinterpretados a imagem do gaúcho e das tradições, com a criação da 1ª agremiação, o Grêmio Gaúcho, também em Porto Alegre, em 1898, por Major João Cezimbra Jacques, com o culto a tradição, diferenciando do primeiro momento, que visava a literatura,

este trazia a tradição por meio de festas, desfiles, palestras, etc., romantizando acontecimentos históricos da época, ressaltando a Revolução Farroupilha como símbolo de heroísmo. Foi a partir desse momento, que o tradicionalismo passa a ter um culto ao passado, reforçando a efervescência republicana e do positivismo, no Estado do Rio Grande do Sul, que coincidiam com os ideais da Revolução Farroupilha (KONFLANZ, 2013); e

- **3º momento:** caracteriza-se pelo período em que o Tradicionalismo adquire características modernas, que corroboram com a representatividade e significação perante a população, e também para uma formulação capaz de permanecer até os dias atuais. Iniciou-se após a Segunda Guerra Mundial, em especial no ano de 1947, através da Escola Júlio de Castilhos, em Porto Alegre, que iniciou suas atividades, com os seguintes nomes: Paixão Côrtes e alguns colegas, e posteriormente com Barbosa Lessa, Glaucus Saraiva e outros jovens, que originaram alguns documentos que permanecem no cenário gaúcho atualmente. E com o sucesso de suas atividades diante do gauchismo, criou-se o primeiro Centro de Tradições Gaúchas (CTG), o 35 CTG, e a partir disso, o Tradicionalismo poderia tornar-se um movimento abrangente, que traria condições de expandir-se e proliferar-se, não restringindo-se a grupos de intelectuais, como ocorria anteriormente. (KONFLANZ, 2013).

Destaca-se que nestes momentos, as fases do tradicionalismo estiveram ligadas a situações políticas e sociais da época no país, sendo cada uma responsável pela construção de símbolos e representações do imaginário gaúcho e pelo culto ao passado, citados anteriormente. A criação dos CTG teve um papel considerável na implementação da identidade cultural gaúcha em outras regiões, em que Simon (2009) avalia que um milhão e duzentos mil gaúchos vivam fora das divisas do Estado Rio-grandense. O mesmo autor ressalta que essa dispersão advém a partir da facilidade de distribuição de terras, final do século XIX. No qual, as disputas por terras intensificaram-se, e os agricultores gaúchos nesta época foram os que mais incorporaram terras no país, colaborando assim para a difusão de costumes e tradições gaúchas.

Com isso, um exemplo foi em 1943, com a Criação da Colônia Agrícola Nacional General Osório, na Vila Marrecas, o Estado Novo (1937-1945), através da Marcha para o Oeste, procurou-se estimular a vinda de imigrantes do Rio Grande do Sul, Santa Catarina para o Paraná. Nesta época os imigrantes se instalaram na região sudoeste do Paraná, onde estavam sendo distribuídas terras (sem titulação), e a intensificação de propagandas fornecidas pelo governo federal, estimulavam os imigrantes a saírem de suas terras em busca do “lugar do futuro”. (MONDARDO, 2010, p. 207).

Haesbaert (1998, p. 57) analisa que a situação da migração orienta-se em sua maioria por “[...] uma base econômica, pela pressão e a expansão da dinâmica capitalista, embora também carregue, de forma indissociável, o mito "imigrante" de dominação e difusão de inovações em outras terras”. Já Canclini (2007) destaca que podemos compreender os sistemas migratórios a partir três perspectivas, são elas: a migração de instalação definitiva ou de povoação; a migração temporária por motivos de trabalho; e a migração de instalação variável, mesclada pelas anteriores. Se notarmos o primeiro motivo ao qual analisamos aqui, temos o povo gaúcho como uma migração de instalação variável, ocupação de terras e motivos de trabalho, a agricultura, e por condições socioeconômicas.

A partir dos anos de 1950, a mecanização das lavouras fez com que muitos gaúchos atentassem-se com o futuro, em busca de trabalhos com melhores remunerações e também com a educação dos filhos. Assim já na década de 1970, a grande imigração para o norte do estado do Paraná, começa se intensificar, na grande procura por terras para plantio e posse, depois se alastrando para outros estados do país. (SIMON, 2009, p. 11).

Canclini (2007) salienta que embora os imigrantes sejam aceitos porque o interesse por emprego converge com as necessidades da economia que os recebe, em muitos casos pode-se ocorrer certos estranhamentos, ocasionando a expulsão do povo que se instalou em determinado lugar, ou até mesmo agressões (diversas formas de preconceito e discriminação). Essa dificuldade em se instalar no local receptor pode gerar algumas manifestações de preservação da cultura. Nota-se que para o povo gaúcho, na época de sua estabilização em terras fora do Rio Grande do Sul, as terras ainda estavam sendo distribuídas para diversos imigrantes que se estabeleceram no país, após a Segunda Guerra Mundial (1945).

A partir dos anos 1970, até metade dos anos de 1980, os gaúchos imigraram por diversos estados do país, sendo eles Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Rondônia, Pará, Amazonas, Brasília, Goiás, Minas Gerais, Bahia e Maranhão. E na década de 1990, para o Piauí. (SIMON, 2009, p.11). Simon (2009, p. 17) ressalta que dezenas de milhares de gaúchos que viviam na pobreza no Rio Grande do Sul, conseguiram através destas terras enriquecerem, mediante ao trabalho árduo, construindo novas casas e ótimas condições para educar os filhos.

Pierucci (2001) traz uma reflexão de Hall (1993) ao qual diz que muitos povos quando retiram-se de suas “casas”, termo que utiliza para explicar a inserção a uma nova cultura (cultura/casa), não se tem a hipótese de se voltar para sua “casa” sem modificações. Estes são obrigados a chegar a um acordo com as novas culturas as quais inseriram-se e vivem, colocando algo novo em sua cultura, porém sem deixarem-se assimilar por tais culturas. O mesmo autor

ainda cita que esses povos não são e nunca serão unificados culturalmente, pois tornam-se produtos de várias histórias e culturas, no qual pertencem a várias “casas” e nenhuma ao mesmo tempo.

Haesbaert (1998) cita que muitos destes sulistas veem-se de forma diferente dos demais brasileiros, reforçando o já exposto por Hall (1993), no qual esse estranhamento na cultura recém chegada e seus processos de fixação colaboram para a elaboração de novas estratégias de pertencimento. Então, no cotidiano dos gaúchos faz-se muito presente traços da tradição gaúcha e seus costumes típicos, colaborando para a herança cultural gaúcha revivida nos Centros de Tradição Gaúcha (CTGs), retornando para o princípio inicial do culto ao passado.

De acordo com uma matéria publicada em 2015, no site G1, do Rio Grande do Sul, com dados levantados a partir do presidente da Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha, João Ermelino de Mello, somente com entidades filiadas ao Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), da região que compreende, temos um ranking, de CTGs por estado, sendo:

QUADRO 1: Ranking da quantidade de CTGs por Estado brasileiro:

Classificação	Estado	Número de CTGs
1°	Rio Grande do Sul	1.731
2°	Santa Catarina	601
3°	Paraná	336
4°	Mato Grosso	43
5°	Rondônia	33
6°	São Paulo	28
7°	Mato Grosso do Sul	19
8°	Goiás	9
9°	Rio de Janeiro	7
10°	Bahia	5
11°	Distrito Federal	4
12°	Amazonas e Minas Gerais	3
13°	Tocantins e Pernambuco	2
14°	Acre, Roraima, Pará, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Espírito Santo.	1

Fonte: G1.GLOBO.COM. Quase 40% dos CTG's estão fora do RS; confira mapa do tradicionalismo. 2015.

Esses CTGs são responsáveis por manter as tradições e conseqüentemente à identidade desse povo disperso pelo país. Reunindo-o novamente, com atividades culturais, famílias com diversas histórias para se contar, com vestimentas gaúchas, comidas típicas, etc. (OLIVEN, s/d). Contribuindo para a preservação da cultura e principalmente para a criação da identidade cultural do povo gaúcho.

Nota-se na estrutura e organização desses CTGs, a presença de uma esquematização concreta para transmitir sua identidade cultural. Dentro do CTG, depara-se com outras divisões, as chamadas invernadas, nas quais são departamentos ou setores, que corroboram para a distribuição de diferentes atividades dentro deste local, são divididas em: Invernada Artística, Invernada Cultural, Invernada Campeira e Invernada Esportiva. Cada invernada possui suas regras, seus regulamentos e diretrizes.

A invernada Artística possui um concurso de provas individuais e coletivas versando sobre a cultura gaúcha e paranaense (no caso específico de cada Estado), tem a sua essencialidade na valorização e na promoção dessas culturas, através da preservação e promoção das artes, das tradições e do folclore e desenvolve-se através de 4 (quatro) modalidades, a saber: a) Danças Tradicionais Birivas e de Salão, b) Chula, c) Música e d) Causo e Declamação (MTG-PR, 2019).

A invernada Cultural em seu Artigo 2º do Departamento Cultural tem por objetivo:

- I. Aproveitar a capacidade criadora inerente aos jovens e a vivência inerente aos adultos para engrandecer o Movimento Tradicionalista Gaúcho do Estado do Paraná.
- II. Despertar na criança, no adolescente, nos jovens e nos adultos o espírito tradicionalista estimulando a participação efetiva na sociedade e no meio tradicionalista, colaborando na organização e realização de eventos socioculturais e projetos desenvolvidos por este Movimento.
- III. Elevar o nível cultural e intelectual das prendas e peões, de modo que tenham interesse pelo estudo e pesquisa da tradição, do tradicionalismo e folclore gaúcho e paranaense, da história e geografia do Paraná e do Brasil.
- IV. Oportunizar o aperfeiçoamento dos dotes culturais dos Peões e das Prendas.
- V. Promover intercâmbio cultural, estimulando o aperfeiçoamento de seu relacionamento social.
- VI. Estimular o surgimento de novas lideranças no movimento tradicionalista, para que este se perpetue pelas gerações.
- VII. Estabelecer meios para a construção, difusão e troca de conhecimentos sobre tradicionalismo, tradições e cultura gaúcha e paranaense.
- VIII. Escolher, bianualmente, por meio de concurso cultural, dentre os candidatos, aqueles que melhor representam a virtude, a dignidade, a graça e as habilidades do homem e da mulher tradicionalista gaúcho paranaense (MTG-PR, 2019).

Na Invernada Campeira, é onde tem-se as provas campeiras realizadas pelo MTG-PR e associados, provas campeiras constarão de: a) Laço Individual, b) Laço Em Dupla, c) Laço Em Equipe, d) Rédeas, e) Prova Do Chasque, f) Prova Do Cepo, g) Gineteada, h) Vaca Parada. Em que somente uma das provas a Gineteada é opcional. (MTG-PR, 2019). É nesta categoria que engloba-se os Rodeios Criolos, com regras claras e duras, complementando a postura do integrante tanto com o cuidado com o cavalo, quanto com sua maneira de agir dentro da competição, caso o não cumprimento das regras estabelecidas em qualquer invernada o mesmo é desclassificado.

Na última invernada, a Invernada Esportiva tem por objetivo:

- I- Promover a integração sócio-esportiva entre as entidades filiadas, e as pessoas que as integram;
- II- Proporcionar o desenvolvimento integral da pessoa humana como ser social, autônomo, democrático e participante, para o pleno exercício da cidadania;
- III- Minimizar os efeitos nocivos da vida moderna, contribuindo para a preservação da saúde humana (MTG-PR, 2019).

Nesta Invernada, os integrantes (os jogadores, técnicos ou capitães) devem ir pilchados (vestuário gaúcho). Destaca-se dentro dessa invernada as seguintes modalidades para a competição: 1- Bolão Peão, 2- Bolão Prenda, 3 - Bocha Campeira Peão (de Potreiro), 4- Bocha Campeira Prenda (de Potreiro), 5- Bocha Peão (Cancha areia), 6- Bocha Prenda (Cancha areia), 7- Tava equipe, 8- Tava Individual, 9- Truco, 10- Canastra (tranca), 11- Jogo de Bocha 48 (Dupla) e 12- Jogo de Bocha 48 (Individual) (MTG-PR, 2019).

Na constituição do CTG, é necessário que as famílias ingressas possuam indivíduos inscritos em todas as invernadas, mesmo que em alguns casos específicos, o CTG dedique-se apenas em um ou duas invernadas particularmente. Pois, o custo para manter todas as invernadas é alto, uma vez que algumas famílias vivem da renda gerada dentro desse local, através da Invernada Campeira, por exemplo, que conforme a regulamentação, cedem uma parte desse valor as organizações específicas, no caso do Paraná ao MTG-PR.

5.3 CULTURA GAÚCHA E SUA CHEGADA NO PARANÁ

A chegada da cultura gaúcha e a constituição dos CTGs no sul do país, foram facilitados devido a Marcha para o Oeste, e principalmente pela facilidade de dispersão devido à proximidade dos Estados de Santa Catarina e Paraná, demonstrando-se como os que mais receberam a cultura gaúcha. Porém quando volta-se o olhar para a migração, como essas representações e simbologias mantem-se em outros estados e cidades? Especialmente em uma específica?

Para Hall (1996), a construção da identidade cultural na diáspora pode ser compreendida por dois caminhos: o primeiro, como uma cultura compartilhada refletida a partir de experiências históricas em comum, e por códigos culturais, que se tornam um quadro de referência estável, contínuo, sentindo-se a carência de se re-contar o passado; o segundo caminho, com uma visão diferente, salienta que os mesmos pontos de similaridades, também possuem pontos de diferença, constituindo “o que nós realmente somos” e “o que nos tornamos”

quando a história interveio, buscando ressaltar as rupturas e descontinuidades que se obteve no processo de diáspora.

Em ambos os casos, os povos buscam estar atrelados à cultura que afastaram-se, minimizando a perda dos laços adquiridos, porém com a tentativa de inserir-se na cultura recém-chegada. Para Bhabha (2007, p.20), esses “entre-lugares” (termo utilização para definir o “estar aqui e lá”), fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação. Esta que pode ser singular ou coletiva, sendo capaz de dar início a elaboração de novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, na tentativa de se definir a própria ideia de sociedade e construindo identidades a partir de diferentes realidades.

Nessas ações de criação de novos signos, apresentam-se conflitos e negociações, ao qual tem-se os processos de diferenciação, em que o direito de expressar-se a partir da periferia do poder e do privilégio autorizado não depende da persistência da tradição, ele é alimentado pelo poder da tradição que persistem na vida das minorias, onde o reconhecimento da tradição outorga é uma forma parcial de identificação. (BHABHA, 2007).

Para compreender esse processo de identidade cultural, Hall (2003) apresenta uma experiência de diáspora (dispersão de povos, por situações diversas) vivenciada pela migração caribenha para a Grã-Bretanha no pós-guerra e o nascimento da diáspora negra afro-caribenha, no qual essa disseminação colocada em questão se torna uma luz, lançada sobre as complexidades, não só construindo uma nação, mas de se imaginar essa nação, se tornando “comunidades imaginadas”, perante as dificuldades enfrentadas e na busca de uma vida melhor.

Para o autor, os povos em situações diaspóricas tendem a manter vivo um forte senso do que é da terra de origem, para preservar sua identidade cultural. Porém essas identidades não podem ser vistas como tendências singulares e não ambíguas, pois na situação de diáspora as identidades tornam-se inúmeras. Em muitos casos, um exemplo, como os dos caribenhos, em que “ser caribenho”, se torna mais presente fora do Caribe, como em Londres, nas comunidades formadas. (HALL, 2003).

No caso do povo gaúcho, o tradicionalismo surgiu como uma ideologia destinada à manter a massa rural e camadas populares, que em algum tempo de suas vidas migraram para outras regiões em condições de submissão, porém caracteriza-se como um movimento anacrônico, que sofreu mudanças em suas bases ideológicas, pelas alterações socioeconômicas, tentando manter alguns aspectos, costumes, crenças de sua cultura. (OLIVEN, 1985).

Essa dispersão ocasiona o “mito fundador”, que segundo Hall (2003) colabora para a criação de uma esperança, de condições de vidas melhores em outra terra, no qual estabelece-

se um poder, mesmo no mundo moderno, que remove barreiras para concretizar-se determinado objetivo, o autor cita alguns exemplos: como a liderança de Moisés, o grande Êxodo, etc. No caso, de uma parcela do povo gaúcho, resultante do mito fundador, apresenta-se os gaúchos que migraram com a Marcha para o Oeste em busca por condições de vida melhores.

Observa-se a partir da segunda metade do século XVIII, que a região dos Campos Gerais, Estado do Paraná, recebe um ciclo de movimentos diaspóricos, os quais ocorreram devido ao rastro tropeiro. As estradas por onde passavam as tropas serviam como eixo de ligação para o transporte de gado, passando pelas cidades atualmente denominadas: Ponta Grossa, Palmeira, Castro, Imbituva e Lapa. Onde o tropeirismo ganhou forte ascensão buscando gado no Rio Grande do Sul e Argentina. (PARANÁ, 2016).

A partir do Tropeirismo, a migração e povoação nas regiões do Paraná cresceram e conseqüentemente as tradições e costumes fizeram-se presentes na criação dessas cidades paranaenses. Com o povo gaúcho originado do Rio Grande do Sul, esse processo não diferenciou-se e a busca por terras para a criação de gado e agricultura avivou-se, assim a procura por estabilização tanto no local chegado como na cultura que acabará de adentrar não estagnaram.

Outro ponto importante é o conceito da diáspora não estar apoiado somente na concepção binária de diferença, *différance*, termo de Derrida, citado por Hall (2003). Este trabalha o conceito de diferença, como estratégias de significado e significação, no qual esse “jogo de diferenças”, cria espaços onde as culturas chocam-se, muitas das vezes em relações de subordinação e dominação, colocando a origem do povo em uma mistura com a nova formulação de vida exposta, onde o lugar que ocupa-se, transforma-se e cria-se dificuldades em realocar ao primeiro espaço, talvez até sendo impossível.

Pois, as identidades culturais diante de situações diaspóricas tornam-se múltiplas, alocando dificuldades para o indivíduo religar-se a sua sociedade de origem, como se os elos naturais e espontâneos tivessem sido interrompidos por essa experiência. Estas migrações e deslocamento de povos produzem sociedades étnica e culturalmente mistas. (HALL, 2003).

Para Bhabha (2007), as identidades são construídas através de diferentes realidades, necessitando um encontro com o novo, que reformula o passado, na tentativa que bloquear a ação do presente, no chamado “entre-lugar”:

O trabalho fronteiro da cultura exige um encontro com “o novo” que não seja parte do continuum de passado e presente. Ele cria uma ideia do novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado, refigurando-o como um “entre-lugar”

contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O “passado-presente” torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver. (BHABHA,2007, p.27).

Contribuindo para essa dificuldade de estabilização no local chegado, e à necessidade do passado-presente, os indivíduos se encontram em uma condição vulnerável ou incerta, deste modo, sempre buscam manter laços intensos e frequentes com o lugar de origem e com os conterrâneos. “As dificuldades para integrar-se à sociedade receptora fomentam redes de solidariedade, lugares emblemáticos de encontro e diversão [...]”. (CANCLINI, 2007, p. 111). Intensificando os costumes e reimaginando a comunidade perdida, que ficou distante, sentindo-se mais protegidos. Nos CTGs, esse processo de elaboração de redes de solidariedade faz-se presente, colaborando para que os costumes sejam revividos no local estabelecido, até como uma preservação da cultura.

Dento desses meios de preservação na cultura gaúcha apresenta-se o Gauchismo e dentro dele o Tradicionalismo. O Gauchismo-tradicionalismo responsabiliza-se pelas concepções de tradição e folclore, relacionadas com a coleta de ideias de preservação de traços culturais, vistos como sobrevivência do passado, que custam caro ao grupo, na tentativa de preservarem as “autênticas” manifestações da cultura gaúcha, que foram iniciadas em um passado rural, pampeano, que tivessem sobrevivido até o presente. (MACIEL, 2005, p. 448).

Para Maciel (2005), esse movimento gera várias discussões a respeito do que é a cultura gaúcha a ser repassada por seus sucessores, e ainda coloca uma diferença no que seria a cultura tradicionalista e a cultural tradicional, defendida por Lessa, em que a cultura tradicionalista traz todo o conjunto de manifestações pertencentes ao gauchismo-tradicionalismo, e de que a cultura tradicional pretende criar uma base tradicional, mas adaptada ao tempo e espaço, com elementos tradicionais, porém com práticas novas.

Denotando assim, a cultura sendo uma produção, que possui sua matéria prima, seu trabalho produtivo e seus recursos, tendendo a depender de um conhecimento transmitido pela tradição, que por sua vez está em constante mutação. (HALL, 2003). Porém esse desvio através de seus passados capacita através da cultura, construindo a nós mesmos de novo, como novos seres, não se tornando uma questão do que a tradição faz de nós, mas sim o que fazemos com ela, no qual o processo de construção de identidade cultural está sempre em formação, e dizer que essas identidades culturais estão acabadas é um naufrágio perante as diferenciações que proliferam. (HALL, 2003).

Esses processos de construção da identidade cultural dão-se por meio da identificação são discutidos por Hall (2000), em que a identificação manifesta-se a partir de um

reconhecimento de características em comum de determinado grupo, onde o mesmo parte de ideal comum. Deste modo, “[...] presume-se que a identidade cultural seja fixada no nascimento, seja por parte da natureza, impressa através do parentesco e da linhagem de genes, seja constitutiva de nosso eu mais interior.” (HALL, 2002). Existindo uma necessidade de ligação com o passado, o futuro, e o presente em linha ininterrupta, contemplando um elo, chamado de “cordão umbilical”, surgindo o que chama-se de tradição, onde seus testes de fidelidade são mantidos às origens dos povos e sua autenticidade.

Hall (2003) menciona que a tradição funciona, em geral, menos como doutrina do que como repertórios de significados, no qual cada vez mais os indivíduos recorrem a esses vínculos e estruturas para dar sentido no mundo, sem serem presos a eles em cada detalhe de sua existência, colaborando para sua representação e construção identitária.

Nota-se na cultura gaúcha essa necessidade de preservação, através da dança, da música, do cavalo, das festas, entre outros. No qual essas representações tornam-se símbolos ou signos que colocam-se como um instrumento racional e vivo para a sociedade. Caracterizando as “sociedades da modernidade tardia”, que inevitavelmente implicamos em suas práticas, e que necessitamos manifestar sua importante diversidade cultural, nas quais são sociedades, em que os indivíduos confrontam seus exageros e refletem sobre si, e dos reflexos de fatos passados, nas suas condições atuais. (HALL, 2003).

Oliven (1985) destaca que o tradicionalismo vem sofrendo mudanças, e que preservar a cultura gaúcha torna-se difícil, e com o florescimento de novas manifestações gaúchas que fogem do controle do Movimento Tradicionalista Gaúcho, precisando uma reafirmação de que a cultura gaúcha está sendo posta em novos moldes.

Para isso, observa-se na cultura gaúcha um reforço na responsabilidade exercida por quem faz parte do CTG. Dado que, na constituição do mesmo, é necessário uma solicitação por escrito que será entregue ao Coordenador da Região Tradicionalista, compondo no mínimo um grupo de 40 (quarenta) pessoas maiores de idade e idôneas, responsabilizando-se pela fundação e manutenção da entidade e também permanência da patronagem de um ano no mínimo. (MTG-PR, 2019). No CTG, ainda conta-se com cargo específicos dentro do mesmo, sendo eles: Patrão (Presidente), Capataz (Vice-Presidente), 1º Sota-Capataz (1º Secretário), 2º Sota-Capataz (2º Secretário), 1º Guaiaca (1º Tesoureiro) e 2º Guaiaca (2º Tesoureiro). (MTG-PR, 2019).

Outra modalidade presente, que classifica-se como um subgrupo pertencente ao CTG é o Piquete, o qual pode ter uma relação de no máximo 15 (quinze) peões adultos e qualquer

quantidade de Piás, Guris e Prendas, que estejam cadastrados como filiados ao CTG mãe, responsável. (MTG-PR, 2019).

Cada CTG ou Piquete regulamentado, é obrigado a pagar anualmente (anuidade), cerca de 3 (três) salários mínimos (50% destinado ao MTG-PR e 50% para o RT) e 1,5 (um e meio) salários mínimos (01 salários mínimos para a RT e ½ salário para o MTG/PR) respectivamente. (MTG-PR, 2019). No caso dos CTGs, o valor pago até dia 31 de janeiro de cada ano, terá um desconto de 50%, e assim caindo a porcentagem para os meses consecutivos (fevereiro: 45%, março: 40%, abril: 35%, maio: 30%, junho: 25%, julho: 20%), quando pagos em outro meses, como: agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro, não terão desconto, e será acrescido 2% de multa e mais juros de 1% ano mês. (MTG-PR, 2019).

O CTG que não cumprir as disposições que são atribuídas pelo regulamento, fica sujeito a sanções do Regulamento, do Código de Ética e Código Disciplinar, ficando impedido de promover eventos, bem como os membros impedidos de participar de rodeios e eventos relacionados ao MTG-PR e CBTG (Confederação Brasileira de Tradição Gaúcha), além da desfiliação compulsória do MTG-PR. (MTG-PR, 2019).

Na organização de eventos, classifica-se de acordo com o Regulamento Geral:

- A promoção de fandangos, exigindo do CTG: participantes pilchados ou em traje social conveniente; não usa-se chapéu, tirador, armas brancas ou de fogo, etc., elementos que são de uso campeiro, os salões devem ser bem iluminados (não permitindo os pares, dançar com comportamentos que agridam o respeito, a moral e os bons costumes), não são permitidos artifícios estranhos ao tradicionalismo gaúcho, nos CTGs, e os grupos que irão tocar devem ser mencionados: pilcha autêntica dos integrantes do conjunto, repertório de música gauchesca executadas no compasso gaúcho e evitar som em altura exagerada. (MTG-PR, 2019).
- Festas campeiras ou rodeios: demonstrações de habilidades campeiras, com concursos, campeonatos e práticas de atividades ditas gaúchas, que corroborem com a tradição e folclore. (MTG-PR, 2019).
- Rodeio crioulos: promovidos pelos CTGs e piquetes filiados, com modalidades campeiras, artístico-culturais e esportivas, podendo participar todos os CTGs e piquetes filiados ao MTG-PR e convidados especiais, de outro MTG, desde que se enquadrem nas normas do MTG-PR. (MTG-PR, 2019).

Constata-se que a criação dos Centros de Tradição Gaúcha (CTGs) torna-se um meio vivo de se preservar a cultura gaúcha e um exemplo de uma “sociedade da modernidade tardia”. E que as relações de conservação para manter-se a identidade cultural são destacadas por alguns

estudos de Tradições Gaúchas (OLIVEN, s/d; OLIVEN, 1985; LUVIZOTTO, 2009; LUVIZOTTO, 2010, MACIEL, 2005).

Percebe-se que existem vários ícones da cultura gaúcha, destacando também o hibridismo, não apenas aquele linguístico (trocadilhos gaúchos), mais utilizado na literatura, mas também este, como um processo de tradução cultural, que nunca se completa, mas que permanece em sua indecidibilidade, não como um processo de adaptação, e sim de uma construção dos verdadeiros sistemas de referência, normas e valores, formados a partir do distanciamento de suas regras habituais, sempre negociando a “diferença do outro”, apresentando uma insuficiência com seu sistema de significado e significação. (HALL, 2003).

Observamos que os sistemas de adaptação, tanto como produção e reprodução de costumes e tradições são necessários para a compreensão das manifestações culturais, e que as pessoas “[...] não são meros produtos dos meios envolventes, mas estes também não são totalmente moldáveis pela arbitrária automodelação dos primeiros.” (EAGLETON, 2011, p.15).

5.4 PERCEPÇÃO DA CULTURA GAÚCHA FORA DO RIO GRANDE DO SUL: UM RELATO DE CASO EM PONTA GROSSA

Os primeiros contatos com o CTG ocorreram no final do mês de novembro de 2016. A escolha inicial por este CTG deu-se devido à sua grande popularidade na cidade, por seus eventos gaúchos e pelo conhecimento que possui na região dos Campos Gerais, sendo sede de um dos rodeios mais importantes da localidade. Diante deste cenário, buscou-se telefones de contato pela internet, encontrando-se assim o número do caseiro do CTG, que após a ligação, passou outros contatos importantes (segundo ele), de dois membros do CTG, um homem e uma mulher.

Após a ligação e mensagem pelo aplicativo Whatsapp, com o homem, foi marcada uma visita no espaço e uma conversa com outros representantes do CTG, até este momento o contato apresentou-se como receptivo e interessado. Depois de alguns dias, um convite foi encaminhado através do aplicativo de conversas, para uma festa no local, cada convite custava R\$ 40,00 (quarenta reais), com isso, estabelecia-se um contato maior com o espaço e com o público a ser observado. Até este momento, o grupo mostrou-se interessado na pesquisa, na possibilidade de demonstrar o quanto o espaço em que eles disseminavam a cultura gaúcha era organizado.

No dia da festa, imediatamente após adentrar ao espaço, notou-se muitas pessoas, todas pilchadas (roupas típicas). Através dos automóveis e vestimentas percebeu-se que tratavam de pessoas com alto poder aquisitivo. De imediato, procurou-se entre as pessoas presentes na festividade, os dois contatos prévios. Durante algumas conversas com eles, percebeu-se a preocupação de ambos em demonstrar que o grupo seguia normas e regras estabelecidas pelo MTG. A mulher enfatizava durante as falas, a ampla quantidade de materiais sobre a cultura gaúcha, que embasava todos os acontecimentos dentro daquele espaço. Materiais que ela havia construído com colaboradores.

Embora fosse notável certa satisfação em perceber que havia pessoas interessadas em pesquisar e estudar a cultura gaúcha através do CTG, era visível também uma preocupação constante com o que o pesquisador iria abordar sobre o espaço, quais os objetivos da pesquisa e como estas informações coletadas se repercutiriam. Ou seja, como eles já possuíam pessoas autorizadas a construir as memórias do CTG, era preocupante não ter controle sobre o que e como seria abordado.

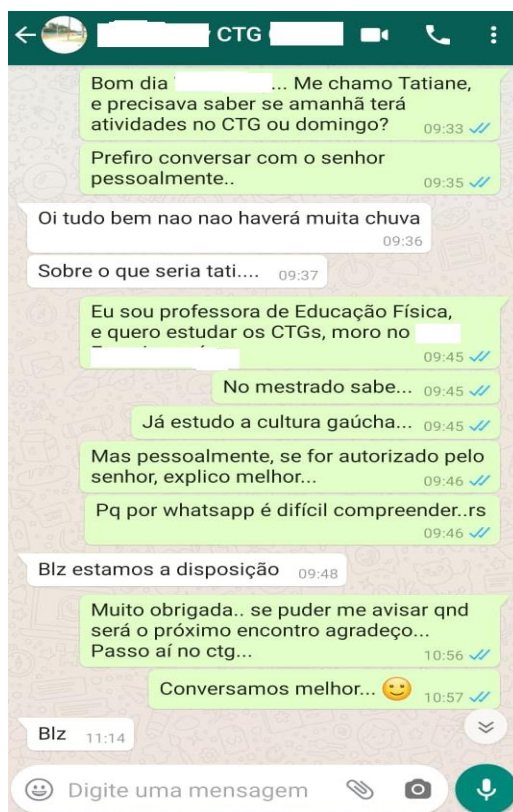
Verificou-se neste contato inicial, que o grupo entendia a importância de se preservar sua história, pois já possuíam acervo de fotos, livros e outras publicações científicas ou não. Entretanto, não era qualquer pessoa que poderia fazer isso. Uma vez que, a entrada de uma pessoa “estranha” naquele espaço, poderia expor questões particulares indesejáveis ao grupo.

Passado o momento da festa, outros contatos foram feitos para iniciar as observações no espaço, porém as respostas foram diminuindo e a empolgação dos contatos iniciais, de ter mais alguém estudando o CTG, deu lugar a um silenciamento nas conversas. Tais ações inviabilizaram a possibilidade de o pesquisador continuar naquele espaço, tornando-se necessário buscar outro CTG para as observações. Diante disto, indagou-se as intenções do convite para a festa.

Em decorrência dessas dificuldades iniciais, optou-se por localizar outro CTG para realizar as observações. Foi a partir desse momento, em que estabeleceu-se o contato com um CTG próximo a região onde moro na cidade. O primeiro contato com o segundo CTG, ocorreu por meio da internet, através do google maps encontrou-se o número do responsável do CTG, o patrão (presidente). Neste contato inicial foi explicado a intenção da pesquisa em poucas palavras, em seguida, solicitou-se uma conversa pessoalmente para não haver equívocos na compreensão.

Abaixo a imagem da conversa, com algumas rasuras, não identificando local e pessoa:

IMAGEM 01: Primeiro contato.

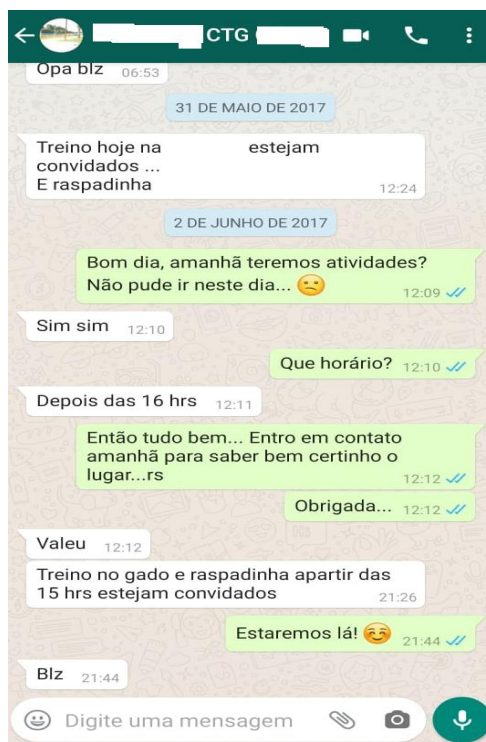


Fonte: os autores.

Posteriormente a esse contato, foram realizados outros, pois neste dia não houve o contato presencial, devido ao grande número de chuvas que estava ocorrendo. Que ocasionaram o cancelamento das atividades do grupo no CTG. Porém, com o passar de uma semana, entrou-se em contato para saber-se sobre o retorno das atividades, não obteve-se retorno, somente mais tarde após as atividades terem sido encerradas.

Apesar disso, o próximo convite para conhecer o local surgiu após o contato do Patrão, avisando sobre as atividades do local, porém devido a compromissos acadêmicos pessoais, na data não houve o contato, somente depois em uma terceira tentativa, que o encontro estabeleceu-se e assim a explanação sobre o estudo ocorreu. Na imagem 02 nota-se o desencontro, a iniciativa e o encontro no CTG:

IMAGEM 02: Reestabelecendo o contato.

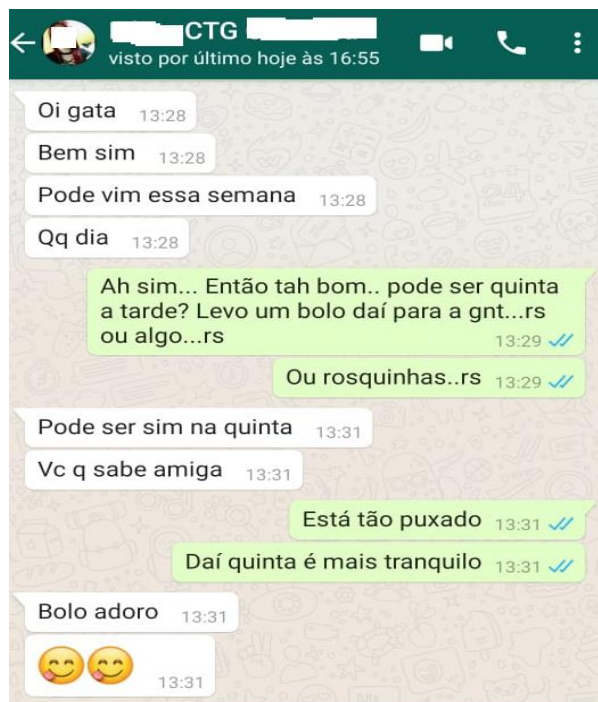


FONTE: os autores.

A partir daí, as visitas ocorreram nas quartas-feiras, a partir das 19:00h, no espaço do CTG, em especial ao lado da pista do laço, na cerca de madeira. Em uma dessas conversas, com membros do CTG, descobri que a nora do Patrão, havia estudado na mesma escola, mantivemos contato, trocamos números de celular e o contato a partir desse momento deu-se a partir dessa nora, para questões particulares e de entendimento da estrutura da cultura gaúcha. Os contatos eram mais do que os contatos de pesquisa, surgindo até o questionamento: Quando iremos tomar um café? Mas sem sua pesquisa?

Neste dia, conversou-se um pouco com ela, sobre a pesquisa, sobre as vivências com os avós através da cultura gaúcha, sobre as famílias, sobre questões individuais do espaço do CTG, dúvidas levantadas a partir dos documentos abordados no MTG-PR, porém a conversa foi amigável e mais de questões pessoais.

IMAGEM 04: Convite para o café.



FONTE: os autores.

A partir desses contatos, dentro do CTG, passou-se a compreender a cultura gaúcha fora dos documentos que regem os CTGs. Notou-se através de uma abordagem mais empírica, uma grande influência de questões regionais na constituição dos CTGs, baseados em sua experiência com movimentos tropeiros, originados de transportes de gados e sua origem campeira, e por estar localizada em uma região denominada de Campos Gerais, no Estado do Paraná. Nesta cidade, os CTGs são expressos por 14 locais, sendo 2 CTGs, que destinam suas atividades para a Invernada Artística, através da dança gaúcha, e os outros 12 CTGs, destinam suas atividades para Invernada Campeira, que tem como atividade principal, o laço comprido, informações estas, disponibilidades pela Coordenação da Região responsável pela cidade.

Nota-se neste exemplo, que os CTGs da cidade de Ponta Grossa, contribuem para a preservação de questões regionais dela, e são influenciados por essas mesmas questões, devido as características agrícolas presentes na região dos Campos Gerais. Nos primeiros contatos com os CTGs, estabeleceu-se dois exemplos, um que será mais aprofundado, o CTG Campeiro, que possibilitou a entrada e permanência, e um mais superficial, o CTG Artístico.

Em observações realizadas no CTG com característica campeira, e com predominância do Laço comprido, verifica-se que as atividades realizadas são um resumo da vida campeira com a vida real, e que durante o eventos realizados, os processos de identificação realiza-se por

dois meios, um por indivíduos que identificam-se com a cultura gaúcha, com o laço comprido, porém vivem vidas diferentes e com profissões diferentes da vida expressa dentro do CTG, utilizando esse espaço para lazer e sociabilização, e outro grupo de pessoas que vivem da vida do CTGs, com o cuidado e criação dos animais, para a manutenção do espaço e dos eventos, colocando o cavalo como um instrumento do seu trabalho e de seu lazer, caso contrário do primeiro grupo de pessoas.

Já em outro grupo de CTG, que aborda a dança, uma das invernadas mais caras para manter-se, segundo integrantes dos CTGs, devido ao transporte para eventos da equipes, roupas e apetrechos, nota-se um grupo mais elitizado e com poder aquisitivo maior, que usa-se de recursos próprios, e poucas licitações através das leis de incentivo à cultura, mudando seus modos de serem dentro do CTG, sempre pilchados (com roupas características), o que não acontece necessariamente nos encontros do CTG campeiro, que vale-se dessas roupas específicas em dias especiais e em eventos, pois o cotidiano do CTG, não permite a manutenção dessa vestimenta, em meio ao barro, excrementos de animais e outras características de uma vivência de criação de animais.

Porém, após a apresentação dessas características, os processos de identificação mantêm-se, pois existe um envolvimento familiar na perpetuação da cultura gaúcha, desde crianças, aprendem os costumes, crenças e vivências dentro do CTG, como o CTG com Invernada Artística, com a aprendizagem de declamação de poemas, a tocar instrumentos e músicas da origem gaúcha, e a dança gaúcha que respeita manuais e livros específicos criados para perpetuar o tradicionalismo gaúcho. Bem como, o CTG de invernada campeira, que tem como predominância o Laço Comprido, em que as crianças aprendem a laçar em cavaletes, em miniaturas de bois de plástico ou em madeira, sendo influenciados pelos pais na montaria de cavalos, e no “modo certo” de laçar, como o exemplo de uma família em que o pai sabia laçar com a mão esquerda, e os filhos, mesmo não respeitando suas características individuais, aprenderam a laçar com a mão esquerda, demonstrando que daquela maneira, através de gerações, o modo eficaz de contribuir com troféus e prêmios nos eventos gaúchos seria aquele.

Após isso, percebe-se na constituição da identidade, estão presentes determinados elementos culturais escolhidos pelo grupo a ser representado, sendo alguns mais característicos e emblemáticos. No entanto, no CTG Campeiro, notou-se que a sua constituição do CTG, partiu de um desentendimento familiar no CTG ao qual participavam anteriormente, não concordando com questões organizacionais dos membros aos quais eram responsáveis, corroborando assim para a elaboração de um Piquete, regido por esse CTG mãe. Então esse CTG Campeiro, nasce

desse desentendimento inicial, sendo um Piquete, devido ao número de integrantes, e mais tarde transformando em CTG, conforme outros membros aderissem as especificações do espaço.

Em um primeiro momento, o processo de construção de identidade cultural desse CTG, expressa-se pelo contato familiar, depois passa a englobar também interesses próprios, ideias próprias e quadros de referência. Gerando assim, um processo de crise, deslocando estruturas e processos centrais, abalando quadros de referências que o sustentavam e ancoram, ratificando a formação identitária e colocando a identidade como algo formado e influenciado pela cultura.

Sendo assim, quando pensa-se em uma definição de identidade, encontra-se um conceito multifacetado, pois os indivíduos não identificam-se somente com um hábito, crença ou norma, mas com uma pluralidade de possibilidades, podendo escolher e resolver seus conflitos, resistências e vontades. Vivendo em determinados momentos, identidades escolhidas pelo indivíduo, como por exemplo nos CTGs citados: possuem valores comuns, como o de perpetuar e valorizar a cultura gaúcha, mas em seu convívio vivem valores singulares que não cabem no momento para a aplicação em outro CTG.

Denota-se que a identidade é influenciada pela cultura em sua constituição, não necessariamente sendo totalmente moldada a partir de todas as suas composições, podendo ser flexível, proporcionando aos indivíduos opções de escolha e mudança. Dado que, a cultura não é sinônimo de identidade e vice-versa. Deste modo, mesmo os CTGs seguindo as normas, crenças, regras, simbologias da cultura gaúcha, cada um possui sua formação identitária.

Na relação mencionada, os CTGs citados compartilham valores comuns e valores singulares. Os valores comuns estão relacionados as normas vividas e representadas na regulamentação do CTG, como as roupas, a alimentação, as músicas, as funções no CTG, norteados pelo MTG. Já os valores singulares, são criados e compartilhados pelo grupo através das interações culturais.

No CTG Campeiro, as singularidades são mais observáveis pelo acesso ao cotidiano, caso contrário, do expresso pelo CTG ao qual o acesso foi limitado. Diferente da cultura gaúcha expressa no senso comum, sendo imaginada como chimarrão, churrasco e bombacha, dentro desse espaço, indaga-se que a cultura apresenta alguns elementos expressas por Marconi e Pressoto (2010, p.27): *conhecimento, valores, normas e símbolos*.

Apropriando-se desses elementos expostos por Marconi e Pressoto (2010), para o entendimento da cultura, observa-se dentro deste CTG Campeiro, que o conhecimento é refletido a partir das experiências herdado através das famílias, desde pequeno as histórias e

memórias são expressas pelos pais e avós, narrando a trajetória da família através das conquistas através do laço comprido.

Na rotina do CTG identifica-se a estruturação de um espaço totalmente voltado a prática do Laço comprido, sendo estas: a manutenção dos animais que compõem o rodeio (bovinos); as relações de com os demais integrantes do CTG, sendo que todas as quartas-feiras acontecem o que chamam de “Vaca-gorda”, momento ao qual os participantes reúnem-se para realizar os treinos para o rodeio (amistoso comparado ao futebol), ou até mesmo como diversão, sem compromisso com a competição. Para alguns, a competição torna-se um meio de ganhar “boas premiações”, e de mostrar a habilidade muitas das vezes passadas de geração em geração.

Outros elementos presentes são as crenças e valores, expressa pela religião católica, pela carta de princípios, pelo patriotismo, pelo código de ética e disciplina, através dos eventos realizados no local. Nesses eventos e fora dele, fica nítido a presença da exaltação à Nossa Senhora Aparecida e ao país, devido à preocupação em auxiliar o Estado, os costumes e tradições presentes na cultura, preservando o linguajar, a culinária, a vestimenta e tudo o que a cultura gaúcha expressa.

Nos eventos oficiais, a figura do patrão fica presente nas apresentações do narrador, condecorando a perseverança na construção e andamento do evento, com o início da armada (tentativa de laçar o boi) realizadas pelo patrão do CTG e pelos patrões dos CTGs convidados. A presença das bandeiras do Brasil, Paraná, Ponta Grossa e do CTG, são apresentadas ao público, que canta o hino nacional, com fervor, e depois realiza orações para proteção e bom andamento do evento. As normas são apresentadas pelos regulamentos e estatutos presentes no MTG-PR, sendo seguida por todos os CTGs no Estado do Paraná.

Os símbolos são expressos pelo cavalo, o chapéu, a bota, a botina, as músicas, a bombacha, o chimarrão e principalmente as camisas personalizadas pelos CTGs.

Nos dias dos eventos, nota-se uma grande preocupação de a vestimenta estar impecável, pois no cotidiano, o barro, os excrementos dos animais, dão lugar a uma calça jeans desbotada, uma botina, camiseta mais usada e a um boné para o manuseio (lida) com os animais. O chimarrão dá lugar a uma cerveja gelada para relaxar de um dia longo de trabalho, acompanhados de um salgado frito, vendidos no próprio CTG, através de uma lanchonete improvisada, dando espaço ao estilo sertanejo que toca na atualidade.

Verifica-se dentro todas as características presentes, que o homem torna-se o centro da cultura, de suas especificações, principalmente quando relacionados a criação de simbologias e perpetuação desses símbolos, distinguindo-se de povos, legitimando seus hábitos

e costumes. Sendo assim, quando volta-se para a análise desse processo de criação semiótica, o acesso empírico a eles e a inspeção desses símbolos ou signos é necessária, para evitar-se elaboração de discussões abstraídas por padrões unificados, que não expressam realmente os sistemas culturais (GEERTZ, 2008).

Alguns advêm e são buscados no passado do grupo, em um modo de vida muitas das vezes desaparecido, ou seja, aquilo que é conhecido geralmente como tradição. Porém essa mesma tradição requer alguns cuidados para ser estabelecida, pois faz relação com o passado e presente, tentando reproduzir o que um dia foi original e único, criado em um momento distante, conservando-se e permanecendo-se como uma “sobrevivência do passado”. (MACIEL, 2005, p. 445).

Compreendendo-se que a identidade é totalmente construída, que as experiências vividas na diáspora podem afetar na formulação dessa identidade, pois ninguém migra de um lugar para o outro ou herda e se apropria de determinadas culturas sem ser afetado por essa experiência. Tudo o que é histórico, acaba trazendo uma transformação constante. (HALL, 1996).

5.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As situações de diáspora são geradas a partir de conflitos econômicos e de perseguição. No caso do gaúcho sua dispersão ocorreu por motivos financeiros, devido mecanização de fazendas e escassez de perspectiva de vida no Rio Grande do Sul. Com isso o povo gaúcho, através do incentivo de seus governantes, e da intensa propaganda acabaram se sujeitando a procurar condições de vida melhores. E foi com o Movimento da “Marcha para o Oeste”, se estimulou a vinda deste povo para o Paraná e conseqüentemente sua cultura e ascensão também como abordadas anteriormente até com a colonização de algumas cidades do estado. Reforçando o exposto por Hall (2003), quando aborda sobre o mito fundador desse processo diaspórico.

Constata-se que os processos de identificação cultural em situações diaspóricas acontecem a partir de um distanciamento das tradições vivenciadas na terra abandonada, um elo se forma com a cultura ao qual foi inserido anteriormente e que no presente se faz distante. Observa-se que o gaúcho em sua vivência no CTG, busca trazer os aspectos mais próximos da cultura que foi deixada, no qual duas culturas convergem com seus propósitos: tradicionalista e a tradicional, esta última mais aberta a mudanças e aceitações dos locais inseridos, no qual os

processos de diferenciação começam a influenciar na cultura tornando-a mais flexível e aberta a novos hábitos e costumes.

Nota-se que a identidade cultural é totalmente construída e sofre alterações conforme as experiências dos indivíduos tornam-se adultos, no qual cada sujeito torna-se responsável em fazer de suas tradições a construção do seu próprio eu. Reforçando como a adaptação dos gaúchos se faz presente através da criação dos CTGs, na tentativa de não se perder totalmente a cultura gaúcha.

REFERÊNCIAS

- BHABHA, H. **O local da cultura**. Belo Horizonte: EDUFMG, 2007.
- CANCLINI, N. **A globalização imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2007.
- EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. 2ª ed. São Paulo: UNESP, 2011.
- G1 RBS. **Quase 40% dos CTGs estão fora do RS**: confira o mapa do tradicionalismo. Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/semana-farroupilha/2015/noticia/2015/08/quase-40-dos-ctgs-estao-fora-do-rs-confira-mapa-do-tradicionalismo.html>. Acesso em 23 de dezembro de 2016.
- GEERTZ, C. **Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- HAESBAERT, R. A noção de rede regional: reflexões a partir da migração "gaúcha" no Brasil. **Revista Território**, v. 111, n. 4, p. 55-71, 1998.
- HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- HALL, S. Culture, community, nation. **Cultural Studies**, v.7, n.3, p. 349-363, 1993.
- HALL, S. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Org. Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG, Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.
- HALL, S. Identidade cultura e diáspora. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, v.1, n. 24, p. 68- 75, 1996.
- HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença: A perspectivas dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000, p.103-133.
- KONFLANZ, C. **A moderna tradição gaúcha: um estudo sociológico sobre o tradicionalismo gaúcho**. Dissertação apresentada no Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2013.

KUPER, A. **Cultura: a visão dos antropólogos**. Tradução Mirtes Frange de Oliveira Pinheiros. Bauru, SP: Edusc, 2002.

LESSA, L. C. B. **Rodeio dos Ventos**. Porto Alegre, RBS: Globo, 1978.

LUVIZOTTO, C. K. **As tradições gaúchas e sua racionalização na modernidade tardia**. São Paulo: UNESP, 2010.

LUVIZOTTO, C. K. **Cultura Gaúcha e separatismo no Rio Grande do Sul**. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora USP, 2009.

MACIEL, M. E. S. Patrimônio, tradição e tradicionalismo: o caso do gauchismo, no rio grande do sul. Rio Grande do Norte, **Revista de humanidades - Mneme**, v. 7, n. 18, p. 439-460, 2005.

MARCONI, M. A.; PRESSOTO, Z. M. N. **Antropologia: uma introdução**. São Paulo: Atlas, 2010.

MONDARDO, M. L. A diáspora gaúcha e catarinense para o Paraná e a representação do “lugar do futuro”: A (re) invenção da Região Sudoeste entre 1940-1970. **Revista de Humanidades – Mneme**, Caicó-RN, v. 11, n. 27, p. 203-217, 2010.

MTG-PR. **Regulamento Artística**. Disponível em: <https://www.mtgparana.org.br/>. Acesso em 20 de junho de 2019.

MTG-PR. **Regulamento Campeira**. Disponível em: <https://www.mtgparana.org.br/>. Acesso em 20 de junho de 2019.

MTG-PR. **Regulamento Cultural**. Disponível em: <https://www.mtgparana.org.br/>. Acesso em 20 de junho de 2019.

MTG-PR. **Regulamento Esportiva**. Disponível em: <https://www.mtgparana.org.br/>. Acesso em 20 de junho de 2019.

MTG-PR. **Regulamento Geral do MTG do Paraná**. Disponível em: <https://www.mtgparana.org.br/>. Acesso em 20 de junho de 2019.

OLIVEN, R. G. A fabricação do Gaúcho. **Cadernos Seru** (2ª série). nº.1, 1985.

OLIVEN, R. G. Cultura e identidade nacional no Brasil. In: MEDEIROS, J.L. (Org). **Identities em movimento: nação, cyberspaço, ambientalismo e religião no Brasil contemporâneo**. Editora Sulina: Porto Alegre, 2008, p. 103-121.

OLIVEN, R. G. **Em busca do tempo perdido: o movimento tradicionalista gaúcho**. Disponível em: http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_15/rbcs15_03.htm. Acesso em 01 de setembro de 2016.

PIERUCCI, A. F. Identidades culturais: uma discussão em andamento. In: ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografias dos estudos culturais: Uma versão latinoamericana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

RIO GRANDE DO SUL. **Movimentos migratórios: Mais de 1 milhão de gaúchos residem em outros estados do Brasil.** Disponível em: <https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/migracoes>. Acesso em 20 de abril de 2018.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO PARANÁ. **Tropeirismo.** Disponível em: <http://www.geografia.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=316>. Acesso em 10 de setembro de 2016.

SIMON, P. **A Diáspora do Povo Gaúcho.** Brasília: Senado Federal, 2009.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar as produções acadêmicas sobre a cultura gaúcha, depara-se em um primeiro momento com um gaúcho construído através de uma perspectiva idealizada e cultuada perante seus admiradores, um ser imaginado, representado através da complexa formação desse grupo. Os estudos demonstram também, a necessidade de preservação de suas características, por meio de lugares de memória como os Centros de Tradições Gaúchas – CTGs, bem como a importância da preservação de documentos e a necessidade de órgãos regulamentadores.

Percebe-se na construção da figura do gaúcho, através dos estudos apresentados, o aparecimento de características reportadas de obras literárias presentes na sua terra de origem - o Rio Grande do Sul, expresso por um personagem mitológico, com particularidades estas que engrandecem e vangloriam o mito criado. Normalmente ocultando e ignorando as representações estabelecidas principalmente na literatura argentina em que o gaúcho é apresentado como ladrão ou vagabundo, que matava touros chimarrões. (LESSA, 1978).

Os estudos encontrados relacionados à identidade gaúcha abordam aspectos de territorialização desse povo, muitas vezes expressas por não gaúchos (COLASANTE, 2017/MICHELIN; TEIXEIRA, 2017), normalmente reconstruindo a perspectiva mitológica. Constatou-se a ausência de estudos em torno da constituição da identidade gaúcha que abordassem de forma conexa uma discussão teórica sobre cultura e identidade. Visto que, com o detalhamento de elementos teóricos sobre identidade e cultura tem-se um aporte de análise para a cultura gaúcha expressa fora do Rio Grande do Sul, pois é a partir desses subsídios que encontra-se suporte para perceber como é a formação e construção identitária desse grupo.

Partindo destas assertivas, verificou-se através do estado do conhecimento sobre identidade cultural a grande prevalência de Stuart Hall como referência central para os estudos, e pouca utilização de outros autores que possibilitassem visões diferenciadas e/ou mais aprofundadas sobre o tema.

Verificou-se que o emprego do autor Stuart Hall foi à partir da sua relevância no campo dos estudos culturais, como sendo um dos autores precursores dessa abordagem, corroborando com pensamentos modernos sobre a identidade cultural, relacionadas a globalização, modernização e a influência da migração neste processo de formação. Ainda, nestes mesmos estudos, o conhecimento criado para o entendimento da identidade cultural deu-se a partir da relação dos conceitos de Identidade e Cultura.

Sendo assim, uma das questões observadas a respeito da identidade cultural, é a necessidade em compreender o que é uma cultura e os processos de identificação do indivíduo no decorrer de sua vida. Pois, a identidade cultural seria abordada a partir de laços estreitos e de aproximação, sejam eles com a família, religião, país, etc., porém verifica-se que a construção de uma identidade cultural é abordada a partir de diversas exterioridades em sua constituição, sejam elas: políticas, econômicas, sociais ou geotérmicas, entre outros. A partir dessas minuciosidades no método de análise, pode-se perceber como a estruturação do grupo acontece, destacando que nesse processo de formação identitária há existência de jogos de poder, salientados em decorrência do conceito de diferença, que mostra as aproximações e distanciamentos desse grupo em relação a outras formas de identificação.

Em uma abordagem geral, no caso do gaúcho sua dispersão ocorreu por motivos financeiros, devido mecanização de fazendas e escassez de perspectiva de vida no Rio Grande do Sul. Com isso o povo gaúcho, através do incentivo de seus governantes, e da intensa propaganda acabaram se sujeitando a procurar condições de vida melhores. E foi com o Movimento da “Marcha para o Oeste”, se estimulou a vinda deste povo para o Paraná e conseqüentemente sua cultura e ascensão, com a colonização de algumas cidades do estado. Reforçando o exposto por Hall (2003), quando aborda sobre o mito fundador desse processo diaspórico.

Constata-se que os processos de identificação cultural em situações diaspóricas acontecem a partir de um distanciamento das tradições vivenciadas na terra abandonada, um elo se forma com a cultura ao qual foi inserido anteriormente e que no presente se faz distante. Observa-se que o gaúcho em sua vivência principalmente no CTG, busca trazer os aspectos mais próximos da cultura que foi deixada, no qual duas culturas convergem com seus propósitos: tradicional e a tradicionalista, esta última mais aberta a mudanças e aceitações dos locais inseridos, no qual os processos de diferenciação começam a influenciar na cultura tornando-a mais flexível e aberta a novos hábitos e costumes.

Nota-se que a identidade cultural é totalmente construída e sofre alterações conforme as experiências dos indivíduos, no qual cada sujeito torna-se responsável em fazer de suas tradições a construção do seu próprio eu. Como acontece com a evolução do crescimento dos CTGs, a partir das diferenças entre o próprio grupo estabelecido, possibilitou-se a criação de um Piquete (um grupo com menos pessoas), ligado a um CTG mãe, que posteriormente, conquista sua ascensão transformando no seu próprio CTG, com seus significados, regras, signos, predileções, etc.

Então, quando volta-se para a constituição da identidade, entende-se que o indivíduo faz parte de um determinado ambiente, e esse ambiente é constituído de determinada cultura, que por sua vez, influencia na formação dessa identidade, porém, com diversas mudanças, essa identidade torna-se múltipla, capaz de oferecer ao indivíduo, caminhos distintos, opções a seguir, sendo ele responsável também pela formação dessa identidade. Uma vez moldado pelo ambiente, e podendo organizar esse ambiente conforme suas vontades.

Sendo assim, quando pensa-se em uma definição de identidade, encontra-se um conceito multifacetado, pois os indivíduos não identificam-se somente com um hábito, crença ou norma, mas com uma pluralidade de possibilidades, podendo escolher e resolver seus conflitos, resistências e vontades. Vivendo em determinados momentos, identidades escolhidas pelo indivíduo, como por exemplo nos CTGs citados: possuem valores comum, como o de perpetuar e valorizar a cultura gaúcha, mas em seu convívio vivem valores singulares que não cabem no momento para a aplicação em outro CTG.

Assim, em abordagem antropológica de cultura, ressalta-se as diferenças de grupos, onde engloba-se aspectos simbólicos de determinado grupo, particularidades, abarcando a criação de linguagem, símbolos, crenças, valores, etc., próprios do mesmo. Pode-se através dela, descobrir peculiaridades não vistas em documentos sociológicos, devido a algumas vezes denotarem um padrão de análise cultural, que nem sempre expressa realmente o que aquela cultura quer perpassar.

Portando, quando apropriando-se de elementos expostos por Marconi e Pressoto (2010), para o entendimento da cultura, observa-se dentro deste CTG Campeiro, que o conhecimento é refletido a partir das experiências herdado através das famílias, desde pequeno as histórias e memórias são expressas pelos pais e avós, narrando a trajetória da família através das conquistas através do laço comprido.

Na rotina do CTG identifica-se a estruturação de um espaço totalmente voltado a prática do Laço comprido, sendo estas: a manutenção dos animais que compõem o rodeio (bovinos); as relações de com os demais integrantes do CTG, sendo que todas as quartas-feiras acontecem o que chamam de “Vaca-gorda”, momento ao qual os participantes reúnem-se para realizar os treinos para o rodeio (amistoso comparado ao futebol), ou até mesmo como diversão, sem compromisso com a competição. Para alguns, a competição torna-se um meio de ganhar “boas premiações”, e de mostrar a habilidade muitas das vezes passadas de geração em geração.

Outros elementos presentes são as crenças e valores, expressa pela religião católica, pela carta de princípios, pelo patriotismo, pelo código de ética e disciplina, através dos eventos

realizados no local. Nesses eventos e fora dele, fica nítido a presença da exaltação à Nossa Senhora Aparecida e ao país, devido à preocupação em auxiliar o Estado, os costumes e tradições presentes na cultura, preservando o linguajar, a culinária, a vestimenta e tudo o que a cultura gaúcha expressa.

Porém, quando adentra-se essa estrutura, nota-se no cotidiano as novas formulações da cultura gaúcha, nos dias dos eventos, nota-se uma grande preocupação de a vestimenta estar impecável, pois no cotidiano, o barro, os excrementos dos animais, dão lugar a uma calça jeans desbotada, uma botina, camiseta mais usada e a um boné para o manuseio (lida) com os animais. O chimarrão dá lugar a uma cerveja gelada para relaxar de um dia longo de trabalho, acompanhados de um salgado frito, vendidos no próprio CTG, através de uma lanchonete improvisada, dando espaço ao estilo sertanejo que toca na atualidade.

Verifica-se dentro todas as características presentes, que o homem torna-se o centro da cultura, de suas especificações, principalmente quando relacionados a criação de simbologias e perpetuação desses símbolos, distinguindo-se de povos, legitimando seus hábitos e costumes. Sendo assim, quando volta-se para a análise desse processo de criação semiótica, o acesso empírico a eles e a inspeção desses símbolos ou signos é necessária, para evitar-se elaboração de discussões abstraídas por padrões unificados, que não expressam realmente os sistemas culturais.

Pois, na literatura depara-se com um gaúcho mitológico, representado com estruturas estabelecidas e exigidas por órgãos reguladores, mas no cotidiano, as relações pessoais e sociais, modificam o estabelecido inicialmente. Dando, características de identificação e formação de espaço cultural específicos e particulares, diferenciando assim a cultura gaúcha dentro dos próprios grupos, os CTGs.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **A cultura no mundo líquido moderno**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: J Zahar Editor, 2005.

BOAS, F. **Antropologia Cultural**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2005.

BOURDIEU, P. **A Distinção**: crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk, 2010.

- BOURDIEU, P. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 2011.
- CANCLINI, N. **A globalização imaginada**. São Paulo, Iluminuras, 2007.
- CASTELLS, M. **A era da informação: O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- COLASANTE, T. A territorialidade gaúcha no norte do Paraná: apontamentos sobre identidade, migração e cultura nos centros de tradições gaúchas. **Revista Formação**, São Paulo, v. 1, n. 25, p. 133-153, 2017.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- HAESBAERT, R.; LIMONAD, E. O território em tempos de globalização. Rio de Janeiro. **Etc..., espaço, tempo e crítica - Revista Eletrônica de Ciências Sociais Aplicadas e outras coisas**, v.1, n.2, 2007.
- HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- HALL, S. Identidade cultural e diáspora. Brasília, **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. v. 1, n. 24, p. 68 – 75, 1996.
- LUVIZOTTO, C. K. **As tradições gaúchas e sua racionalização na modernidade tardia**. São Paulo: UNESP, 2010.
- LUVIZOTTO, C. K. **Cultura Gaúcha e separatismo no Rio Grande do Sul**. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora USP, 2009.
- MACIEL, M. E. S. Patrimônio, tradição e tradicionalismo: o caso do gauchismo, no rio grande do sul. Rio Grande do Norte, **Revista de humanidades - Mneme**, v. 7, n. 18, p. 439 – 460, 2005.
- MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- MARCONI, M. A.; PRESSOTO, Z. M. N. **Antropologia: uma introdução**. São Paulo: Atlas, 2010.
- MICHELIN, R. L.; TEIXEIRA, P. R. Cultura gaúcha: a percepção dos frequentadores da XXIX Semana Frroupilha do CTG Nova Querência - Boa Vista – Roraima. **Cultur: Revista de Cultura e Turismo**, Ilhéus- BA, ano. 11, n. 03, 2017.
- MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO. **Movimento Tradicionalista Gaúcho do Paraná**. Disponível em: <http://www.mtgparana.org.br/>. Acesso em 19 de maio de 2016.
- OLIVEN, R. G. A fabricação do Gaúcho. São Paulo, **Cadernos Seru**, v. 2, n. 1, p. 79 – 91, 1985.
- OLIVEN, R. G. **Cultura e identidade nacional no Brasil**. In: MEDEIROS, J.L. (Org). **Identidades em movimento: nação, cyberspaço, ambientalismo e religião no Brasil contemporâneo**. Editora Sulina: Porto Alegre, 2008.

OLIVEN, R. G. **Em busca do tempo perdido**: o movimento tradicionalista gaúcho.
Disponível em: http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_15/rbcs15_03.htm.
Acesso em 01 de setembro de 2016.

SANTOS, R. J. Consumo e legitimidade na cultura mundializada. Islas Canarias, **Pasos Revista de Turismo e Patrimônio Cultural**. v. 2, n. 1, p. 75 – 84, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (ORG). **Identidade e diferença** – a perspectiva dos estudos culturais.
Petrópolis: Vozes, 2012.